



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais

Os Institutos Culturais Açorianos:
*Uma análise Sociológica sobre a Comunidade
Intelectual*

JÚLIA MARÍLIA PINTO PARADA

PONTA DELGADA

2013

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

JÚLIA MARÍLIA PINTO PARADA

Os Institutos Culturais Açorianos:
*Uma análise Sociológica sobre a Comunidade
Intelectual*

*Dissertação apresentada na Universidade dos Açores para obtenção do grau de Mestre em
Sociologia, sob a Orientação da Professora Doutora Pilar Damião de Medeiros*

PONTA DELGADA

2013

RESUMO

Numa perspectiva sociológica pretendemos analisar não só os dilemas e paradoxos da Comunidade Intelectual Açoriana, como também o contributo sociocultural destes através dos *Institutos Culturais Açorianos*. Para apreender o contributo cultural dos *Institutos Culturais Açorianos* na relevância social, torna-se importante estudar em paralelo a comunidade Intelectual Açoriana, efectuando-se uma análise sócio-histórica sobre a génese do próprio conceito de intelectual desde o *Affaire Dreyfus*. Ambicionando deslindar se os institutos e a Comunidade Intelectual que deles fazem parte, estabelecem sinergias com a sociedade ou se, de forma implícita, permanecem como um nicho elitista, i.e., de resistência a uma “cultura de massas” que tende a prevalecer no “mundo da vida”. Metodologicamente, a análise dos documentos, conjugada com o questionário contribuirá para depreender se: *A Comunidade Intelectual pertencente aos Institutos Culturais Açorianos permanece como um nicho elitista ou é uma interveniente activa na esfera pública Açoriana.*

Palavras-chave: *Intelectual; Cultura; Institutos Culturais Açorianos*

ABSTRACT

In a sociological perspective we intend to analyze not only the dilemmas and paradoxes of Azorean intellectual community, as the contribution of sociocultural through the Azorean Cultural Institutes. To understand the cultural impact of the Azorean intellectual community, on social relevance, it becomes important to study in parallel the Azorean intellectual community, making it a socio-historic account of the genesis of the concept of intellectual since the *Affaire Dreyfus*. Coveting unravel the Institutes and Community Intellectual forming part of them, establish synergies with the company, or, by implication, remain as an elitist niche, ie, resistance to a “mass culture” that tends to prevail in the “world of life.” Methodologically, the analysis of documents, combined with the questionnaire will help to deduce: The Intellectual Community Cultural Institutes belonging to the Azorean remains an elitist niche or is a player active in the public sphere Azores.

Keywords: *Intellectual; Culture; Azorean Cultural Institutes*

*Dedico esta Dissertação àquele que foi o
Grande Intelectual da minha Vida,
Eugénio Parada.*

AGRADECIMENTOS

Um mestrado, apesar de individual é um cruzamento entre conhecimentos e ensinamentos, sendo neste sentido uma experiência partilhada. Assim, é também neste contexto que desejo expressar o meu mais sincero agradecimento a todos aqueles que com as suas palavras, ensinamentos e estímulos contribuíram para o finalizar desta dissertação. Nos anos mais recentes, os membros académicos do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores, contribuíram de variadas formas para o meu crescimento intelectual e, portanto, indirectamente, para esta dissertação. No momento que concluo esta etapa da minha vida agradeço à Professora Doutora Pilar Damião de Medeiros, pela sua valiosíssima orientação nesta dissertação. Orientação esta que foi para além da sugestão de bibliografia, discussão de conceitos, partilha de ideias, análise crítica ou estruturação do trabalho. Foi sim, acima de tudo, uma transmissão de conhecimentos, testemunhos, sentimentos e experiência acumuladas ao longo de um itinerário intelectual e de vida. Tenho a convicção de que a sua exemplaridade deixará marcas duradouras na minha trajectória futura.

O meu transbordante sentimento de gratidão à minha família, Carlos, Bernardo, Bianca e Simão, que me apoiaram incondicionalmente durante todo este percurso académico.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| | |
| CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 11 |
| | |
| 1. Cultura | 12 |
| 1.1. As distintas conotações atribuídas ao conceito de cultura | 13 |
| 1.2. Cultura e suas tipologias | 15 |
| 1.3. A marcha da cultura açoriana | 20 |
| | |
| 2. Intelectual | 27 |
| 2.1. Abordagem sócio-histórica sobre o intelectual público e suas múltiplas representações | 28 |
| 2.2. A responsabilidade socio-cultural do intelectual | 37 |
| 2.3. O papel da comunidade intelectual açoriana e a sua intervenção na esfera pública através do discurso literário | 43 |
| | |
| 3. Institutos culturais açorianos | 51 |
| 3.1. A relevância do surgimento dos institutos culturais açorianos | 52 |
| 3.2. Caracterização dos institutos culturais açorianos e comunidade intelectual | 56 |
| 3.2.1. Instituto Histórico da Ilha Terceira | 56 |
| 3.2.2. Instituto Cultural de Ponta Delgada | 62 |
| 3.2.3. Núcleo Cultural da Horta | 65 |
| 3.2.4. Instituto Açoriano de Cultura | 69 |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO | 74 |
| 1. Metodologia de investigação | 75 |
| 1.1. Introdução | 76 |
| 1.2. Objectivos | 79 |
| 1.3. Hipóteses | 79 |
| 1.4. Método | 80 |
| 2. Análise de dados | 83 |
| 2.1. Introdução | 84 |
| 2.2. Análise descritiva das variáveis | 84 |
| 2.3. Teste das hipóteses | 88 |
| 3. Considerações finais | 98 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 101 |
| REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS | 108 |
| ANEXOS | 110 |
| ANEXO 1: Questionário | 111 |
| ANEXO 2: Tabelas | 115 |
| ANEXO 3: Gráficos | 166 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no Mestrado em Sociologia da Universidade dos Açores centrando-se nos institutos culturais açorianos e nos intelectuais públicos que deles fazem parte, propondo estudar o contributo socio-cultural destes através do *Instituto Histórico da Ilha Terceira*, *Instituto Cultural de Ponta Delgada*, *Instituto Açoriano de Cultura e o Núcleo Cultural da Horta*, que se encontram localizados em diferentes ilhas.

As diversas ilhas Açorianas são marcadas por diferenças geográficas e geo-humanas, acentuando a dispersão das ilhas entre si e pontos de uma mesma ilha, por estarem inseridos nessa realidade os institutos apresentam igualmente características distintas, o que se afigura como relevante para o presente estudo. A vivência num pedaço de terra limitado, cercado pelo vasto oceano, define um modo particular de pensar, sentir e agir, ou seja, um modo particular de ser. A temática açoriana encontra-se, pois, intimamente relacionada com peculiaridades de mundividência. A restrita dimensão territorial, contrapondo-se à extensão marítima, denota, inicialmente, o isolamento a que estão subordinados os ilhéus. Podemos afirmar ainda que, outros elementos reúnem-se e interferem no aspecto ligado à mensurabilidade. Esses dizem respeito à geografia (relevo), ao ambiente (conjunto de condições materiais, sociais, morais, psicológicas, económicas e culturais, que definem o meio e envolvem os indivíduos) e à história (processo de formação que singulariza o espaço). De acordo com estes factores, as ilhas assemelham-se por apresentar uma determinada extensão de terra, caracterizada pelo mar, mas no restante diferenciam-se, pois cada espaço insular apresenta condições que o individualiza. Nesse sentido, entendemos que a insularidade ultrapassa a circunscrição espacial, influencia sentimentos e, por conseguinte, incide na produção de diversos discursos, destacando-se o discurso literário. Por outro lado, as mudanças registadas na sociedade em geral, têm contribuído para uma profunda alteração nas dinâmicas dos institutos, mudanças que se têm reflectido nas atitudes dos seus membros e nas suas representações sociais. Os institutos não são indiferentes à cultura do seu espaço, pelo que as características culturais que apresentam são, de algum modo, o retrato da sociedade onde se encontram implementadas.

Esta dissertação de mestrado teve como origem o interesse pelos institutos culturais açorianos e, conseqüentemente, pelo discurso dos intelectuais que deles fazem parte. Pretendendo como objectivo geral: *deslindar se os institutos culturais açorianos e a comunidade intelectual que deles fazem parte estabelecem sinergias com a esfera pública açoriana*. Como designa Jürgen Habermas ([1992] 1997) a *esfera pública* é um espaço de discussão, fundamentada na

capacidade de confrontar argumentos racionais com a opinião baseada na razão, assemelha-se a uma rede para a comunicação de conteúdos, tomada de posição e opiniões. Essa rede é complexa e distribui-se por arenas internacionais, nacionais, regionais ou locais, que interagem. Em *Imaginários sociais modernos* Charles Taylor (2010) alude que a esfera pública é um espaço comum em que os membros da sociedade se encontram através de uma multiplicidade de meios para debaterem assuntos de interesse comum e serem capazes de produzir a seu respeito uma mente comum. Esta mente comum é uma visão reflexiva, derivada do debate crítico e não apenas uma soma de determinadas concepções presentes na população. É o lugar de uma discussão que potencialmente implica toda a gente, em que a sociedade pode chegar a um acordo sobre assuntos importantes, é uma conexão que não é constituída por nada além da acção comum que nela levamos a cabo: chegar a uma mente comum mediante a troca de ideias. Como objectivos específicos pretendemos: *verificar se a sociedade açoriana com incidência na Universidade dos Açores tem conhecimento sobre os institutos culturais açorianos e analisar se o trabalho realizado pela comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos tem visibilidade na sociedade açoriana.*

No seguimento do aludido, esta dissertação centra-se nos institutos culturais açorianos e nos intelectuais que os integram como actores sociais, apresentando como ponto de partida a seguinte questão: *A comunidade intelectual pertencente aos Institutos Culturais Açorianos permanece como um nicho elitista ou é uma interveniente activa na esfera pública Açoriana?* Aspirando compreender se a comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos, estabelecem sinergias com a sociedade ou se, de forma implícita, permanecem como um nicho elitista. Pretendemos deste modo aferir: (i) *se os institutos de cultura açoriana são um foco cultural restrito, então mantêm uma visão elitista da cultura;* (ii) *os intelectuais açorianos sentem-se socialmente comprometidos, então servem-se dos institutos para intervir na esfera pública açoriana.*

Desta forma, iniciaremos esta dissertação com a abordagem dos conceitos relacionados com a temática, designadamente a *Cultura* e as suas distintas conotações, tipologias e manifestações culturais açorianas; o *Intelectual* com uma abordagem sócio-histórica, as suas múltiplas representações e responsabilidade socio-cultural, o papel da comunidade intelectual açoriana e a sua intervenção na *esfera pública* através do discurso literário; por último abordaremos a relevância do surgimento dos Institutos Culturais Açorianos e a sua caracterização.

Para estudar a relevância social e o contributo cultural dos *Institutos Culturais Açorianos*, torna-se importante estudar, em paralelo, o papel social do intelectual açoriano. Segundo E. Said, o próprio conceito de intelectual é ambíguo, pois acarreta uma diversidade de representações. Já em *As Representações do Intelectual* ([1993] 2000), o autor distingue várias visões, ou melhor, configurações do intelectual: a elitista de Julien Benda, o intelectual orgânico de A. Gramsci e o politicamente comprometido J.P. Sartre.

No seguimento desta assunção, segundo Norberto Bobbio (1997), apesar de possuírem diversas denominações os intelectuais sempre existiram, pelo facto de que em todas as sociedades existe ao lado do poder político e poder económico, o poder ideológico, que se realiza sobre o intelecto através da criação e transmissão das ideias, de símbolos, de aspectos do mundo, através do uso da palavra. Todas as sociedades têm os seus possuidores do poder ideológico, cujo papel muda de sociedade para sociedade, de época para época, assim como as relações de contraposição ou de aliança, que mantém com os outros poderes. Nas sociedades pluralistas, o poder ideológico encontra-se fragmentado e actua em varias direcções, por vezes contrastantes entre si. Na perspectiva de Norberto Bobbio (1997: 11) “[...] essa é uma razão pela qual o juízo global a respeito dos intelectuais é sempre inadequado, desviante, além de objectivamente falso.” Na verdade, todos os sistemas sociais de grande dimensão dependem dos padrões de interacção social em que cada indivíduo se envolve no decorrer do seu quotidiano.

Envolvidos neste quesito e tendo em conta que o melhor testemunho da presença da cultura na sociedade contemporânea é o debate sempre vivo e actualíssimo sobre a tarefa e responsabilidade dos intelectuais. Esta acepção entronca nas considerações de Edward W. Said no que concerne a *responsabilidade social do intelectual* ou na de Zygmunt Bauman no que diz respeito ao *intelectual como legislador vs intelectual mediador/intérprete cultural*, que servirá como base para o estudo sociológico do papel dos intelectuais na modernidade e nos Açores, através dos institutos.

Capítulo I
Enquadramento teórico

1. Cultura

Sumário

-
- 1.1. As distintas conotações atribuídas ao conceito de Cultura**
 - 1.2. Cultura e suas tipologias**
 - 1.3. A marcha da cultura açoriana**
-

1.1. As distintas conotações atribuídas ao conceito de Cultura

A Cultura é um conceito presente nas reflexões teóricas mais esmeradas e nas reflexões quotidianas menos apuradas. Podemos atestar que a cultura é uma preocupação distinta na e da contemporaneidade. Trata-se de uma palavra polissémica, tem sido usada com múltiplos significados e são-lhe conferidos vários atributos, tais como: popular e erudita. A cultura não possibilita apenas que se descreva e apreenda uma realidade, mas aponta trilhos para sua transformação. Leva-nos a entender o processo histórico que produz a sociedade e a própria cultura, as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade. Contribui para o entendimento dos processos de transformação pelos quais passam as sociedades contemporâneas, ajudando a pensar a própria realidade social e o processo de construção de identidades culturais.

Com o intuito de melhor apreender o termo “cultura”, torna-se fundamental uma breve alusão à sua evolução histórica. Segundo Crespi (1997), originariamente o termo era usado para mencionar o processo de formação da personalidade através da aprendizagem, a palavra cultura deriva do latim *Colere* que indica o ato de cultivar a terra. O termo é progressivamente ampliado em sentido metafórico até à cultura do “espírito”, ganha dimensões e abarca para além do cultivar das faculdades espirituais, o da língua, da arte, das letras e ciências. Em meados do século XVIII com o Iluminismo, o termo sofre um alargamento, passa a integrar o património universal dos conhecimentos e valores da história da humanidade. Neste período, afirma-se o conceito de *civilidade* ou *civilização*, que exprime o refinamento cultural dos costumes em oposição a pretensa barbárie das origens ou à dos povos considerados não civilizados. A ideia de civilidade é produto da transformação ocorrida no pensamento ocidental, a palavra francesa *civilisation* conotada com este novo sentido evoca o desenvolvimento das formas de cortesia, o controlo sobre as paixões e a violência que advém do desenvolvimento da cultura enquanto resultado de um movimento colectivo que permite a humanidade sair do estado primitivo.

Partindo da ideia de refinamento da personalidade, a cultura transformou-se na enunciação das formas de conhecimento dominantes nas sociedades que se formavam na Europa. O aspecto da preocupação com a cultura nasce assim inclinado para o conhecimento erudito ao qual só tinham acesso as classes dominantes. Esse conhecimento erudito opunha-se ao conhecimento da maioria da população, um conhecimento que se supunha insignificante e que aos poucos passou a ser compreendido como uma forma de cultura, a cultura popular.

Uma das primeiras tentativas para a definição científica de cultura, ou de elaboração de um conceito capaz de delimitar de modo suficientemente rigoroso o contorno dos fenómenos culturais enquanto objecto de estudo das ciências sociais foi formulado por Edward Tylor (1871), que definia a cultura “[...] como conjunto de elementos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, uso e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (*in* Crespi, 1997: 13). Na mesma linha de pensamento, Franz Boas (1964), define a cultura como a soma de reacções, actividades mentais e físicas que exprimem o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social. Em conformidade encontramos em T. S. Eliott (1988) a ideia de que, cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe.

A cultura hoje, na óptica de Diane Crane (2002), não é considerada apenas como um conjunto de valores, crenças e normas que são amplamente compartilhadas. A cultura é definida amplamente para incluir, por um lado, as culturas que emergem através das interacções sociais e as culturas que são propositadamente criadas por questões ideológicas, interesses étnicos.

Na verdade, o conceito de cultura segundo Lakatos (2008) varia no tempo, no espaço e na sua essência e é considerado de diversas formas, nomeadamente, como grupo de ideias, como abstrações do comportamento ou como um comportamento apreendido. Este conceito pode ser ainda entendido como comportamento em si, como elementos materiais ou imateriais e como mecanismo de controlo do comportamento. Constata-se, por isso, que é possível analisar a cultura sobre diversas perspectivas.

Considerando toda esta cifra de enunciados sobre a cultura, pode-se ponderar que a cultura é uma dimensão do sistema social, da vida em sociedade, não diz respeito unicamente a um agregado de práticas e concepções, mas sim à totalidade dos aspectos da vida social. Contudo, por vezes fala-se de cultura como se fosse um produto, um objecto com princípio e um termo, com particularidades delimitadas e um ponto final. Em suma, cultura é uma construção histórica, é um resultado colectivo da vida humana. Tal consagra-se não só à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à apreciação que passa a ter. Aplica-se ao teor de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Nada do que é cultural pode ser estanque, pelo facto de que a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto elementar. A cultura é a dimensão da sociedade que abrange todo o conhecimento num

sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é exposto. É uma dimensão criadora, dinâmica e fundamental das sociedades contemporâneas.

1.2. Cultura e suas tipologias

Na perspectiva de Edgar Morin (1998), existem três tipos de cultura tanto inimigas como em estado de coexistência e que têm entre si uma fraca conexão. “Podemos chamar à primeira cultura humanista, à segunda cultura científica e à terceira cultura de massa” (Morin, 1998: 122). A cultura humanista teve o seu auge em França nos séculos XVII e XVIII, trata-se de uma cultura que contém uma quantidade estreita de informação e que pode ser acumulada pelo espírito. Este *stock* de informação acontece depois da descoberta da América e, até à revolução francesa, permite uma grande possibilidade de reflexão. “Reflexão sempre polarizada para os problemas fundamentais: o bem, o mal, Deus, a sua existência, a sua não existência, o sentido da vida, a moral, etc” (Morin, 1998: 122). A cultura científica é uma cultura que provocou um elevado aumento de informação e já não é possível armazenar esta informação num espírito, existe a necessidade de especialização no que diz respeito à natureza da humanidade, reflexão sobre o saber, sobre o homem e sobre o mundo. “[...] a especialização destrói as grandes questões – tipo da cultura humanista. No limite, na lógica da especialização não se precisa da ideia de homem nas ciências humanas” (Morin, 1998: 123). A cultura científica prospera nos séculos XIX e XX com o aumento exponencial do número de cientistas, do *stock* de informações e com o desenvolvimento da hiperespecialização. Não existe simetria entre cultura humanista e cultura científica. A cultura de massa tal como a cultura científica é constituída por uma vasta quantidade de informação que cresce constantemente, mas que também se destrói com facilidade, transformando-se em «ruído». Enquanto a cultura científica estrutura as informações em teorias e catálogos, na cultura de massa existe uma nuvem de informação não estruturada.

Na cultura de massa, cada dia uma nova nuvem empurra a nuvem do dia anterior. Acusa-se a cultura de massa de ser uma cultura degradada: é verdade, mas também produziu as suas obras-primas e talvez haja proporcionalmente tantas obras medíocres na «alta-cultura» como na cultura de massa (Morin, 1998: 123).

Devido ao seu modo de consumo e a sua falta de estruturação, a cultura de massa oferece uma fraca possibilidade de reflexão. “A reintrodução da comunicação entre estas três culturas é a

grande necessidade cultural deste século. E esta comunicação só será reintroduzida se houver um movimento auto-reflexivo crítico no seio de cada uma delas” (Morin, 1998: 124).

Neste contexto, Hannah Arendt ([1954] 2000), ao desejar qualificar a chamada “cultura de massa”, presencia que a verdadeira “ameaça” que ela representa para a cultura situa-se não precisamente na “massificação” mas na sua carência compulsiva de remodelar todas as realidades culturais em bens susceptíveis de serem consumidos como lazeres, o que envolve a distorção das próprias realidades culturais. Presencia-se entre os intelectuais uma inquietação com o fenómeno da cultura de massa, termo originário de "sociedade de massas", o propósito subjacente ao debate sobre o assunto é que a cultura de massas é a cultura de uma sociedade de massas. A questão relevante é saber se o que é válido para a sociedade de massas também o é para a cultura de massas, se a relação entre sociedade de massas e cultura será, *mutatis mutandis*. Segundo Hannah Arendt, sociedade de massas e cultura de massas são provavelmente fenómenos inter-relacionados, todavia o seu denominador comum não é a massa, mas a sociedade na qual as massas foram adicionadas.

A sociedade começou a monopolizar a "cultura" em função dos seus próprios intuítos, tais como posição social e *status*. Na óptica de Hannah Arendt, uma das diferenças entre a sociedade e a sociedade de massas consiste em que a sociedade sentia necessidade de cultura, valorizava e desvalorizava objectos culturais ao transformá-los em mercadorias, usava e abusava deles em proveito dos seus fins, contudo não os "consumia". A sociedade de massas, ao contrário, não precisa de cultura, mas de diversão, os produtos oferecidos pela indústria de diversões são consumidos pela sociedade exactamente como quaisquer outros bens de consumo. A cultura de massas passa a existir quando a sociedade de massas se apodera dos objectos culturais. Nas palavras de Hannah Arendt ([1954] 2000), a cultura liga-se aos objectos e é um fenómeno do mundo, o entretenimento relaciona-se com pessoas e é um fenómeno da vida. A cultura é intimidada quando todos os objectos e factos seculares, produzidos pelo presente ou pelo passado, são tratados como simples funções para o decurso vital da sociedade.

Porem, na produção do conhecimento, consolida-se, a tendência de questionar as abordagens que separam cultura popular e erudita em compartimentos estanques. A divisão destes dois polos foi formada pelos intelectuais europeus, na segunda metade do século XVIII. Através do conceito de folclore (“saber do povo”), estabeleceram a fronteira das manifestações culturais em relação as classes sociais. No século XIX, o povo - habitantes das zonas rurais -

foi idealizado com a sua produção cultural tendo sido retratada como “pura” e “natural”. Essa idealização serviu de base para a produção do mito fundador de várias nações, bem como desencadeou o começo de muitas pesquisas folclóricas que se empenharam em descobrir uma cultura “primitiva”. Conforme mencionam essas pesquisas, as manifestações folclóricas, herdadas do mundo rural, estavam condenadas à morte, devido ao seu gradual contacto com influências “deletérias” dos centros urbanos (Burke, 1989; Certeu *et al* 1989: 63). Ao longo do século XX, após uma sucessão de estudos que se debruçou sobre as manifestações populares “sobreviventes”, essa concepção tornou-se cada vez mais infundada. Baptizou-se, então, a categoria “cultura popular” em vez da restritiva “folclore”. A reflexão acerca da cultura popular começou no último quartel do século XX (Vovelle, 1991: 153), as sociedades ocidentais acordam para uma nova circulação de práticas culturais, de transferência de valores, produtos e saberes, o que convidava ao questionamento sobre as formas das “partilhas culturais” (Revel, 1989: 45).

O livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin ([1965] 1987) é um marco nos estudos da cultura popular, onde o autor assinala que a relação entre a cultura erudita e a cultura popular passa tanto pelas formas quanto pelos conteúdos dos sistemas de representações, a intersecção entre os dois domínios não pode ser compreendido como uma relação de exterioridade envolvendo dois conjuntos estabelecidos e sobrepostos. Pelo inverso, essa intersecção entre o chamado “erudito” e o “popular” produz encontros e reencontros, uma espécie de fusões culturais. Segundo Bakhtin, em determinados momentos o Renascimento traduzia-se na cultura popular codificada nas obras da cultura letrada ou erudita. Ou seja, foi na cultura popular que todo aquele sistema cultural encontrou a sua máxima coerência e revelou de forma mais completa o seu princípio (Bakhtin, 1987: 50). Carlo Ginzburg no prefácio do livro *O queijo e os vermes* faz alusão a Mikhail Bakhtin quando menciona o termo “circularidade”, para delinear a comunicabilidade que havia entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas na Europa pré-industrial. Essa comunicação dava-se de forma dialógica, com “[...] influências recíprocas, que se moviam de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (Ginzburg, 2002: 12).

No artigo *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*, Roger Chartier (1995) apresenta a questão da cultura popular de forma um tanto esquemática, ele reduz as diversas definições da cultura popular a dois modelos de abordagem e interpretação:

O primeiro, no intuito de abolir toda a forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autónomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (Chartier, 1995: 179).

Na visão de Chartier (1995), a “cultura popular” é uma classificação erudita, produzida para separar as condutas situadas fora de um modelo tomado como referência que é o da “cultura erudita”, que se encontra relacionada tanto no passado como no presente às classes dominantes. Posto isto, pode-se atestar que a cultura popular é duplamente determinada pelo conhecimento dominante, por um lado na formação do seu próprio universo de autenticidade, por outro é o conhecimento dominante que sentencia o que é cultura popular. As classes dominadas vivem em relação com as classes dominantes, partilham um processo social comum. Toda a realização cultural é consequência dessa vida comum, é produto dessa história colectiva. Esta é talvez a essência da questão da cultura na sociedade, cai assim a ideia débil de que um fragmento tão essencial da sociedade possa ser visto como uma realidade isolada no plano cultural.

Peter Burke, no livro *Cultura popular na Idade Moderna*, lança luz sobre o tema da cultura popular no conjunto da Europa “da Noruega à Sicília, da Irlanda aos Urais”. Menciona que a noção de cultura popular é complexa. Existiam muitas “[...] culturas populares ou muitas variedades de cultura popular - é difícil optar entre as duas formulações porque uma cultura é um sistema de limites indistintos, de modo que é impossível dizer onde termina uma e começa outra” (Burke, 1989: 56). Argumenta que outra grande dificuldade em definir a cultura popular resulta do fato de acolher vários pontos de intersecção com a cultura erudita, a fronteira entre as várias culturas do povo e as culturas das elites é vaga, movediça, pantanosa, por isso Burke afirma que a atenção do historiador deve concentrar-se na interacção e não na divisão entre elas. Ele cunha o termo “bicultural” para descrever a situação de membros da elite que se envolveram nas práticas culturais populares e que, em simultâneo, participavam de uma cultura “alta”, ensinada “[...] em escolas secundárias, universidades, cortes etc., às quais as pessoas comuns não tiveram acesso” (Burke, 1989: 17).

Contestando de forma nítida Peter Burke e implicitamente Roger Chartier, Edward Palmer Thompson (1998) preconiza a existência de uma cultura popular, tradicional e relativamente

independente. Mas longe de exibir a permanência sugerida pela palavra “tradicional”, a cultura popular era um campo para a mudança e disputa. Longe de práticas uniformes, homogêneas e consensuais, no qual interesses opostos apresentava posições heterogêneas e conflituantes. Como define Burke, cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma permuta entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole. Como adverte Edward P. Thompson (1998: 17) “[...] o próprio termo cultura, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fracturas e oposições existentes dentro do conjunto.” A cultura deve ser considerada como um campo de discussões, confrontos, discrepâncias. Transforma-se num conceito vazio quando usado como uma generalização universal, só tem sentido quando inserido num contexto histórico específico ou, quando situado no lugar material que lhe corresponde.

Segundo M. Lurdes Lima dos Santos (1988),

“[...] Ja grande cultura, cultura cultivada ou cultura dominante, parece ter deixado já, mesmo ao nível do senso comum, de ser expressão da cultura enquanto singular totalizante; afirma-se com frequência, nos meios de comunicação de massa, que cultura é tanto a cultura cultivada como a cultura popular” (Santos, 1988: 689).

As denominações de *cultura cultivada* e de *cultura popular* aspiram conservar-se como noções históricas, cada uma delas sendo um figurado conjunto de elementos coesos, multiplicando-se para além do tempo como dois corpos de saber míticos: um dos «clássicos», outro do «povo». O procedimento de valorização da pequena tradição realizado pelos autores pré-românticos guiava-se por inícios iguais àqueles em que se firmava a veracidade da grande tradição – a perenidade e a autenticidade. Maria de Lurdes L. dos Santos (1988) considera de extrema importância o relacionamento entre os dois tipos de práticas culturais (as obras, por um lado, as artes dos dizeres e dos fazeres, por outro) e a teorização da criação cultural como *praxis*. Apesar da considerável aproximação e intercâmbio entre as duas tradições nas sociedades pré-capitalistas, enquanto a cultura popular estava aberta a todos e era transmitida informalmente, em vernáculo, nos lugares públicos (tabernas, mercados, praças, igrejas), a cultura cultivada, por sua vez, era transmitida formalmente, em latim, em lugares específicos (escolas, universidades, bibliotecas) – a assimetria funcionava, a favor da exclusividade da última.

A conjectura que não é possível separar cultura popular de cultura erudita de maneira fixa e polarizada, ganha cada vez mais espaço na produção do conhecimento, de modo que os investigadores têm-se convencido de que ambas as formas culturais se comunicam e, são polissémicas, mutantes, adaptadas por mediações, actualizadas e reactualizadas em cada contingência histórica específica. Em linhas gerais, os autores consideravam a cultura popular como um processo plural, multifacetado, em constante criação e recriação, uma forma de resistência à ideologia dominante ou, ao contrário, como fruto dessa mesma dominação, entendida como o resultado de uma relação de tensão entre os interesses dos de “cima” e os interesses dos de “baixo”, sendo uma forma cruzada, ambígua e dissimulada. Ultimamente, contudo, a cultura popular foi redefinida como um espaço de disputa, no qual se reproduzem simbolicamente as relações de forças sociais e de poder vigentes na sociedade.

1.3. A marcha da cultura açoriana

Segundo Francisco Carreiro da Costa (1978), devido à fragmentação do território insular os açorianos tiveram sempre dificuldades com os aspectos administrativos, políticos, sociais, económicos e religiosos, além dos deficientes sistemas de comunicações, que constituíram impedimentos ao progresso cultural das ilhas açorianas. Mas na sua opinião é derivado a estes factores que o povo açoriano encontrou o principal estímulo para todas as manifestações culturais que aqui germinaram, frutificaram e aqui irradiaram.

O condicionamento geográfico terá sido o factor mais influente na transformação do comportamento cultural da população açoriana, oriunda fundamentalmente do próprio continente português. É, todavia, na sua totalidade geográfica mais vasta que nos surge uma região com uma acentuada diversidade cultural. Mostrando a percepção de uma cultura que expressa uma sensibilidade literária distinta e que, afectada pelos condicionalismos do ilhéu isolado no Atlântico, apresenta uma especificidade cultural regional.

O desenvolvimento populacional açoriano no decurso do século XVI levou ao desenvolvimento cultural, destacando-se nesta altura Gaspar Fructuoso, Manuel Pinheiro, Gregório de Almeida, Braz Soares entre outros.

Em relação à cultura açoriana no século XVII, nas palavras de Francisco Carreira da Costa (1978), o grande interesse passava pela cultura artística e pelo engrandecimento das

respectivas povoações, com obras de grande valia ao nível da arquitectura civil e religiosa, bem como nos aspectos decorativos.

No entanto, no século XVIII, apesar dos acontecimentos políticos, das perturbações sociais e económicas, a instrução e a cultura nos Açores conforme nos cita Carreira da Costa (1978), comportou-se da mesma forma do que nos séculos anteriores, não se tendo feito sentir o efeito das reformas pombalinas em relação ao ensino, da mesma forma que no continente. Nos Açores registou-se uma série de realizações de ordem cultural, dignificando a capacidade de realização dos açorianos bem como a revelação do interesse pelos Açores nos domínios das ciências naturais, pela cultura artística e pelo enriquecimento das respectivas povoações com obras de grande valia.

Durante o século XIX, Carreira da Costa (1978) refere que ainda que tenha havido, a nível cultural, um abrandamento que se reflectia nos diversos sectores da vida social e económica, a situação agravou-se com a extinção das ordens religiosas. Desencadeando um extraordinário movimento de reflexão sobre os problemas do ensino e da cultura. Fazendo referencia as várias iniciativas públicas e privadas para fazer face às dificuldades que marcaram o fim do século anterior, como a criação da academia militar na cidade de Angra do Heroísmo (1811); os liceus de Angra do Heroísmo (1851); de Ponta Delgada (1852) e da Horta (1853). Como iniciativas não oficiais: a sociedade dos alunos de direito público, em Ponta Delgada (1836); o colégio de Nossa Senhora da Guia, em Angra do Heroísmo (1843); a biblioteca pública, em Ponta Delgada (1846). No entanto outras manifestações culturais surgiram nos primeiros anos do século XIX como a imprensa, tendo inicio na ilha Terceira o jornalismo rapidamente se estendeu por todas as ilhas, à excepção da Ilha do Corvo, todas as outras ilhas passaram a ter os seus próprios jornais. O teatro foi outra manifestação cultural que beneficiou de importantes empreendimentos, sobretudo nas ilhas sedes de capitais de distrito, não só o teatro declamado, mas igualmente o musicado, pois já em 1852 se representava ópera lírica em São Miguel com elementos, na sua grande maioria, naturais da ilha. Em relação à música, muitas dezenas de agrupamentos musicais, especialmente filarmónicas, foram-se fundando e aperfeiçoando, por todas as vilas e freguesias do arquipélago dos Açores, o que consagra a vocação artística do povo açoriano que já se fazia sentir, mesmo nos meios rurais, tendo sido um poderoso agente de educação e de cultura. Quanto à arte, nas principais ilhas surgiram, movimentos de interesse nos campos da pintura e da escultura, mercê da permanência de artistas do continente, estrangeiro e o aparecimento de outros nascidos e educados nos Açores como Pedro Nolasco Nogueira, João Albino Peixoto, José Machado de Medeiros, Marciano

Henriques da Silva, Herculano Maria Gomes Machado, entre outros. De salientar também a fundação de museus nos Açores. Em relação à geologia e à antropologia, afirma que foram ainda objecto de importantes estudos por parte de cientistas nacionais e estrangeiros, que com alguma frequência trabalharam nos Açores, mas também de investigadores locais, por consequência de contactos exteriores ou por iniciativa própria, como os trabalhos: Eugénio Pacheco, Francisco Arruda Furtado, José do Canto, Carlos Machado, Bruno Tavares Carreiro, Francisco Afonso Chaves, que levaram a cabo importantes investigações científicas. Relativamente aos sectores das letras, da história, da filosofia e da pedagogia apresentamos uma extensa lista de vultos açorianos que em muito contribuíram nesses domínios. Em relação à história, à filosofia, e à pedagogia, podemos distinguir: os historiadores Ferreira Drumond, Silveira Macedo, José de Torres, João Teixeira Soares, Ernesto do Canto, José Joaquim Pinheiro, Acúrcio Garcia Ramos, Alberto Teles de Utra Machado, José Arriaga Brum da Silveira; poetas como José Augusto Cabral de Melo, Antero de Quental, Teófilo Braga, Coelho Amarante, Moniz de Bettencourt, Costa Rezende, Nunes da Ponte e Roberto Mesquita; pedagogos, filósofos e investigadores da historiografia literária, como o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, o Padre João José de Amaral, José do Canto, Francisco Machado de Faria e Maia, José Augusto Nogueira Sampaio, António Moniz Barreto Corte - Real e Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro; oradores e polemistas como Sena Freitas; polígrafos e romancistas como António Lacerda Bulcão, Ernesto Rebelo, Vicente Machado de Faria e Maia, Guilherme Cabral, Augusto Loureiro, António Campos Jr. Destacando, de modo especial José do Canto que além de promotor da introdução de novas culturas e tecnologias agrícolas nos Açores, distinguiu-se como bibliófilo, coleccionando uma biblioteca pessoal que se encontra integrada na biblioteca pública de Ponta Delgada; e Ernesto do Canto, historiador, bibliófilo e político açoriano que se distinguiu pela organização e publicação do *Arquivo dos Açores e Biblioteca Açoriana*.

Em relação ao século XX, Carreiro da Costa (1978) menciona a continuidade das manifestações culturais do século antecedente, como os contínuos ciclos de conferências; exposições bibliográficas e gráficas; actividades teatrais e musicais, restauros de edificações religiosas, civis e militares; organização e apetrechamento de bibliotecas, museus e arquivos; fundação de institutos culturais, edição de diversas revistas, bem como de inéditos da história insular; semanas de estudos, visitas sucessivas de cientistas, artistas e de escritores. Na década de 80 como descreve Onésimo Teotónio Almeida (2011: 9) “[...] foram os anos de animados

encontros de escritores desde Providence (EUA), Maia, Praia da Vitória, Angra e São Jorge.” Mantendo-se uma carga de fraternidade causando espanto a quem de fora a observava.

Estabeleceu-se um arquipélago para além do arquipélago, reunindo as diversas comunidades da diáspora, nomeadamente de Lisboa, Porto, Costa Leste dos EUA, Califórnia, Canadá e Brasil. Foram anos em que deu prazer envolvermo-nos numa rede de afectos que era, para quem está para além dos mares açorianos, uma maneira de estarmos açorianos (Almeida: 2011: 9-10).

Toda esta actividade editorial foi apoiada por suplementos literários actuantes, como:

«Pulsar» (coordenado por Ruy-Guilherme Morais e, depois, por Rui Machado), depois «SAC» (Suplemento Açoriano de Cultura) e «SAAL» (Suplemento Açoriano de Artes e Letras), em Ponta Delgada, coordenadas por Vamberto Freitas, e «Vento Norte», em Angra, da responsabilidade de Álamo Oliveira (Almeida, 2011: 10).

Segundo Onésimo Teotónio Almeida (2011), nos anos 40 até ao 25 de Abril de 1974, o conhecimento da especificidade cultural açoriana, foi criando raízes cada vez mais fundas e cada vez menos questionadas entre as sucessivas gerações de jovens que continuam a encontrar em Mesquita, Nemésio e em Pedro Silveira, a força inspiradora para a sua criação literária “[...] os Açores têm sido, na expressão de Nemésio, um «viveiro» de escritores. Mas também, parafraseando Aquilino, acrescentarei que eles têm sido em simultaneamente o mausoléu de uma notável literatura” (Almeida, 2011: 15).

Com a revolução, a literatura foi colocada de lado, retomando a partir de 1977 as actividades literárias nos Açores, dando-se o aumento do interesse pela literatura açoriana dentro e fora dos Açores aquando da publicação em Lisboa de duas obras açorianas: *Antologia de Poesia Açoriana (1977)* de Pedro da Silveira e *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano (1978)* de João de Melo. Recomeçando a actividade literária com uma nova geração de escritores, ligados à geração “Glacial”, dos anos 60 e princípios de 70, a partir de Angra do Heroísmo com uma publicação a um ritmo apreciável, fruto do apoio oficial da Secretaria Regional da Educação e Cultura do governo da Região Autónoma dos Açores que apostou no apoio às letras e às artes. Nas palavras de Almeida (2011: 27) “[...] pela primeira vez um considerável grupo de novos escritores açorianos publicou no continente obras vincadamente açorianas. Essa fase produtiva e quase eufórica ainda continua.” A partir de 1978, nos Estados Unidos, o Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, em Providence Rhode Island, passou a oferecer no seu currículo, uma cadeira de literatura açoriana, promovendo em

1983 a realização do I Simpósio Internacional sobre literatura açoriana. No arquipélago dos Açores, no ano de 1985 a Universidade dos Açores acabou por incluir no seu currículo a cadeira de Literatura açoriana. Para Onésimo Teotónio Almeida (2011),

Entre a década de 1980 e os princípios deste milénio, os Açores atravessaram um ciclo de grande criatividade a todos os níveis da sua cultura. Houve entusiasmo, cooperação e intercâmbios de várias ordens. Ocorreu o que julgo, terá sido o período mais produtivo da história cultural açoriana (Almeida, 2011: 9).

No entanto, como nos refere Onésimo Teotónio Almeida (2011), vicissitudes múltiplas alteraram este panorama com o desaparecimento do suplemento literário (Suplemento Açoriano de Artes e Letras – SAAL) e da editora Salamandra, em Lisboa que permitiu que muitas obras vissem a luz do dia e estimulou a escrita de outras. Muito tempo decorreu sem um encontro de escritores, terminando também os encontros anuais em Tulare, na Califórnia. Ocorrendo só em 2009 em Ponta Delgada o encontro *Escritas Dispersas, Convergências de Afectos*, promovido pela Direcção Regional das Comunidades, e um outro no mesmo ano organizado pela Universidade dos Açores sobre *Mundivivências da Açorianidade*.

Segundo Onésimo Teotónio Almeida (2011), entretanto operou-se uma institucionalização da cultura açoriana no discurso oficial e na Universidade:

[...] a realidade da personalidade cultural insular e a sua expressão literária e artística em geral passaram a quase não ser contestadas e são regular e sistematicamente afirmadas e defendidas. Mas sente-se – a nível das letras – a falta de algo que permita a continuação do antigo diálogo que se estendia dos Açores a Lisboa, ao Canadá, aos EUA e ao Brasil (Almeida, 2011: 10).

Também os jornais deixaram de dar espaços a livros e a suplementos culturais, que era o lugar privilegiado onde naturalmente surgiam os debates, as trocas, as conversas que ultrapassam o quotidiano. Pois, foi na imprensa, que a cultura e as letras regionais, encontraram a sua expressão e a sua legitimação, na ausência ou precariedade de outras formas de difusão cultural. Como alude Vamberto Freitas (1999),

[...] os suplementos culturais incorporavam em si mesmos, uma dupla vantagem: a par da sustentação do desenvolvimento da cultura, que foi chegando ao arquipélago durante os séculos que sucederam ao processo de povoamento, incorporaram a função de estimular a sua permanente criação (in Rodrigues, 2004: 130).

Só recentemente, o *Açoriano Oriental* voltou a oferecer uma página à cultura, onde o escritor e crítico literário, Vamberto Freitas todas as semanas escreve um texto de crítica literária, privilegiando leituras de obras do universo açoriano.

Após analisados as manifestações culturais ao longo destes séculos, à guisa de conclusão podemos comprovar no que concerne ao campo cultural que os Açores é de uma riqueza colossal, com as suas características próprias de um espaço insular de origem vulcânica, permitiram a sobrevivência de manifestações culturais tradicionais e do incremento de uma cultura literária de grande valor, resultado do papel que as ilhas desempenharam ao longo da sua história como ponto de encontro de povos e culturas das mais distintas regiões do mundo. Observamos, nos Açores, a uma integração e recriação de elementos culturais exógenos que, misturados com a matriz cultural dos primeiros povoadores, geraram, nestas ilhas, realidades culturais com características originais. Explicando assim a coexistência, apenas aparentemente contraditória, de uma abundância de actividades culturais de cariz tradicional ou etnográfico, a que a música, a dança, o teatro popular e outras manifestações culturais tradicionais dão expressão, muito para além do que era suposto, com uma forte afirmação da modernidade, da criatividade e do universalismo cultural que nomes como Francisco de Lacerda, António Dacosta, Canto da Maia, Antero de Quental e Vitorino Nemésio certificam, como tantos outros que nos nossos dias, em áreas como a literatura, a ciência, a música ou as artes plásticas, pelas suas obras continuam a ser afirmação viva desses valores.

Ao visitarmos qualquer uma das nove ilhas do Açores é praticamente impossível não depararmos com uma manifestação cultural, seja um concerto, uma exposição, uma conferência, um colóquio ou a apresentação de um livro. Estas actividades têm por base as associações e agentes culturais que nas diferentes ilhas desenvolvem uma actividade regular.

Neste contexto, consideramos que os Açores no que concerne ao plano cultural, não possa ser visto como uma realidade isolada, consequência da vida em comum, produto da história colectiva como afirma Roger Chartier (1995), que as classes dominadas vivem em relação com as classes dominantes, partilham um processo social comum sendo esta a essência da questão da cultura na sociedade, ou seja podemos considerar os Açores com uma cultura “bicultural” termo utilizado por Peter Burke (1989), para descrever a situação de membros da elite que se inculcaram nas práticas culturais populares e que, ao mesmo tempo, participavam de uma cultura “alta”, nesta mesma linha de pensamento podemos fazer referência ao intelectual açoriano Vamberto Freitas (1999), que afirma que na cultura, haverá sempre uma

convivência entre a tradição e a audácia intelectual, no sentido de se abalar ao mesmo tempo que se dá continuidade às assunções ou cosmovisões mais vincadas do grupo.

2. Intelectual

Sumário

-
- 2.1. Abordagem sócio histórica sobre o intelectual público e suas múltiplas representações**
 - 2.2. A responsabilidade socio cultural do intelectual**
 - 2.3. O papel da comunidade intelectual açoriana e a sua intervenção na esfera pública através do discurso literário**
-

2.1. Abordagem sócio-histórica sobre o intelectual público e suas múltiplas representações

A concepção moderna de “intelectual” surgiu em França, no final século XIX por ocasião do *Affaire Dreyfus* em 1898, na época, o capitão das forças armadas francesas Alfred Dreyfus, de origem judia, foi acusado injustamente de traição por actos de espionagem em favor da Alemanha. A condenação por alta traição desencadeou uma sucessão de protestos envolvendo pessoas com diferentes tendências políticas. A maior dessas manifestações foi o artigo *J'accuse*, do escritor *Emile Zola* no jornal *L' Aurore*. Segundo Michel Winock (2000: 26), “O protesto dos intelectuais que acompanha o grito de Zola, assenta no princípio de uma vontade para além de qualquer consideração política.” Defronte dessa onda de intolerância a esquerda e os liberais deram-se conta que não poderiam ficar calados e desarmados, alguém precisava de funcionar como intérprete da realidade sociopolítica e cultural, como voz da consciência. Emergia deste modo o intelectual, na concepção moderna, a sua criação é atribuída para referir-se aos signatários de um manifesto lançado em defesa de Dreyfus (Winock, 2000: 5-33).

A partir do affaire immortelle, como definiu Marcel Proust, difundiu-se o conceito de intelectual para caracterizar os homens de letras e ciências que interferem na arte, na vida pública e aqueles com capacidade de influenciar e mobilizar a opinião pública e, até mesmo, política (Medeiros, 2010: 90).

Os intelectuais sempre foram considerados como críticos das estruturas vigentes e agentes transformadores da sociedade da qual fazem parte. Para alguns, a figura do intelectual estaria em declínio ou até mesmo em extinção. Norberto Bobbio (1997: 68), profere que o intelectual utopista, cuja fala se configura como expressão das multidões e porta-voz dos oprimidos, teria caído em desprestígio. Em contraposição, Edward Said (2005: 25), ressalta a importância da actividade intelectual, alegando que todas as revoluções da história moderna foram impelidas por intelectuais e que, contrariamente, não existiu nenhum grande movimento contra-revolucionário sem que eles estivessem presentes.

Nas palavras de Pilar Damião de Medeiros (2010), é através das grandes mudanças tanto na esfera mental e política (revolução francesa), como na económica (revolução industrial) na Europa e no mundo desde finais do séc. XVIII e início do séc. XIX, que se começa a dar uma grande atenção a esta categoria social pelo seu impacto na formação da consciência colectiva.

Ao discutir o papel dos intelectuais e a questão da ideologia *Karl Mannheim* ([1929] 1986), destaca que, os intelectuais podem ser responsáveis pela melhor preparação de *sínteses* referentes à sociedade. A acção intelectual não ocorre unicamente por meio de uma classe, mas por um estrato desvinculado de qualquer classe social, particularmente após a ascensão da burguesia, que, modernamente tem duas origens sociais: os proprietários do capital e os que possuem como capital a sua sabedoria. Para o autor, os intelectuais contêm no seu interior, ainda que parcialmente suprimidos, os conflitos e contradições inerentes à vida social, estão ligados ao seu ponto originário, mas estão "[...] também determinados, em seus pontos de vista, por este meio intelectual que contém todos os pontos de vista contraditórios" (Mannheim, [1929] 1986: 182). Desta forma, o intelectual apresenta-se desvinculado das classes, pertencente a uma ordem única, a dos intelectuais. Embora tenham conflitos inerentes tanto à origem quanto à ordem constituída, eles encontram-se desvinculados para a analisarem.

Segundo Norberto Bobbio (1997: 33), Karl Mannheim na sua obra *Ideologia e Utopia* aponta uma função aos intelectuais simultaneamente teórica e prática, segundo o autor a vida política de uma nação esta expressa pelo facto de que nela coabitam varias ideologias, cada uma expressiva de um ponto de vista parcial, para que estas ideologias não se contrariem entre si, deve-se tentar a síntese, que relaciona-se com o facto de se alcançar uma visão compreensiva dos vários pontos de vista em conflito. Esta síntese só pode ser obra de uma categoria que, diferentemente de todos os outros agrupamentos que produzem ideologias sociais, não tem uma constituição de classe e esta desprendida da sociedade, desligada de interesses e funções específicas: essa categoria, não classe, é a dos intelectuais, que lhe chama seguindo A. Weber de *freischwebende* (livre-flutuante).

Para explicitarmos algumas contradições inerentes à função do intelectual, consideramos ser relevante mencionar que, invariavelmente, os intelectuais estão ligados ao poder ideológico e, dependendo das ideias que defendem, podem ser, como pronuncia Bobbio (1997), progressistas ou conservadores, radicais ou reaccionários, libertários ou autoritários, liberais ou socialistas, cépticos ou dogmáticos e, ainda, laicos ou clericais. Evidentemente, não é nosso objectivo operar com categorizações tão taxativas, mas a nossa pergunta persiste: que tipo de intelectual é o que faz parte da comunidade intelectual açoriana pertencente aos institutos culturais açorianos? Com o intuito de melhor os conhecer tentaremos dissertar sobre os vários tipos de intelectuais apresentados pelas mais diversas correntes teóricas que abordam o assunto.

No século XX emergem distintas representações do intelectual, contudo o conceito de intelectual é ambíguo, transporta uma multiplicidade de representações, como se pode constatar na obra de Edward Said *As Representações do Intelectual* ([1993] 2000).

Sobre esta temática Julien Benda apresenta-nos uma visão elitista dos intelectuais, divulgando os intelectuais como “Um grupo minúsculo de reis-filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituem a consciência da humanidade” (Said, [1993] 2000: 23). Para Benda os verdadeiros intelectuais são aqueles cuja actividade não se centra essencialmente na procura de objectivos práticos, são marcados por “[...] sua distância obstinada em relação aos problemas práticos” (Said, [1993] 2000: 22), são todos os que procuram satisfação no exercício de uma arte ou ciência ou da especulação metafísica, em suma, na fruição de vantagens não materiais e, daí dizer: “O meu reino não é deste mundo” (Said, [1993] 2000: 24). Julien Benda cria os intelectuais como indivíduos que se orientam por padrões universais de razão e verdade, instigados pelo desapego de valores materiais e de benefícios pessoais (Bobbio, 1997). A obra mais conhecida de Julien Benda, *La Trahison des Clers* (1927), é uma polémica contra certo modo de apresentar as relações entre cultura e vida política, e uma resposta à pergunta: quais são os deveres e a função do homem de cultura na sociedade? A resposta traduz-se no seguinte: “Os intelectuais têm a missão de defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais: na medida em que subordinam a sua actividade aos interesses contingentes, às paixões irracionais da política, traem a sua missão” (Bobbio, 1997: 32).

Na perspectiva de Norberto Bobbio (1997), a condenação de Julien Benda obteve imensas repercussões e foi suficiente para dar celebridade ao autor em todos os ambientes intelectuais da Europa, um dos seus temas predilectos foi o dos limites e da natureza do engajamento político e social do homem de cultura. O intelectual de Julien Benda é aquele que nunca se junta a uma causa, seja para seguir o líder ou o partido, apela ao lugar público que obteve e ao prestígio que o reconhecimento lhe auferiu, mas somente na procura da verdade e da defesa da justiça.

Em 1845, quando Karl Marx e Friedrich Engels escreviam a *Ideologia alemã*, na Europa, a intensa actividade nas fábricas e o alvoroço político agitavam as relações sociais, afirmando que a sociedade podia ser recriada pela iniciativa e a audácia de diferentes protagonistas. Nesse âmbito, os intelectuais não podiam confinar-se mais ao mundo das ideias e das palavras. Marx (1998), enquanto lançava as suas críticas ao positivismo cientificista ao

idealismo abstracto, e ao materialismo vulgar, provava, com o seu envolvimento nas lutas operárias, que estava a surgir um outro tipo de intelectual: um ser, ao mesmo tempo, cientista, crítico e revolucionário. Nascia, a filosofia da práxis. E, com ela, novos intelectuais politicamente comprometidos com o próprio grupo social para fazer e escrever a história. Mais do que reflexões mentais, era necessário compreender o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação ocultos pela ideologia dominante. Os intelectuais não se podiam esconder atrás da neutralidade científica e ficar alheios às contradições do seu tempo. Eram coagidos a se definirem nos conflitos da história e a tomar partido. Para entender em profundidade os problemas humanos e sociais, os intelectuais necessitavam de estar sintonizados com as dinâmicas sociais, políticas e económicas do seu tempo. Por isso, ao mesmo tempo em que Marx procura desvendar os mecanismos de acumulação do capital, defrontam-se com os *Philosophes* que continuavam a acreditar em mudar o mundo só pelo pensamento e pelas actividades da consciência.

Em sintonia com essa visão, António Gramsci (1982), importante intelectual italiano da década de 30 do século XX também acreditava que a compreensão de si mesmo e das contradições da sociedade acontece pela inserção activa nos embates hegemónicos. Por isso, aprofunda a estreita ligação entre intelectuais, política e classe social, mostrando que a filosofia, tal como a educação, deve tornar-se “*práxis política*” para continuar a ser filosofia e educação. Gramsci elenca todos os homens na categoria de intelectuais, diferenciando-os apenas pela função que exercem na sociedade, afirmando que nem todos desempenham essa função na sociedade a que pertencem, ciente da centralidade dos intelectuais no mundo contemporâneo, reservou a essa questão um lugar significativo nos seus escritos:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção económica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo económico, mas também no social e no político (Gramsci, 1982: 3).

Gramsci valoriza o saber popular, defende a socialização do conhecimento e recria a função dos intelectuais conectando-os com as lutas políticas dos “subalternos”. Apresenta-nos os intelectuais intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção. “Os intelectuais são os “comissários” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (Gramsci, 1982: 11). Gramsci ao conceber uma tipologia dos

intelectuais optou por subdividi-los em dois tipos: diferencia o “intelectual tradicional”, que caracteriza pelo seu afastamento da classe social, do “intelectual orgânico”, que surge no interior da própria classe, dá sentido e organização.

[...] a função de intelectual na sociedade podem ser divididos em dois tipos: primeiro os “intelectuais tradicionais” tais como os professores os eclesiásticos e os administradores que fazem o mesmo, geração após geração, e segundo, os “intelectuais orgânicos” que, segundo Gramsci estavam directamente ligados a classes ou empreendimentos que utilizavam os intelectuais para organizar interesses, conseguir mais poder e obter mais controlo (Said, 2000: 23).

Os “intelectuais tradicionais” para Gramsci (1982), estavam presos a uma formação socioeconómica superada, estavam estagnados no mundo agrário do Sul de Itália. Eram “os funcionários”, o “clero”, “a casta militar”, “os académicos”. Afastados das dinâmicas socioeconómicas em agitação do Norte de Itália, permaneciam fechados em abstractos exercícios cerebrais, eruditos e enciclopédicos, mas indiferentes às questões centrais da própria história. Os intelectuais tradicionais consideravam-se independentes, acima das classes e das mudanças do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com o seu saber livresco. A sua neutralidade e distanciamento tornavam-nos incapazes de compreender o conjunto do sistema de produção e das lutas dominantes onde aquecia o jogo decisivo do poder económico e político. Com isso, acabavam por ser excluídos não apenas dos progressos da ciência, mas também das modificações em curso na própria vida real.

Os intelectuais de tipo rural são, em sua maior parte, “tradicionais”, isto é, ligados à massa social camponesa e pequena burguesia das cidades (notadamente dos centros menores), ainda não elaborada e movimentada pelo sistema capitalista: este tipo de intelectual põe em contacto a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliães, etc.) e, por esta mesma função, possui uma grande função político-social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política. Além disso: no campo, o intelectual (padre, advogado, professor, tabelião, médico, etc.) possui um padrão de vida médio superior, ou, pelo menos, diverso daquele do médio camponês e representa, por isso, para este camponês, um modelo social na aspiração de sair de sua condição e de melhorá-la (Gramsci, 1982: 13).

Segundo Gramsci (1982), os “intelectuais orgânicos”, ao contrário, são os que fazem parte de um organismo vivo e em difusão, estão ao mesmo tempo conectados com o mundo do trabalho e com as organizações políticas e culturais. São orgânicos os intelectuais que, além de peritos na sua profissão, produzem uma concepção ético-política que os instrui a exercer

funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a supremacia social e o domínio da classe que representam.

Gramsci acreditava que os intelectuais orgânicos estão envolvidos, de forma activa, na sociedade, isto é, uma luta constante para mudar as mentalidades e expandir os mercados: ao contrário dos professores e dos eclesiásticos, que permanecem mais ou menos imutáveis, desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho ano após ano, os intelectuais orgânicos estão sempre em movimento, à caça do lucro (Said, 2000: 24).

A inter-relação, do mundo do trabalho com o universo da ciência, com as humanidades e a visão política formam, em Gramsci, o novo princípio educativo e a base formativa do intelectual orgânico.

[...] no que diz respeito aos intelectuais urbanos: os técnicos de fábrica não exercem nenhuma função política sobre suas massas instrumentais, ou, pelo menos, é esta uma fase já superada; por vezes, ocorre precisamente o contrário, ou seja, que as massas instrumentais, pelo menos através de seus próprios intelectuais orgânicos, exerçam uma influência política sobre os técnicos (Gramsci, 1982: 13).

Para Gramsci (1982), a organização dos novos intelectuais está relacionada particularmente com a sua profunda vinculação com a cultura, a história e a política das classes subalternas que se organizam para construir uma nova civilização.

O ponto central da questão continua a ser a distinção entre intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectuais como categoria tradicional; distinção da qual decorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas (Gramsci, 1982: 14).

Segundo Edward Said ([1993] 2000), Gramsci acreditava que os intelectuais orgânicos estavam activamente envolvidos na sociedade, lutam para mudar mentalidades e expandir mercados, ao contrário dos professores e dos clérigos, os intelectuais tradicionais, que permaneciam mais ou menos no mesmo lugar, produzindo o mesmo tipo de trabalho ano após ano. A acção intelectual radicaria na aptidão dirigente e organizativa da sociedade, estabeleceriam uma base indispensável na acção transformadora e na estruturação de uma vida social democrática e progressista. O que define intelectual para Gramsci não é o facto de possuir «poderes superiores de intelecto», mas de ter na sociedade a responsabilidade de produzir conhecimento e induzir esse conhecimento nos outros (Crehan, 2004).

Em qualquer debate proeminente sobre intelectuais é impossível não fazer alusão ao filósofo francês Jean-Paul Sartre que defende a figura do intelectual engajado, Sartre não confinou a sua acção ao mundo das ideias, dentro das paredes da universidade, pelo contrário, mostrou-se presente também nas ruas e praças, nos jornais, sendo ele próprio a personificação do intelectual por ele defendido. Uma das principais virtudes de Sartre encontra-se no fato de ele ter compreendido a sua contradição e assumido o seu permanente conflito, além de ter-se identificado com as massas populares, procurando vê-las através da óptica do oprimido. Como o próprio Sartre mencionou nas famosas conferências que proferiu no Japão, em 1965, o intelectual é definido justamente por tal contradição, uma vez que:

“[...] ele se caracteriza por não ter mandato de ninguém e por não ter recebido seu estatuto de nenhuma autoridade. [...] Ninguém o reivindica, ninguém o reconhece (nem o Estado, nem a elite-poder, nem os grupos de expressão, nem os aparelhos das classes exploradas, nem as massas); pode-se ser sensível ao que ele diz, mas não a sua existência. [...] O intelectual é suprimido pela própria maneira em que faz uso de seus produtos” (Sartre, 1994: 32-33).

O rumo do pensamento de Jean-Paul Sartre (1994), é a de que a função crítica em sociedade do que o intelectual se assenta o conduzirá a um desenraizamento existencial, já que o habilita a se opor à supremacia da classe dominante em defesa da universalidade de valores, mas ao mesmo tempo, o separa das camadas populares, pelo conhecimento, pela sua origem social e pela sua formação. A condição de deslocamento que salientamos é, para Sartre, a característica maior que fomenta o perfil do intelectual como grupo. De fato, Sartre analisa o intelectual como um “[...] monstro que se define por sua consciência infeliz” (Sartre, 1994: 18), destoando tanto das classes hegemónicas quanto das desfavorecidas. Pela sua origem e formação, o intelectual liga-se às classes dominantes. Pelo seu comprometimento social, liga-se aos desfavorecidos. A imagem do monstro usada por Sartre justifica esse duplo sentimento de pertença, bem como a posição deslocada do intelectual, que, conseqüentemente, não é reconhecido nem por uma classe, nem por outra.

Segundo Jean-Paul Sartre, um intelectual é uma pessoa que reconhece as contradições que regem a vida, é quem identifica a contradição entre a liberdade e o controle, a sua função é viver por oposição por todos e vencê-la por todos através do radicalismo, ou seja, pelo confronto da verdade à ilusão e à mentira (Said, [1993] 2000: 53).

Jean-Paul Sartre foi o mais famoso, odiado e ilustre intelectual francês do século XX. Ao longo dos seus 74 anos de vida, nada que tratasse das letras foi-lhe indiferente, revelou-se extremamente sagaz e criativo na filosofia, no ensaio cultural, no artigo político (sempre polémico), no conto e na peça de teatro. Contrário à Torre de Marfim, refúgio do escritor de perfil simbolista, hostil ou alheio ao mundo real, quis ser um exemplo para os intelectuais, estimulando-os a retirarem-se dos seus gabinetes e bibliotecas, engajando-se nas coisas do seu tempo, em que tinham o compromisso de participar ombro a ombro com os homens comuns nas tragédias, nos dramas e nas satisfações da sua época. O depósito de comunicação que tinha à disposição para alcançar o grande público, a inter-relação filosofia-literatura-teatro, era bem mais vasto, rico e diferenciado do que qualquer outro homem de letras ou pensador que o antecedeu. Qualquer texto que escrevesse, declaração ou entrevista que concedesse, fomentava impacto imediato nos meios de comunicação nacional e internacional, poucos se negavam a noticiar o que vinha de Sartre ou a ele dizia respeito. Ao falecer, Sartre já era pouco lido, não passava de uma sombra do que fora quando o seu desempenho embaraçava as autoridades e a sua coragem e dedicação intelectual arrebatavam a admiração até de quem era indiferente ou contra ele (Gusmão, s/d). Não é possível medir o alcance real das obras de Sartre e o seu impacto, porém, não podemos deixar de registrar a importância deste filósofo enquanto intelectual e de tudo o que representou para toda uma geração. Ademais, a actualidade dos seus temas e a forma como coloca as questões fazem com que a sua obra seja, ainda hoje, de grande relevância.

Conforme John Walsh (2010), Jean-Paul Sartre considera que o intelectual é o homem que se consciencializa da oposição que há em si mesmo e na sociedade, entre a verdade prática e a ideologia dominante. É esta consciencialização que põe a nu as contradições fundamentais da sociedade, uma disputa entre a verdade que ela reivindica e os mitos, valores e tradições que mantém e que quer difundir. O intelectual não tem simplesmente a identidade de um indivíduo, mas uma responsabilidade a cumprir numa agenda de acção, o intelectual deve avançar com um programa de autocrítica implacável que visa identificar as raízes do conhecimento estruturado.

Nas palavras de Pilar Damião de Medeiros (2010a), Jürgen Habermas assevera que os intelectuais deveriam fazer uso público do conhecimento profissional que têm por sua própria iniciativa, mantendo a sua autonomia e liberdade no discurso institucional e sistémico, validando os seus argumentos dentro de uma distância crítica e de um discurso racional-reflexivo sustentado nos valores do mundo da vida. Os intelectuais devem, portanto, alertar

para a “colonização interna” da consciência e da cultura moderna, para a transformação da esfera pública e privada. Nesta perspectiva, podemos salientar o intelectual segundo Pierre Bourdieu, que se traduz em alguém que utiliza num combate político a sua competência e a sua autoridade específica. O mundo intelectual deve entregar-se à crítica de todos os abusos de poder ou de autoridade cometidos em nome da autoridade intelectual. Os intelectuais são indispensáveis à luta social, particularmente, hoje dado as formas inteiramente novas assumidas pela dominação.

Operando com algumas categorizações, Norberto Bobbio (1997), um dos mais respeitados pensadores políticos contemporâneos, entende que, numa concepção vasta do termo, poderíamos incluir no grupo artistas, poetas e romancistas; todavia, para o autor, a função “intelectual” deve estar atrelada à noção de participação na vida civil e política. Ademais, a tarefa do intelectual seria a criação e a transmissão de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes no contexto político. Bobbio tenta, ainda, classificar os tipos de intelectuais, que, para ele, se dividem em dois grupos: os ideólogos e os expertos (do inglês, expert; perito, conhecedor). Se os primeiros elaboram os princípios que justificam as acções, lidando muitas vezes com a utopia, os segundos indicam os conhecimentos técnicos mais adequados para alcançar um determinado fim. O autor ressalta que tal classificação deve ser levada muito a sério quando se tem como objecto a tarefa política do intelectual, apesar de ter a consciência de que um mesmo intelectual possa ser ora ideólogo, ora experto. Deste modo, apesar de possuírem distintas denominações, como assevera Bobbio os Intelectuais sempre existiram. Todas as sociedades possuem os seus detentores do poder ideológico, cujo papel muda de sociedade para sociedade. Os intelectuais pertencem a um tempo e a um espaço, e as conjunturas em contextos específicos inegavelmente determinaram a tónica dos seus discursos. Os intelectuais seriam um grupo social que se configura pela “[...] transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundos, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra” (Bobbio 1997:11).

A partir desta discussão inicial sobre o papel do intelectual, acreditamos que possam surgir diversas interrogações e dúvidas em relação à função e à missão que a ele cabem na sociedade contemporânea. A esse respeito, Augusto Santos Silva (2004) elucida que o desconforto do intelectual moderno embate na sua dificuldade em adaptar-se a campos culturais transformados, acomodar os efeitos da banalização e da saturação simbólica inerentes às sociedades de comunicação de massa e a reposicionar-se numa esfera política que já não o reconhece como contrapoder.

As discussões até aqui apresentadas acerca das diversas correntes teóricas que reflectiram sobre a figura do intelectual, tiveram por objectivo apontar um caminho mais claro em direcção ao intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos e o que ele representou (e representa) para a sociedade açoriana.

2.2. A responsabilidade Sociocultural do Intelectual

Tendo em conta o mote da dissertação aqui desenvolvida, gostaríamos de problematizar o lugar do intelectual moderno. Se o termo ou a categoria “intelectual” é extremamente questionável, imaginemos como tal situação é concebida e digerida na sociedade açoriana. Qual será nesse contexto social, a intervenção da comunidade intelectual açoriana?

Contrapondo a ideia da morte ou da inutilidade do intelectual, defendida por várias correntes teóricas, o intelectual açoriano faz da sua escrita um instrumento de luta por uma região e pelo enraizamento de uma cultura açoriana. Assim como outros escritores os intelectuais açorianos tentam mostrar nos seus textos a realidade em que vivem, a literatura torna-se um importante veículo de comunicação. Então, como escritor e intelectual, ou “escritor-intelectual”, torna-se duplamente impellido, uma vez que os seus textos literários não são “meras histórias”, mas trazem consigo uma clara intenção de conscientizar a massa popular e o poder sobre o Ser açoriano.

A esse respeito Edward Said (2000: 32) diz que, embora intelectual e escritor sempre tenham sido vistos como figuras completamente distintas uma da outra, “[...] durante os últimos anos do século XX, o escritor assumiu cada vez mais os atributos antagonistas do intelectual, em actividades como falar a verdade para o poder, testemunhar a perseguição e o sofrimento, fornecer uma voz dissidente em conflitos com as autoridades.” De certo modo, o intelectual açoriano conseguiu ligar em si mesmo ambas as figuras, já que nas suas obras, estabelece uma ponte entre o real e a fantasia. Mesmo actuando no espaço da literatura, ele não deixa de mostrar quais são os seus objectivos que se traduzem na valorização de uma cultura legitimamente açoriana.

Todavia, a fim de chegarmos ao foco do nosso trabalho, é pertinente incidir o nosso olhar sobre dois intelectuais, Edward Said e Z. Bauman.

A discussão sobre a responsabilidade social do Intelectual na esfera pública tem sido alvo de grande debate. Para o próprio Edward Said (2000), um dos mais relevantes intelectuais do final do século XX, a responsabilidade social do Intelectual é de extrema importância, o intelectual é um *outsider*, um perturbador do *status quo*:

[...] não é nem um pacificador nem um criador de consenso mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichés prontos, ou conformações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem (Said, 2000: 35).

Edward Said (2000: 19) inicia o texto de *Representações do intelectual* com uma pergunta que todos nós nos fazemos em relação aos intelectuais: “[...] os intelectuais formam um grupo de pessoas muito grande ou extremamente pequeno e altamente seleccionado?”. Tentando responder à pergunta, Said desenvolve a sua argumentação com o objectivo de mostrar que os intelectuais são criaturas muito raras que defendem a verdade e a justiça como padrões eternos. Para o autor, o intelectual é um indivíduo dotado de uma vocação para representar, corporalizar e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (ou por) um público. Assim, Said assume o papel de intelectual, tendo consciência do que isso significa:

Gostaria de expor isso em termos pessoais: como intelectual, apresento minhas preocupações a um público ou auditório, mas o que está em jogo não é apenas o modo como eu as articular, mas também o que eu mesmo represento como alguém que está tentando expressar a causa da liberdade e da justiça. Falo ou escrevo essas coisas porque, depois de muita reflexão, acredito nelas; e também quero persuadir outras pessoas a assimilar esse ponto de vista (Said, 2000: 26).

Uma das funções do intelectual resume-se no esforço em destruir os estereótipos e as categorias redutoras que confinam o pensamento humano e a comunicação. “[...] o intelectual apela a (em vez de escoriar) um público tão amplo quanto possível, o qual é o seu (dele ou dela) eleitorado natural” (Said, 2000: 15). O primordial dever do intelectual é a procura de uma autonomia relativa face as pressões (académicas, igreja, grémio profissional). As representações das consciências do Intelectual manifestam-se do seguinte modo:

É um espírito em oposição, mais do que em acomodação, o interesse, o desafio da vida do intelectual encontram-se na dissidência em relação ao status quo, numa altura em que a luta em prol de grupos sub-representados e desfavorecidos parece pender tão injustamente para o lado contrário ao deles (Said, 2000: 18).

Segundo E. Said (2000), o intelectual atua com base em princípios universais, não existe para fazer com que o seu público se sinta bem, o importante é ser incómodo, do contra e se necessário desagradável, “ [...] o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa um qualquer ponto de vista, alguém que articula representações a um público, apesar de todo o tipo de barreiras” (Said, 2000: 29). O modo como o intelectual estrutura uma causa ou uma ideia perante a sociedade não tem como intenção o fortalecimento do próprio ego nem de aclamar uma posição social ou servir burocracias.

As representações intelectuais são a actividade em si, dependentes de um estado de consciência que é céptica, comprometida, e continuamente devotada à investigação racional ao juízo moral; e isto expõe em indivíduo em público e coloca-o em risco. Duas características essenciais da acção do intelectual são : saber usar bem a língua e saber quando intervir através dela (Said, 2000: 33).

Para Said (2000), o papel do intelectual não é simples e não pode ser arremessado como se tratasse de idealismo romântico.

O intelectual, não é nem um apaziguador nem um fazedor de consensos, mas alguém que investe todo o seu ser no sentido crítico, na indisponibilidade para aceitar fórmulas fáceis, clichés pronto-a-usar, confirmações afáveis, sempre-tão-conciliadoras, sobre o que os homens poderosos ou convencionais têm a dizer, e sobre o que fazem. Não só indisponibilizando-se passivamente, mas disponibilizando-se activamente e dizê-lo em público (Said, 2000: 35).

O que é importante para Said é causar embaraço ao público, ser incómodo e do contra; é mobilizar a população, tirando-a de suas acomodações confortáveis, mesmo porque ele acredita nos valores que apregoa e deseja fazer com que outras pessoas também acreditem e mobilizem-se para transformar situações sociais, económicas e/ou políticas. Vale ressaltar, ainda, que o autor não faz grandes distinções em relação aos tipos de intelectuais, citando apenas os das esferas pública e privada. Entretanto, Said deixa explícito que ambas as figuras se mesclam, podendo um intelectual ser, ao mesmo tempo, público e privado:

Não existe algo como o intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas, ingressamos no mundo público. Tampouco existe somente um intelectual público, alguém que actua apenas como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade pessoal de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito (Said, 2000: 26).

Said (2000) foi o retrato mais fiel do intelectual do seu tempo. Ele envolveu-se em diversas polémicas, como a manipulação da imprensa pelas elites, o colonialismo que ainda persiste nos nossos dias e a política desenvolvida pelos Estados Unidos. Como palestino, defendeu ardentemente a causa de seu povo, que há anos vem sendo expulso de sua própria terra. É óbvio que por suas claras tomadas de posição, principalmente por irem contra os interesses de grandes potências mundiais, Said foi criticado e muito incompreendido, tendo sido acusado de ser um activista na luta pelos direitos palestinos e, portanto, desqualificado para qualquer tribuna séria ou respeitável. No nosso modo de entender, Edward Said é a resposta explícita àqueles que ainda insistem em apregoar a extinção dos intelectuais nos nossos dias: ele se utilizou de importantes jornais, como o *The New York Times* e o *Washington Post* e inclusive *Post*, da rede de televisão britânica BBC, onde proferiu as conhecidas Conferências Reith.

Em confronto, o sociólogo Z. Bauman ([1987] 2010) rejeita a representação do intelectual como legislador, a queda do legislador é provocada por um organismo autodestrutivo próprio da modernidade como projecto, que é um empreendimento humano sem limites e que acaba extrapolando a capacidade humana de apreender sua própria engenhosidade. A modernidade pagou, o preço da sua ambição e de suas “contradições inextricáveis”: quando se vê o particular e o limitado tentando conter o absoluto; o efémero buscando a durabilidade; o normal ensejando o *status* de superioridade. Em resultado, Bauman considera que “O mundo contemporâneo é impróprio para os intelectuais como legisladores” (Bauman, 2010: 170). Abre-se o caminho, para a ascensão de novas representações, dentre elas está a figura do intérprete. A função do intelectual passa a ser não a de legislar – na procura de veredictos absolutos – mas de interpretar recortes da realidade a que chamamos de “textos”. E anuncia um novo tipo de intelectual: o “pós-moderno”, o intelectual com a capacidade de interpretar os diferentes “jogos linguísticos” que emergem na esfera pública. Assevera na obra *Legisladores e Intérpretes*, que deixou de ser coerente questionar “quem são os intelectuais?”, e obter como resposta um conjunto de avaliações objectivas ou mesmo um exercício de terminologia. Não existe lógica em ter uma lista de profissões que os membros sejam intelectuais, ou traçar um limite no interior de uma hierarquia profissional acima da qual os intelectuais encontram-se localizados. Em cada espaço e tempo devido, os intelectuais são criados por um efeito articulado de mobilização e auto recrutamento. O significado premeditado de “ser intelectual” deve elevar-se acima da preocupação parcial com a profissão ou o *gênero* artístico, para preocupar-se com as questões globais sobre a verdade, o juízo e o gosto da época. A linha que demarca “intelectuais” de “não intelectuais” é delineada pela

decisão de fazer parte da sociedade de um modo específico. Tal como os conhecimentos que produzem, os intelectuais não são reduzidos por tradições localizadas, são sim, tal como o seu conhecimento, extraterritoriais, o que lhes confere o direito e o compromisso de validar, ou não, crenças que possam ser suportadas em vários segmentos da sociedade.

Para Bauman (2010: 15-20), a estratégia moderna de trabalho intelectual é a que se descreve pela metáfora do papel do "legislador", em que funda-se em fazer afirmações concedidas e autoritárias que avaliem controvérsias de opiniões e seleccionem aquelas que, uma vez apuradas, se tornem íntegras e associativas. A autoridade para arbitrar é, validada por conhecimento (objectivo) superior, ao que os intelectuais têm mais acesso que a parte não intelectual da sociedade. Esse acesso acontece através das regras de procedimento, defendendo que se alcance a verdade, que se chegue a um juízo moral válido. *O Intelectual Legislador*, típico da modernidade, tinha a função de árbitro entre opiniões divergentes, decisiva para a manutenção e o aperfeiçoamento da ordem social, e era legitimada pelo conhecimento superior acerca das coisas do mundo. A estratégia pós-moderna de trabalho intelectual é aquela que é descrita pela metáfora do papel do "intérprete". Em vez de estar orientada para a selecção da melhor ordem social, esta estratégia visa facilitar a comunicação entre participantes autónomos (soberanos). Preocupa-se em impedir a alteração do significado no processo da comunicação. Para que isto aconteça fomenta a necessidade de penetrar em profundo o sistema de conhecimento alheio, do qual a tradução deverá ser realizada assim como a necessidade de manter o equilíbrio delicado entre as duas tradições em diálogo, de modo que a mensagem não seja distorcida, em conformidade ao significado pretendido pelo emissor e seja compreendida pelo receptor. Na era pós-moderna, o *intelectual é intérprete*, tem como papel facilitar a comunicação entre indivíduos, actuando como uma espécie de negociador. Contudo, a estratégia pós-moderna não compromete a eliminação da moderna, ao inverso, ela não pode ser formada sem a moderna. Ao mesmo tempo que a estratégia pós-moderna compreende o afastamento das aspirações universalistas da própria tradição dos intelectuais, ela não menospreza as ambições universalistas dos intelectuais quanto à sua própria tradição, os intelectuais garantem aqui a autoridade profissional, legislando sobre as regras de actuação que permitem arbitrar debates de opinião. A dificuldade é como determinar as fronteiras de certa sociedade de modo que sirvam como território de práticas legislativas. Durante parte de sua história, na visão de Bauman (2010: 259-260) os intelectuais do Ocidente traçaram os planos de uma sociedade melhor, civilizada ou racional extrapolando

sua experiência colectiva em geral e as suposições contra factuais de seu modo de vida em particular.

Em cada espaço e tempo devido, a comunidade intelectual emerge por um efeito articulado de mobilização e auto recrutamento. O significado premeditado de "ser intelectual" deve preocupar-se com as questões globais sobre a verdade, o juízo e o gosto da época. O conceito de intelectual configura-se de maneira histórica, não tendo sempre existido da forma que o conhecemos, logo não é coerente entendê-lo agora como noção fechada e finalizada. Assim sendo, o que consideramos intelectual hoje é, por conta das mudanças em torno da esfera pública bem diferente do que se poderia considerar intelectual à época de Sartre. As mudanças ocorridas na esfera social ao longo do século XX e início do século XXI trazem possibilidades de repensar a questão à luz do contexto em que está inserida. Prescrevemos o nosso estudo para o discurso dos intelectuais Açorianos que fazem parte da comunidade intelectual pertencente aos institutos e, a partir dele, pensar numa breve formulação de intelectual que o define como alguém que pensa e escreve. O intelectual precisa de expor as suas ideias através da fala ou da escrita, fazendo-as reflectir na esfera pública, ou seja não basta apenas ser produtor de pensamento. Os seus posicionamentos necessitam de abandonar o confortável palco da escrita íntima e ganhar novos lugares, devendo-se tornar públicos.

Partindo então do pressuposto de que o intelectual pertencente aos institutos de cultura açoriana fez e faz da escrita uma arma, concordamos com Edward Said (2004) quando este diz que o papel tanto do escritor quanto do intelectual é desafiar o silêncio imposto e levantar-se contra os instrumentos de poder, a favor dos interesses colectivos. Ainda que correndo o risco de algumas abstracções, julgamos que não seria precipitado afirmar que o intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos não abriu mão de valorizar o que é tipicamente açoriano, atribui grande mérito à cultura, sendo ela mesma o mote que orienta toda a produção literária. Se há expectativas e desejos postos de lado, soterrados pelos discursos dominantes, o intelectual é o agente que se encontra em “[...] posição de possibilitar e incrementar a formulação dessas expectativas e desejos” (Said, 2004: 39).

2.3. O papel da comunidade intelectual açoriana e a sua intervenção na esfera pública através do discurso literário

Na segunda e terceira décadas do século XX, evidenciam-se, em diversos países europeus, incluindo o continente português, a resistência, ao nível cultural, à acção uniformizadora do Estado. Nos Açores, nas primeiras décadas do século XX, o movimento regionalista açoriano amplia o âmbito do debate sobre as realidades políticas, sociais e, dum modo muito peculiar, culturais insulares. Começava um projecto de "introspecção açoriana", que envolveu intelectuais, políticos, jornalistas, empresários, elementos do clero, entre outros, que ambicionavam a "construção" de uma verdadeira consciência açoriana, entendida, em linhas gerais, como a substituição dos interesses particularistas de cada uma das ilhas pelos valores da unidade e solidariedade açorianas. Assistindo-se também nos Açores à valorização ao nível cultural, da originalidade da terra e do povo açoriano, fundamentando-se por via da literatura a identidade açoriana. Destacando-se a necessidade da preservação do património artístico, etnográfico e da publicação de uma história dos Açores, especialmente destinada à juventude, de forma a desenvolver nas novas gerações o "espírito açoriano". Desta forma, pretendia-se que, o folclore, a etnografia e a paisagem, deviam diferenciar-se como autênticas fontes inesgotáveis de inspiração dos autores açorianos, contribuindo para a indispensável "individualização" da arte açoriana, nas suas diversas manifestações. Competindo, às elites intelectuais e políticas grandes responsabilidades na formação do "ideal açoriano".

Conforme refere Armando da Cunha Narciso (1914), havia a necessidade de estimular o "sentimento açoriano" despertando nas populações, através "[...] do conhecimento mútuo, o espírito de fraternidade cimentado na noção de partilharem uma mesma terra e de terem origens e interesses comuns" (Narciso, *cit* Cordeiro, 1998: 284). Este seria um dos alicerces de um "ideal açoriano" que todos agregassem na defesa dos interesses açorianos. Porém, sobre a "apatia" açoriana em relação ao movimento regionalista, Carlos Cordeiro apresenta a ideia do jurista, intelectual e político açoriano Luís Ribeiro, que justifica a desunião das ilhas motivada por diversos factores como o desconhecimento mútuo, a defesa egoísta dos interesses de cada uma, além de motivos históricos e estrutura administrativa. Assim, de acordo com Luís Ribeiro, o espírito regional, em vez de açoriano, concentrava-se em cada uma das ilhas, prejudicando a defesa dos interesses comuns a todo o arquipélago e, em consequência, o seu desenvolvimento geral.

O espírito açoriano devia assentar numa consciente “solidariedade moral” que não afectasse a defesa dos interesses comuns ao arquipélago, o que só seria viável quando imperasse, não só o respeito, mas o próprio afecto entre os açorianos de todas as ilhas (Ribeiro, 1920, cit Cordeiro, 1998: 287).

Desta forma, pertenceria aos intelectuais contribuir para o desenvolvimento da “consciência açoriana”, através da apreensão da realidade do arquipélago, não só como unidade geográfica, bem como a necessidade da defesa dos seus interesses comuns (Cordeiro, 1998: 290-291). Além disso, em relação à “consciência açoriana” e ao regionalismo como “elemento cimentador” do patriotismo, havia a necessidade de despertar o “sentimento açoriano” através do trabalho empenhado no “engrandecimento da pátria” na aproximação dos açorianos. Só assim seria possível combater a “onda desnacionalizadora” que afectava os Açores (Cordeiro, 1998: 292). A este respeito, é importante referir, as ideias defendidas por intelectuais açorianos, como Luís da Silva Ribeiro e Luís Bernardo Leite de Ataíde, que realçam a importância das recolhas etnográficas e a fundação de museus regionais:

Artesanato, cozinha tradicional, teatro e literatura populares, instrumentos e alfaias, processos e técnicas de produção, lendas, provérbios e todos os aspectos da vivência tradicional do povo açoriano deviam ser motivo de recolha e estudo em todas as ilhas dos Açores, pois a agitação e a aceleração da vida moderna parecia não ser compatível com a manutenção dos hábitos tradicionais [...] Os museus etnográficos serviriam, ademais, como verdadeiras escolas de formação cívica, pelo seu contributo para despertar nas populações o culto das tradições (Ribeiro & Ataíde, cit Cordeiro, 1998: 298-299).

Uma das vertentes em que se desenvolve o movimento para a formação da “consciência açoriana” ficou conhecida por “açorianismo”, este apresenta-se, em termos restritos, como “[...] exaltação dos valores açorianos e a sua projecção quer no arquipélago, quer no exterior” (Cordeiro, 1998: 304).

No entanto, outros autores como José Bruno (*in* Andrade, 1996: 84-87) chamam a atenção para o louvor exagerado às características açorianas, que iria levar ao surgimento de polémicas desencadeadas pelos críticos dos regionalistas, mas também por alguns dos mais empenhados defensores do movimento regionalista açoriano, salientavam a falta de espírito crítico e de objectividade perceptível em muitos textos produzidos.

Assim, a campanha pelo “renascimento regionalista” integrava o conjunto de actividades culturais e tinha como objectivo a afirmação da diferença, ou a originalidade da cultura e da

sociedade açoriana. Mas, para os mais tradicionalistas, como o escritor, poeta, dramaturgo, cronista e etnólogo açoriano Armando Côrtes-Rodrigues (1922),

[...] os Açores eram apresentados como depositários da verdadeira tradição nacional, os mais puros representantes da Raça, já que o isolamento dificultara a penetração da “onda desnacionalizadora” que se abatera sobre o continente (Côrtes-Rodrigues cit Cordeiro, 1998: 310).

Segundo Luís Ribeiro (1921), o “espírito açoriano”, o “sentimento açoriano”, a “alma açoriana”, a “consciência açoriana”, assentavam numa representação, traçando assim, o “homem açoriano”, ou melhor, o “bom homem açoriano” (Ribeiro, *cit* Cordeiro, 1998: 311).

Na continuidade do movimento desencadeado nos Açores em torno da “fraternidade insular” ou “confraternização açoriana”, no início do século XX, as elites do arquipélago procuraram criar o “espírito açoriano”, a “alma açoriana”, com o objectivo de congregar os cidadãos para a defesa de interesses comuns, nomeadamente a ampliação dos poderes da autonomia administrativa. Neste contexto, estruturou-se o conceito de “açorianismo” como um ideário de cariz político-ideológico que defendia a afirmação da “identidade açoriana” e o reforço da consciência das populações com vista a defender os interesses do arquipélago face ao poder central. Nesta perspectiva, desenvolveu-se a corrente defensora do regresso à tradição combateu-se a descaracterização da sociedade açoriana e procurou-se “açorianizar” os Açores.

Luís da Silva Ribeiro (1919), foi um dos autores que mais contribuiu para a definição das linhas gerais do “açorianismo” nos anos 20, as suas reflexões foram fundamentais para desenvolver o seu estudo sobre a “açorianidade” na década seguinte. A noção de “açorianidade”, apresentada por Luís Ribeiro, era um aprofundamento do conceito de “açorianismo”, na medida em que apontava as possíveis causas da diferença entre açorianos e continentais e enunciava os factores de identidade, que permitiram aos sectores mais empenhados na luta política reforçar e justificar as suas reivindicações face a Lisboa. Assim, defendia que os açorianos descendiam dos portugueses da época mais gloriosa da história nacional, apontando-o como o mais genuíno representante da raça, embora reconhecesse as particularidades do meio insular Luís Ribeiro não tinha dúvidas em concluir que essas qualidades herdadas dos portugueses do século XV haviam-se mantido puras: o açoriano era o “português puro”, “mais e melhor português” do que o povo continental.

Em todo este movimento regionalista realça-se o interesse pelas questões culturais, enquanto elementos fundamentais de definição da “identidade açoriana”. É neste âmbito que se pode perceber a transição do discurso de exaltação das particularidades do povo açoriano, à defesa na urgência desse mesmo estudo e preservação dos traços fundamentais da cultura popular, de modo a permitir, definir e fundamentar a verdadeira “alma açoriana”, através da intensificação de estudos e sua divulgação, por parte de intelectuais açorianos, que procuravam a afirmação da “identidade açoriana”, contrapondo as ideias regionalistas e autonomistas às tendências centralistas.

Nesta conjuntura, torna-se relevante analisar o debate autonomista conduzido e alimentado por intelectuais, literários, líderes políticos e movimentos culturais açorianos que permitiram em 1976, a obtenção do estatuto de região autónoma, possuindo governo próprio com autonomia política, administrativa e financeira, representando o esforço de unificação e aproximação entre todos os açorianos tendentes a ultrapassar os bairrismos antigos. A partir desta data o poder político instituído assumiu como prioridade a construção oficial e institucional de uma identidade cultural açoriana, baseada no conceito de *açorianidade*, com o apoio de intelectuais açorianos, esta construção resgata um conceito avançado por Vitorino Nemésio aquando da comemoração do V centenário dos Açores em 1932. Através deste conceito, tentava definir a personalidade do açoriano a par de uma identidade portuguesa.

Para nós [...] ilhéus natos, contumazes, açorianidade é o nosso modo de afirmação no mundo, a alma que sentimos no corpo que levamos. E, dizendo isto, não pretendemos descobrir-nos nalgum novo padrão antropológico [...] Lusos somos, portugueses falamos [...] Mas [...] os Açores são uma forte variedade da nação portuguesa criada em meio milénio de isolamento norte-atlântico (Nemésio in Almeida, 2011: 30).

Surgindo como um discurso convincente da singularidade da “alma açoriana”, a *açorianidade* vai caracterizar a região como uma comunidade de descendência com costumes e maneiras de ser próprios. Conforme João Leal (1997), este discurso é construído por inúmeros autores ao longo do século XX, a partir de uma “[...] etnografia espontânea: um conjunto de asserções de forte orientação etnocultural em que conceitos e ideias sobre o povo, raízes e cultura ocupam um lugar relevante, como argumento decisivo para afirmar a unidade e a diferença dos Açores” (Leal, 1997: 10).

Nas palavras de Vitorino Nemésio (1932):

[...] a geografia para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos sísmicos e enchentes. Como as sereias temos dupla natureza. Somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar (in Gouveia, 1986:402).

A partir do início do século XX, constata-se o crescimento das actividades regionalistas, além dos congressos e conferências, a criação, sobretudo na Capital, de associações representativas das províncias, para a defesa dos respectivos interesses, as casas regionais, bem como a fundação de órgãos de imprensa regional. Progressivamente, a perspectiva regionalista foi abrangendo as questões económicas e expandiu-se à defesa e valorização do património artístico e cultural das diversas regiões, contribuindo para o *despertar da consciência das regiões*.

Produzido primeiramente como discurso político-cultural, a *açorianidade* ganhou, em paralelo, vasta expressão na literatura açoriana, significando a procura de um “regionalismo literário original” que descrevesse a “alma açoriana”, a vida das aldeias, os tipos, as linguagens e as paisagens da região (Cordeiro, 1998: 57). Foi na imprensa que a cultura e as letras regionais encontraram a sua expressão e a sua legitimação assumindo-se como o principal meio de difusão. Os jornais sustentavam uma tradição de imprensa literária e cultural e eram usados como transportes de circulação de ideias e programas e neles se desenvolveu um regionalismo cívico e cultural.

Pretendia-se através da recolha, conservação e divulgação dos costumes, dos trajes e do folclore, implantar uma cultura açoriana que preservasse uma imagem dos Açores e do açoriano idealizado. A ideia da açorianidade vai significar, ao longo do século XX, um esforço sistemático e permanente de intelectuais e organizações açorianas para fixar – em primeiro no espaço nacional português e, contemporaneamente, nas comunidades transnacionais de imigrantes e descendentes – um espaço da diferença constitutivo da identidade cultural regional das populações do arquipélago. Envolveu intelectuais, políticos, jornalistas, elementos do clero, entre outros, que almejavam a “construção” de uma verdadeira “consciência açoriana”, entendida, em linhas gerais, como a substituição dos interesses particularistas de cada uma das ilhas pelos valores da unidade e solidariedade açoriana. O recurso à história e o apelo ao regresso da tradição; as preocupações pela preservação do património etnográfico e artístico; a exaltação dos valores patrióticos integrou esse discurso regionalista. Como menciona Agnelo Casimiro (in Cordeiro, 1998), no

arquipélago dos Açores acentua a falta da fase essencial de “regionalismo sentimental” havendo a necessidade de um compromisso desinteressado, com o objectivo de constituir um forte sentimento de fraternidade entre as diversas ilhas.

A "questão da literatura açoriana", ainda que provinda já de finais do século XIX, assume, no século XX, grande relevo no debate cultural, na medida em que os regionalistas a criavam como instrumento essencial de divulgação dos valores dessa alma do povo açoriano, muito mais do que simples repertório da paisagem ou descritiva dos costumes açorianos. Luís Ribeiro, por exemplo, apresenta uma visão dupla do modo de conceber a "arte regionalista". De um lado, o modo "objectivo": a paisagem, os costumes, os trajes das ilhas. Do outro, o "subjectivo", ou seja, a interpretação artística da "psicologia popular" e da "alma açoriana". A verdadeira literatura açoriana seria aquela que expressasse equilibradamente estas duas vertentes da realidade insular. Ora, isso exigia a convivência constante do escritor com o povo e um grande poder de observação, de modo a compreender os sentimentos do povo e a expressá-los literariamente (Cordeiro, 2008).

Após 1976, com a implantação da autonomia administrativa, o discurso da açorianidade fornecerá as bases de referência para a construção da identidade cultural açoriana enquanto característica fundamental de uma região politicamente autónoma. Na prática, o discurso da açorianidade traduz-se num processo contínuo de apropriação, difusão e circulação de símbolos, ideias e emblemas capazes de fazer operar centenas de organizações em torno de uma “comunidade de sentimentos” (Almeida, 2011: 162), que tem os Açores como raiz e centro simbólico e suas terminações localizadas nas expressões populares locais, quer das ilhas, quer das comunidades da diáspora.

Com a aliança entre liberdade autonómica e criação de instituições autonómicas, favoreceu-se uma prática cumulativa com a incentivo mútua do amadurecimento do meio e da correlativa produção de qualidade literária. Por essa altura, o Instituto Açoriano de Cultura, através da sua colecção “Insula”, publicou *Contos Açorianos*, em dois volumes, divulgando autores açorianos.

Onésimo Teotónio de Almeida revela-se, em 1983, ao escrever o livro *Sapateia Americana*, consagrando outros olhares sobre a vivência e as experiências colhidas nas comunidades emigrantes. Daniel de Sá, que em 1982 havia escrito *Génese*, publicará, em 1985, um livro de contos de temática açoriana (*Sobre a Verdade das Coisas*) e, entre novelas, ensaio, escreverá um outro livro de contos (de Natal): *A Longa Espera* (1987). João de Melo, que já em 1975 se havia iniciado com *Histórias da Resistência*, escreve *Entre Pássaro e Anjo* (1987), livro de

contos que tem grande recepção junto do público, no ano seguinte, com a publicação do romance *Gente Feliz com Lágrimas*, recebe o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores.

Nos anos 90, Álvaro Oliveira, poeta e dramaturgo, lança-se à ficção narrativa, escrevendo quatro romances e dois (belíssimos) livros de contos: *Contos com Desconto* (1991) e *Com Perfume e com Veneno* (1992) (Gouveia, 1986).

No romance *Pátio d'Alfândega/Meia-noite*, de, ainda, Álvaro Oliveira (1992), onde põe a nu uma sociedade assinalada pelo provincianismo e a ganância, assolada pelos episódios da reconstrução da cidade de Angra do Heroísmo, destruída pelo terremoto de 1980. Já não se trata da figuração de uma sociedade do passado, mas a actual, com seus conflitos e ausência de perspectivas; a consciência insular apresenta-se contraditória e perplexa, às voltas com as exigências da modernidade e do estar europeu.

Assim, esse conjunto literário, firme em obras e autores das mais variadas vertentes, possui, intelectuais aptos a demarcarem as etapas de um percurso de quase 500 anos. No século XX aparece, depois de Vitorino Nemésio, o nome de Pedro da Silveira, referência obrigatória, seja como ensaísta, poeta, agitador cultural ou elemento agregador de uma geração. A literatura açoriana, desde que atingiu o patamar universitário – nomeia-se os trabalhos de Almeida Pavão, José Enes, Martins Garcia, Machado Pires, Onésimo Almeida (que instituiu a cadeira de Literatura Açoriana na *Brown University*, nos Estados Unidos), Urbano Bettencourt (que rege semelhante disciplina na Universidade dos Açores), Adelaide Batista – a literatura açoriana, vem angariando o indispensável corpo reflexivo, veiculado seja por jornal, revistas ou livros. Vamberto Freitas, um dos mais férteis ensaístas da actualidade depois de *O imaginário dos escritores açorianos* (1992), em que lançou as bases de um estudo que viria a aprofundar, *Mar cavado: da literatura açoriana e de outras narrativas* (1998) é uma colectânea de artigos e entrevistas publicadas entre 1992 e 1998. O título recorda as ocorrências insulares, visto que remete aos limites marítimos que rondam o viver ilhéu. *A ilha em frente: textos do cerco e da fuga* (1999), do mesmo autor, é um painel do presente estado dos assuntos açorianos, e esse quadro possui um tema único, que perpassa as linhas e entrelinhas: a actual situação das Ilhas, tanto no que concerne ao político-cívico como o da geografia humana e da cultura (Brasil, 1999).

Nas palavras de Vamberto Freitas,

[...] os discursos culturais nos Açores são a soma de inúmeros trabalhos pensados e elaborados ao longo destas últimas décadas, e que ninguém poderá ignorar em qualquer debate público, nem muito menos formular políticas culturais para as ilhas sem conhecer toda esta rica historicidade cultural, este espírito do lugar marcante na literatura mundial da nossa época [...] (Freitas, 1999).

3. Institutos culturais açorianos

Sumário

-
- 3.1. A relevância do surgimento dos institutos culturais açorianos**
 - 3.2. Caracterização dos institutos culturais açorianos e comunidade intelectual**
 - 3.2.1. Instituto Histórico da Ilha Terceira**
 - 3.2.2. Instituto Cultural de Ponta Delgada**
 - 3.2.3. Núcleo Cultural da Horta**
 - 3.2.4. Instituto Açoriano de Cultura**
-

3.1. A relevância do surgimento dos institutos culturais açorianos

O arquipélago dos Açores como refere Eduardo Lourenço (1987), é um “[...] território e realidade singular no espaço de raiz e invenção portuguesa a que os séculos, a distância e os homens imprimem uma identidade particular” (Lourenço, *cit* Almeida, 2011: 5).

A formação de uma “pequena elite cultural” em confronto com a eclosão do liberalismo possibilitou o nascimento de uma literatura Açoriana. Apesar do contributo literário do Padre Gaspar Frutuoso que inseriu uma novela sentimental na sua crónica *Saudades da Terra* no séc. XVI, a realidade é que a ficção açoriana só no séc. XIX se afirmou e consolidou, visto que a obra do cronista tendo ficado inédita não criou uma tradição literária na região. Foi na imprensa que a cultura e as letras regionais encontraram a sua expressão e a sua legitimação na ausência ou precariedade de outras formas de difusão cultural, assumindo-se como o principal meio de difusão, funcionando como um instrumento com capacidade de estabelecimento e fixação de um sistema literário. As publicações da imprensa assumiram o papel de difusão cultural numa região desprovida de indústrias editoriais, devendo, igualmente, ser reconhecida à imprensa açoriana a responsabilidade na formação de um público leitor. Simultaneamente funcionou como forma de legitimação da literatura regional, visto que a imprensa procedia a uma selecção segundo critérios editoriais. “Os jornais sustentavam uma tradição de imprensa literária e cultural e eram usados como transportes de circulação de ideias e programas e neles se desenvolveu um regionalismo cívico e cultural” (Reis-Leite, 2005: 9).

O facto de as mais salientes figuras intelectuais da época estarem ligadas à imprensa foi, sem dúvida, uma mais-valia que patenteou nos suplementos culturais açorianos grande qualidade jornalística e literária, contribuindo para o desenvolvimento da cultura e estímulo para a sua permanente criação, o que permitiu a manutenção de um elevado nível cultural nos Açores que se exprimiu no brotar de dezenas de jornais e revistas, um pouco por toda a região, tornando-se um verdadeiro fenómeno em termos de produção jornalística e literária (Teles, 2004). “ No contexto cultural português, os Açores são um caso idiossincrático. Para quem vem de fora, é espantoso descobrir que as ilhas tiveram mais de 600 jornais e revistas diferentes ao longo da sua história” (Almeida, 2011: 55).

Neste período podemos salientar José Bruno Carreiro como o melhor biógrafo de Antero de Quental e líder mais destacado desta geração, que lançou a ideia de celebração de dois

centenários, o IV do nascimento de Gaspar Frutuoso, em 1922 e o V do descobrimento dos Açores em 1932, servindo de incentivo para estudo e aprofundamento de teoria sobre a individualização dos açorianos dentro da cultura portuguesa, surgindo numa revista da época, ela também importante no panorama cultural ilhéu, a *Insula* (1932), que tinha como propósito promover a sociedade, a cultura, a história e as belezas paisagísticas das ilhas açorianas, procurando ser o reflexo do valor artístico e intelectual dos Açores. Por outro lado, nos finais dos anos trinta, realiza-se em Lisboa o Primeiro Congresso Açoriano que pretendia ser uma reconciliação e um abrir de perspectivas futuras em todos os campos da vida açoriana. Viviam-se dias de euforia, preparavam-se novas formas de administração e acreditava-se que se iniciaria uma época de prosperidade e progresso, não obstante a guerra que se aproximava.

No campo cultural, a década de 50 e a primeira de 60 nos Açores são complexas e de abordagem difícil. Nos anos 50 nas ilhas não faltavam instituições culturais (academias, sociedades) movimentos mais ou menos efémeros, onde se promovia conferências, saraus musicais e literários, para deleite dos seus associados. Isto acontecia um pouco por toda a parte mas com um dinamismo superior na cidade de Angra e de Ponta Delgada onde existia um maior número de indivíduos aptos a estes encontros. Estes indivíduos pensavam que era hora de dar forma a todo o material, e sentido a estes movimentos locais a fim de os tornar numa verdadeira cultura, ou seja “numa mundividência racionalmente fundamentada.” Nas palavras de José Enes,

[...] instituições não nos faltam, o que falta é às instituições a capacidade de efectuarem a tarefa imposta pela criação de uma cultura, ou seja, de uma mundividência racionalmente fundamentada, que, a partir da consciencialização científica das elites, molde a mentalidade e o comportamento dos povos (in Lourenço, 1959: 276).

Os agentes culturais em união com o regime encontraram nestas instituições o rumo para as suas aspirações intelectuais, o regime, através das Juntas Gerais, empenhava, por um lado, um contido apoio financeiro nas suas actividades e colhia, por outro, um oportuno entusiasmo no campo dos estudos históricos, com alguma predominância para a problemática do descobrimento e povoamento das ilhas, o que se conjuga bem com a política do Estado de exaltação dos feitos dos portugueses no período das descobertas.

Assim podemos afirmar que o que caracterizou esta época a nível cultural foi a criação de academias: o Instituto Histórico da Ilha Terceira e o Instituto Cultural de Ponta Delgada, que funcionavam como o braço direito da política cultural das Juntas Gerais dos recém-criados

Distritos Autónomos das ilhas adjacentes. Como descreve Humberto de Bettencourt (1944), a sua produção, incontestavelmente de grande mérito, é porém a da cultura oficial, agradecida e reverente. Neste período os seus pareceres comprovavam as decisões da Junta Geral, fundamentando-as e justificando-as e não havia conflitos nem desacordos uma vez que os académicos são os governantes, tornando-se mais fácil a coordenação das políticas. Os primeiros institutos foram: o Instituto Histórico da Ilha Terceira, fundado em 1942, por uma numerosidade de ilustres e notáveis homens liderados por Luís da Silva Ribeiro, presidente do instituto.

Como toda esta geração, Luís da Silva Ribeiro escrevia no Boletim do seu Instituto (nº1 - 1943) mas também em revistas nacionais e estrangeiras e nas páginas de muitos jornais, que foram nesta época, como haviam sido anteriormente, um veículo privilegiado de divulgação dos excelentes trabalhos científicos realizados na altura. Dos outros sócios, mencionamos: José Agostinho, Henrique Brás, José Augusto Pereira, Corte Real e Amaral, Francisco Lourenço Valadão, Manuel Meneses e Elmiro Mendes, os seus interesses eram diversificados, ainda que não tivessem distribuído previamente temas para uma visão de conjunto programada, podemos afirmar que formaram uma escola historiográfica marcada pelo nacionalismo. Elmiro Mendes, que era professor de filosofia, deu o enquadramento teórico com uma palestra intitulada “O ensino da História segundo conceito nacionalista.” Convém especificar que o nacionalismo português assumiu nos Açores uma faceta especial, que é o patriotismo local, e que os mesmos pressupostos que servem para enaltecer a obra nacional, neste caso através da história, servem também para enaltecer e valorizar a obra regional.

Um dos temas preferidos desta escola nacionalista foi os estudos sobre os descobrimentos, numa visão de enaltecimento dos feitos e da prioridade de acção dos portugueses. Segundo José Guilherme Reis Leite (2001), estudaram com afinco e paixão as explorações para o noroeste, retomando os trabalhos de Ernesto do Canto, e as viagens dos pré-colombinos, principalmente Henrique Brás com “A descoberta da Terra Nova do Bacalhau” ou “Pero de Barcelos e João Fernandes Lavrador” e José Agostinho com “Les îles Açores et l’expansion vers l’occident” ou “Sobre a data da viagem do descobrimento de Pero de Barcelos e João Fernandes Lavrador”, tentando provar a acção dos açorianos e acima de tudo a cronologia das descobertas na costa americana, antes de Colombo.

Paralelamente, em S. Miguel, em 1943, criava-se o Instituto Cultural de Ponta Delgada, que não tendo uma acção tão marcada na historiografia açoriana, debruçou mais os seus interesses, principalmente

nas áreas da literatura e da etnografia. Reuniu, porém, alguns historiadores tais como: Luís Bernardo Leite de Ataíde, Manuel Monteiro Velho Arruda, Rodrigo Rodrigues e outros, que usavam as páginas da revista, a *Insulana* - nº1 em 1944.

O distrito Autónomo da Horta não acompanhou este movimento cultural e só tardiamente, em 1954, fundou o Núcleo Cultural da Horta, que veio a publicar um boletim a partir de 1956.

O Instituto Açoriano de Cultura foi o último a ser fundado, em 1955, por iniciativa de um grupo de professores do Seminário de Angra.

A criação dos Institutos atendeu à urgência de desenvolver a cultura geral das classes mais responsáveis da sociedade açoriana, criar um ponto de encontro, a nível regional, dos intelectuais dispersos e associados em associações de carácter local ou demasiado específico, criar o espírito de unidade regional, analisar e estudar os pressupostos do desenvolvimento económico e social do Arquipélago.

O que se ambicionava firmar não era uma cultura açoriana dinâmica e moderna, mas antes preservar uma imagem romântica das ilhas e do seu povo, através da recolha, conservação e divulgação dos costumes, dos trajes, do folclore, das formas dialectais, enfim, de tudo o que contribuísse para perpetuar essa imagem dos Açores e do açoriano idealizado. Mas, é de realçar que tudo isso, talvez com júbilo dos ideólogos do regime, era de facto aquilo que os intelectuais, em cada distrito, defendiam e haviam proposto como programa.

Existindo a necessidade de uma mudança de paradigma, os Institutos culturais açorianos reuniram-se na cidade da Horta – Faial no dia 14 de Outubro de 2005, para a realização da primeira reunião conjunta após cinquenta anos da sua fundação, os representantes dos quatro Institutos culturais açorianos – Instituto Histórico da Ilha Terceira, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Instituto Açoriano de Cultura e o Instituto do Núcleo Cultural da Horta – encontraram-se numa reunião que podemos considerar histórica, onde analisaram as dificuldades com que se debatem, as exigências que se colocam à sua actividade, o papel que podem desempenhar na promoção e divulgação cultural, o relacionamento existente com os poderes regional e autárquico e os caminhos de cooperação que se disponibilizaram a iniciar e a desenvolver entre si. Na reunião foi aprovada a elaboração de um documento a ser apresentado, ao Governo Regional dos Açores, onde serão expressas as reflexões e propostas dos institutos culturais açorianos sobre o seu papel na sociedade açoriana e sobre o seu relacionamento com o poder regional. Foi aprovado darem os primeiros passos no

aprofundamento da cooperação entre institutos, pretendo avançar com a criação das suas páginas na internet, com *links* entre elas e com as suas livrarias virtuais. Foi também decidida a participação conjunta em feiras do livro de âmbito nacional e a criação entre os institutos de uma rede de distribuição e venda das suas edições. Foi ainda aprovado realizar anualmente o encontro dos institutos culturais açorianos.

Neste contexto, torna-se deste modo, importante fazer uma breve alusão aos institutos culturais açorianos, considerando as suas características deveras peculiares, o que os torna extremamente singulares.

3.2. Caracterização dos institutos culturais açorianos e comunidade intelectual

3.2.1. Instituto Histórico da Ilha Terceira

O Instituto Histórico da Ilha Terceira é uma sociedade cultural de natureza privada, devota à investigação e divulgação da história dos Açores. Constituída em 1942 na cidade de Angra do Heroísmo. Surge para colmatar o que parecia ser uma lacuna no estatuto dos distritos autónomos das ilhas adjacentes de 1940 – 1947, os "serviços distritais" previstos naquele estatuto não incluíam os assuntos culturais. Num período em que a única comunidade científica e académica existente nos Açores, desde 1932, era a Sociedade Afonso Chaves, em Ponta Delgada, o Instituto Histórico da Ilha Terceira foi uma instituição pioneira nos Açores, dadas as limitações às liberdades cívicas impostas pelo Estado Novo, a criação do Instituto Histórico da Ilha Terceira só foi admissível após a permissão das autoridades governamentais, que o apoiaram. No princípio constituiu-se sob a forma de academia, com um número limitado de sócios agrupados em sócios efectivos (membros correspondentes) e sócios honorários (categoria destinada aos mecenas e como recompensa pelo apoio político).

Os estatutos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, que criavam a nova instituição, foram aprovados no início de Dezembro de 1942 por alvará do Governo do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo. A proposta vinha assinada por vinte sócios fundadores, os primeiros membros efectivos da academia, altamente representativos do escol intelectual de Angra, uma lista que elucida a elite intelectual do distrito, um grupo heterogéneo com trajectos políticos, sociais e culturais distintos mas que se agregavam e assumiam responsabilidades no campo da cultura. Eram eles: Cândido Pamplona Forjaz (1901-1987), professor, político, empresário e

jornalista, foi sócio fundador do Instituto Histórico da Ilha Terceira, do Instituto Açoriano de Cultura e do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Elmiro Borges da Costa Mendes (1904-1954); professor liceal, político e intelectual, ligado aos anos iniciais do regime do Estado Novo. Francisco Coelho Maduro Dias (1904-1986); pintor, escultor, decorador e poeta, tendo um papel relevante no panorama cultural açoriano da primeira metade do século XX. Francisco Garcia da Rosa (1893-1958); sacerdote católico, professor do Seminário Episcopal de Angra. Francisco Lourenço Valadão (1889-1969); advogado, político e intelectual. Frederico Lopes da Silva (1896-1979); etnólogo. Gervásio Lima (1876-1945); prolífico escritor. Henrique Brás (1884-1947); advogado, jornalista, político e historiógrafo, primeiro governador civil após a implantação da República Portuguesa. João Carlos da Costa Moniz (1882-1955); folclorista e compositor. Joaquim Esteves Lourenço (1908-1993); sacerdote católico, intelectual e poeta, teve um papel notável na estruturação religiosa das comunidades açorianas emigradas na América do Norte. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral (1889-1987); pedagogo, político e intelectual. José Agostinho (1888-1978); militar de carreira. José Augusto Pereira (1885-1969); foi cónego da Sé de Angra, foi uma das figuras mais iminentes da hierarquia da Igreja católica nos Açores na primeira metade do século XX. Luís da Silva Ribeiro (1882-1959); jurista, intelectual e político distinguiu-se como etnógrafo e animador do movimento cultural que levou à criação do Instituto Histórico da Ilha Terceira e das instituições equivalentes nos restantes antigos distritos dos Açores. Manuel Cardoso do Couto (1893-1953); sacerdote católico, professor de Filosofia e jornalista. Manuel de Sousa Meneses (1892-1958); médico militar, político e historiador, que se notabilizou pelos seus estudos sobre o povoamento dos Açores e sobre a colonização açoriana da ilha de Santa Catarina, Brasil. Miguel Cristóvão de Araújo (1895-1972); oficial do Exército Português e investigador da história dos Açores. Raimundo Belo (1897-1958); jornalista e historiador que se notabilizou pelos seus estudos sobre a genealogia das famílias da ilha Terceira. Ramiro Machado (1897-1945); médico e político. Teotónio Machado Pires (1902-1987); político e jurista que foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique e com a Ordem de Cristo. Este grupo foi recrutado, pelos seus já comprovados méritos culturais exercidos nos jornais da cidade, nas conferências e nos saraus literários, então muito em voga, e até em publicações de livros e de pequenas brochuras, uma vez que não havia em Angra do Heroísmo, no século XX, qualquer publicação periódica tipo revista ou boletim.

No que diz respeito ao passado político, deveras importante numa época de forte intervenção ideológica, os da geração dos finais do século XIX, directa ou indirectamente, colaboravam e

assumiam responsabilidades na República democrática, podemos referir os casos mais proeminentes, Luís Ribeiro que chefiara no distrito o Partido Democrático e presidira, por eleição, à Junta Geral, em 1914, e Henrique Brás, afeito da propaganda republicana no tempo da monarquia, primeiro governador civil do novo regime, deputado e senador do Congresso da República. Da geração nascida no início do século XX estavam os homens fortes do Estado Novo que assumiam responsabilidades directas na formação da elite administrativa e política do distrito; com destaque para Cândido Pamplona Forjaz, ideólogo, chefe político e governador civil. Também, três dos nascidos no final do século XIX eram suportes da ideologia do Estado Novo e na ditadura militar tinham assumido já responsabilidades políticas e administrativas; Joaquim Corte Real e Amaral, governador civil, e polémico presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo; Manuel de Sousa Meneses, presidente da Junta Geral e futuro governador civil e Ramiro Machado, presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória (Reis-Leite, 2005).

A criação do Instituto Histórico da ilha Terceira brotou no âmbito da revitalização do cenário cultural açoriano que começava a emergir na década de 1940, na cidade de Angra e em volta da actividade do Seminário Episcopal de Angra. Foi eleito como primeiro Presidente Dr. Luís da Silva Ribeiro considerado uma autoridade auscultada e considerada pelos poderes públicos e académicos. Nemésio chamava-o, «alma e consciência da nossa ilha e dos Açores» (Reis-Leite, 2005).

O instituto pretendia promover o estudo da história e das tradições das ilhas do distrito, garantir a protecção e a conservação do património artístico dos documentos e arquivos históricos assim como manter intacta a memória dos factos históricos e das tradições insulares, como consta nos seus estatutos, “[...] que a sua actividade se exerça, predominantemente, no sentido da investigação histórica e etnográfica, por modo a se adquirirem novos conhecimentos e se verificar a exactidão dos factos já conhecidos” (Ribeiro, 1943: 6). Para atingirem os fins que se propunham, organizaram um boletim que seria o portavoz do instituto onde divulgavam os estudos, as reflexões dos sócios, as actas, as comunicações mais relevantes apresentadas em congressos e colóquios organizados sob a égide da instituição. Para além do boletim, o Instituto Histórico da Ilha Terceira tem publicado imensas obras da autoria dos seus membros e provido à edição de trabalhos históricos inéditos ou à reedição de obras antigas. Entre essas publicações destacam-se: Ilha Terceira – Notas Etnográficas, de Frederico Lopes da Silva (1980); Obras completas, de Luís da Silva Ribeiro (3 volumes 1982); Ruas da Cidade e outros escritos de Henrique Brás

(1985); Os Açores e o domínio filipino, de Avelino Freitas de Meneses (2 volumes, 1987); Tradições e festas populares da freguesia dos Altares, de Inocêncio Romeiro Enes (1988).

Em 1952, no primeiro decénio da vida do instituto havia fundado o Museu de Angra (1948) e o Arquivo Distrital (1949) a que se veio juntar, em 1954, uma biblioteca que integrou a «Municipal». No primeiro caso, distinguiu-se Frederico Lopes pelo entusiasmo na recolha de materiais etnográficos que o instituto entregou à nova instituição museológica e, no segundo, Manuel Coelho Baptista de Lima (1920-1996) que regressara à sua terra já com vasta experiência de bibliotecário e arquivista adquirida em Évora e na Assembleia Nacional e que o Instituto Histórico fizera seu sócio honorário, em 1948. Estas duas novas instituições eram o corolário de um programa cultural das Juntas Gerais inspirado e impulsionado pelo instituto. Em dez anos a renovação dos sócios efectivos foi praticamente nula, foi através de sócios honorários que se criara contacto com nomes sonantes da intelectualidade insular não residentes na Terceira, como Vitorino Nemésio, logo em 1944, e dos micaelenses José Bruno Carreiro, Luís Bernardo de Ataíde e Rodrigo Rodrigues, em 1945, que davam uma noção de unidade entre açorianos pelos laços da cultura (Reis-Leite, 2005).

Luís Ribeiro soube imprimir, pela sua forte personalidade, uma orientação muito vincada de açorianismo ao *Boletim do Instituto Histórico* durante a sua direcção que durou até à sua morte, em 1955. O boletim tinha-se transformado numa prezada revista científica entre prestigiadas instituições nacionais e estrangeiras (Lima, 1982). O açorianismo realçava-se pelos estudos etnográficos de Luís Ribeiro e de seu discípulo Frederico Lopes e pelos estudos históricos em que se distinguiram Henrique Brás, Manuel Meneses, Francisco Lourenço Valadão e José Agostinho. Pela via da etnografia formava-se a tese de que os açorianos mergulhavam as suas raízes no povo português, e pela insularidade tinham criado a identidade própria de uma espécie de «Portugal requintado». Pela história criava-se uma escola historiográfica, regionalista, exaltadora dos heróis e dos factos açorianos na grande façanha portuguesa dos descobrimentos onde se distinguia o pioneirismo da descoberta do noroeste americano como a saga dos Corte Reais. José Agostinho e Henrique Brás, a que mais tarde se juntou Baptista de Lima, traçaram armas críticas e polémicas em defesa da tese açoriana com nomes grandes da historiografia da expansão europeia, como Duarte Leite e Samuel Morrison.

O instituto abriu uma porta que iria dar bons frutos ao estabelecer relações culturais e científicas com a comunidade intelectual dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do

Sul, fazendo de alguns nomes, como Osvaldo Cabral e Valter Piazza, de Santa Catarina, e Walter Slading e Borges Fortes, do Rio Grande do Sul, seus sócios correspondentes e honorários. Estudava-se, através da colonização do sul do Brasil e paralelamente com o estudo da emigração para os Estados Unidos, a força e a resistência da açorianidade fora das ilhas e esta como contributo decisivo para a formação de novas identidades regionais de profundas raízes culturais açorianas. Encontrava-se em curso o conceito de «Povo Açoriano», que, o grupo do Instituto Histórico nunca usou e até recusou, pelas confusões políticas que isso podia trazer. Este grupo de intelectuais, muito categóricos em termos culturais do regionalismo e mesmo do açorianismo, rejeitavam qualquer envolvimento político das suas ideias e desconfiavam da capacidade dos açorianos para o autogoverno. Aceitavam uma autonomia administrativa, mas afastavam a componente política (Reis-Leite, 2005).

Em dez anos a renovação dos sócios efectivos foi nula, apesar de três deles terem falecido (Gervásio Lima, Ramiro Machado e Henrique Brás) e um se ter ausentado (Joaquim Esteves Lourenço). Ingressara só Inocêncio Romeiro Enes (1892-1982) que veio reforçar a equipa de etnógrafos, futuro monsenhor e cónego da Sé. Através dos sócios honorários é que se criara contacto com nomes sonantes da intelectualidade insular não residentes na Terceira, como Vitorino Nemésio, em 1944, e dos micalenses José Bruno Carreiro, Luís Bernardo de Ataíde e Rodrigo Rodrigues, em 1945, que juntamente com os brasileiros já referidos davam uma noção de unidade entre açorianos pelos laços da cultura.

Com a morte de Luís Ribeiro, em 1955, foi eleito presidente José Agostinho, nome prestigiado no panorama cultural açoriano, nacional e internacional, colaborador assíduo do boletim. Contudo os tempos mudavam, os sócios fundadores envelheciam, a sua colaboração diminuía, a renovação dos sócios era lenta e por esta via perdia-se a adesão a um programa cultural que havia sido a glória da instituição. O boletim não deixa, durante a presidência de José Agostinho que durou até 1975, de conter relevantes trabalhos, mas perdeu a unidade e a capacidade de liderança cultural que evidenciara anteriormente.

Em 1976, assumiu a presidência Manuel Baptista de Lima e deu-se um momento de renovação do instituto que se traduziu na admissão de novos sócios e no recuperar o interesse pela preservação e valorização do património construído dos Açores. Por outro lado, a criação dos órgãos de governo próprios da região e, nomeadamente a Secretaria Regional da Educação e Cultura, que lançou uma política de apoio e colaboração com as instituições culturais privadas, e ainda a criação do Instituto Universitário dos Açores (Universidade dos

Açores a partir de 1980), em que o Departamento de História foi dos primeiros a desenvolver-se, permitiram um clima de colaboração que muito beneficiara o Instituto Histórico. São de realçar duas linhas de programação; a preparação teórica e científica da candidatura da cidade de Angra do Heroísmo a património cultural que foi elaborada pelo instituto e por delegação do Governo Regional em 1983; o Colóquio Internacional «*Os Açores e o Atlântico*», em colaboração com a Universidade, em 1983 seguida em 1987, 1990 e 1993 que reuniu em Angra do Heroísmo um destacado grupo de investigadores nacionais e estrangeiros. Este evento deveu-se, particularmente, ao Professor universitário e sócio do instituto, Teodoro de Matos, que inaugurara um movimento de renovação da historiografia insular, precisamente através do seu magistério no departamento universitário de História e do qual muito beneficiou o instituto. As reuniões científicas, sob forma de colóquios e seminários, tiveram continuidade, todas elas marcadas pelo espírito de uma investigação renovada e de uma historiografia comparativa das várias sociedades insulares atlânticas (Reis-Leite, 2005).

Em 1984 assumia a presidência do Instituto Histórico Álvaro Monjardino e a sua presidência foi um período áureo de renovação e de desenvolvimento em íntima colaboração e diálogo com o Governo Regional. Os boletins desta época reflectem rigorosamente tais acontecimentos. Organizaram-se colóquios de relevante interesse: "Os impérios do Espírito Santo e a simbólica do Império." (1984); "Uma reflexão sobre Portugal" (1994).

O Instituto teve um papel relevante no despertar, preservar, valorizar e pôr ao serviço da sociedade um património que é elemento fundamental da identidade açoriana, assim como no seu contributo para com outras instituições no desenvolvimento de estudos históricos sobre o passado insular. É ainda de realçar dos programas do instituto a publicação de textos fundamentais da historiografia clássica açoriana, nomeadamente a "Fenix Angrence" do padre Manuel Luís Maldonado do século XVII, com leitura e transcrição do manuscrito seiscentista por Hélder Parreira de Sousa Lima, 1.º volume em 1989, 2.º volume em 1990 e o 3.º e último volume 1998, e "Apontamento para a História dos Açores" de Francisco Ferreira Drummond em edição preparada por Reis-Leite.

Em 1985, foram reformulados os estatutos e o regulamento interno de forma a adaptá-los à nova realidade autonómica, mas preservou-se o principal da associação e o seu carácter a um tempo privado e supletivo da acção cultural, baseado na realidade local e regional.

Em 2002 assume a presidência do Instituto Histórico, José Guilherme Reis Leite, o instituto enfrenta novos desafios como a captação de verbas, até comunitárias, para poder desenvolver o seu contributo para o progresso e afirmação da cultura açoriana e com uma manifesta alteração da política cultural do governo que deixou de procurar o apoio e a participação dos institutos para o desenvolvimento dos seus programas.

Uma mais-valia para o instituto é o Centro UNESCO dos Açores que funciona desde 1991 no seu seio, o que permite maior abertura ao público, uma vez que pode contar com a cooperação independentemente da categoria estatutariamente limitada de sócios efectivos. As perspectivas para o futuro são animadoras, para tal é necessário que se mantenha o empenho e a efectiva participação dos sócios e se continue a desenvolver os fins que o estatuto estabelece.

Segundo Reis-Leite (2005), o instituto como qualquer outra associação, só sobrevive com dignidade desde que os seus associados em primeiro lugar, seguido do público em geral interiorizem que a participação cívica, voluntária e gratuita dos cidadãos é o melhor caminho para garantir viva uma cultura e uma sociedade consciente e democrática. A qualidade de vida está também, nos aspectos cívicos e culturais e sem consciência disso mesmo as sociedades correm o risco de definharem e de abandonarem a exigência para consigo próprias, sinal inequívoco de perigo da liberdade e da dignidade individual e colectiva.

Conforme o presidente Francisco dos Reis Maduro-Dias (2009: 437), “No essencial a Missão do Instituto Histórico mantém-se a mesma da sua fundação e afigura-se-nos ter, efectivamente, um lugar na nossa sociedade contemporânea.” Tendo os métodos que serem modificados e recuperar urgentemente o dinamismo solidário dos tempos de Luís da Silva Ribeiro e José Agostinho e ainda a necessidade de uma revisão dos estatutos como modo de incentivar uma nova postura, inclusive interna.

3.2.2. Instituto Cultural de Ponta Delgada

O Instituto Cultural de Ponta Delgada surgiu no final do ano de 1943, pela vontade de um grupo de intelectuais das ilhas de S. Miguel e Santa Maria (50 sócios fundadores), *O Instituto Cultural de Ponta Delgada* é definido como uma sociedade de labor literário, científico e artístico, que tem como objectivo primordial a promoção de todas as actividades, estudos e

trabalhos que, nos diversos ramos de especulação cultural, possam contribuir para a conservação e engrandecimento do património espiritual açoriano. Destacam-se, como sócios fundadores, que fizeram parte da chamada "Nova Geração de Intelectuais", muitos deles ligados ao ensino, o Dr. João Anglin, o Dr. Armando Cortes Rodrigues, o Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, António Roberto de Oliveira Rodrigues e Diogo Ivens Tavares. Em 1944, o seu corpo de sócios honorários foi constituído pelo Doutor Victorino Nemésio, Tenente-Coronel José Agostinho, Dr. Luís Ribeiro, Dr. Henrique Brás e Professor Marcelo Caetano. Faziam parte da primeira direcção: Dr. Humberto de Bettencourt (presidente); Rodrigo Rodrigues (tesoureiro); Dr. Francisco Carreiro da Costa (secretário); Dr. José Bruno Tavares Carreiro e Dr. Armando Côrtes-Rodrigues (vogais).

No dia 24 de Novembro de 1943 a Junta Geral recebeu um ofício do governador em que anunciava: A organização em Ponta Delgada de uma Sociedade de Estudos cujos fins essenciais se prendiam com o problema do espírito açoriano afigurando-se de máxima utilidade, podendo vir a auxiliar a Junta no uso das suas atribuições de educação e cultura, uma vez que visava projectar a edição de várias obras relativas à história, à arte e à etnografia do distrito e a publicação periódica de um boletim de estudos (Rodrigues, 2005).

No dia 17 de Abril de 1944 a direcção deliberou dar o nome de *Insulana* ao boletim, *Órgão do Instituto* que é a alma e o rosto do instituto, correspondendo ao cumprimento dum dos princípios básicos e, principal, do plano de trabalho, imposto à sua direcção pelo estatuto com que este organismo se fundou, versando a difusão da cultura açoriana nas suas diversas actividades: historiográfica, etnográfica, toponímica, literária, poética, teatral e tudo o que, de uma forma geral, diga respeito aos Açores (Rodrigues, 2004).

As razões para a criação do instituto e os seus objectivos foram apresentadas pelo seu presidente no primeiro número da *Insulana*: Impunha-se à tradição literária da ilha de S. Miguel, mantida através de todos os tempos, a organização de uma sociedade que congregasse todos os trabalhadores do espírito e lhes criasse, com o aparecimento de uma revista, o estímulo de mais trabalho, arquivando e divulgando produções que poderiam ficar ignoradas ou esquecidas, e abrindo, pela possibilidade de publicação, um novo interesse às investigações históricas, etnográficas, científicas, artísticas e literárias, defendendo e valorizando o património tradicional Açoriano (Betencourt, 1944).

Pela leitura do primeiro livro de actas das reuniões da direcção do instituto, temos a noção da importante obra realizada por esta instituição que, servida por uma elite intelectual, teve um papel relevante na vida social e cultural do distrito de Ponta Delgada. Uma das primeiras e mais importantes iniciativas do instituto foi tomada a 10 de Janeiro de 1945 relatada na acta da reunião da direcção desse dia a fim de tomarem uma decisão para a execução de um teatro na cidade de Ponta Delgada, falta cultural que muito se fazia sentir. Outra importante iniciativa do Instituto Cultural tomada na mesma altura foi a deliberação de que a direcção diligenciasse perante o Governador Civil e a Junta Geral a compra por parte desta da importante «Biblioteca José do Canto» e a sua incorporação na Biblioteca Pública de Ponta Delgada. Estas duas iniciativas, que acabaram por se realizar, enriqueceram de tal forma o património cultural da cidade, que justificaram o galardão (Medalha de Mérito) que, em 2003, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, atribuiu ao Instituto Cultural de Ponta Delgada (Rodrigues, 2005).

O Instituto Cultural de Ponta Delgada mostra ao longo da sua história, um grande empenho no contacto com pessoas e instituições, nacionais e estrangeiras, com actividade cultural, não só com a intenção de divulgar as suas obras, particularmente o seu boletim, a *Insulana*, mas, sobretudo, com o objectivo de dar a conhecer os Açores ao mundo. Tem sido também uma das suas preocupações, a procura constante de relações privilegiadas com as outras instituições culturais açorianas, pretendendo uma colaboração frutuosa, designadamente no sentido de uma maior compreensão e unidade entre as Ilhas. Apesar das dificuldades não se coibiram de manter um papel de relevo no seio da sociedade do distrito de Ponta Delgada, que, sob a administração de pessoas de reconhecida capacidade intelectual e cultural, continua a desempenhar a sua benéfica acção cultural, mantendo a sua brilhante acção editorial, a publicação da revista *Insulana* como se comprova pela qualidade e quantidade de obras publicadas, algumas indispensáveis para o conhecimento da história dos Açores (Rodrigues, 2004).

Vencidas as dificuldades, o Instituto Cultural de Ponta Delgada continua a sua acção cultural, adaptando-a aos tempos actuais, mas fiel aos objectivos que foram definidos quando da sua fundação: i) promover o desenvolvimento de estudos e trabalhos que possam contribuir para a conservação e engrandecimento do património espiritual; ii) manter a publicação regular de uma revista; iii) editar a publicação e divulgação de trabalhos inéditos, de reconhecido mérito e interesse social (Rodrigues, 2005).

Na actualidade (2011), o instituto tem realizado na primeira terça-feira de cada mês sessões de poesia designadas de «Poesia às Terças». Em parceria com a AIPA – Associação de Emigrantes nos Açores, e com a colaboração da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, o Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores e a Associação Cultural Corredor, organizaram um *workshop* de Argumento Cinematográfico, ainda no referido ano, para assinalar os 120 anos da morte de Antero de Quental (1842-1891), o Instituto Cultural de Ponta Delgada promoveu na sua sede, uma sessão cultural, tendo como oradores o Professor Doutor António Machado Pires, catedrático de literatura e cultura portuguesa, autor de inúmeros livros sobre a geração de 70 – apresentou uma comunicação sobre “Nemésio e Antero” – e a Doutora Ana Maria Almeida Martins, figura principal dos estudos anterianos e autora de uma conhecida fotobiografia sobre o Poeta, falou acerca de “*Antero de Quental e León Tolstói, um encontro em Isnaia Poliana.*”

No ano de 2012 o Instituto Cultural de Ponta Delgada efectuou na sua sede o lançamento da revista *Insulana* (n.º LXIV). Em parceria com a Escola Secundária das Laranjeiras comemorou o bicentenário do escritor Charles Dickens, com a realização de um ciclo de cinema baseado em suas obras, projectando na sede do Instituto os filmes “*Great Expectations*”, “*A Christmas Carol*” e “*Oliver Twist*”, sendo cada um precedido de uma apresentação personalizada.

3.2.3. Núcleo Cultural da Horta

A partir de meados do século XIX surgiram na cidade da Horta diversas associações tendo como objectivo a promoção da cultura nas suas mais diversas facetas. Dado a pequenez demográfica do meio, estas sociedades foram quase sempre efémeras, desaparecendo com os seus principais promotores. Assim, nos finais da década de 1930 e nos princípios da década de 1940, particularmente depois da entrada em vigor do estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes, que conferia poderes em matéria cultural às Juntas Gerais, a intelectualidade faialense começou a mover-se no sentido de contrariar aquilo que entendia ser a decadência intelectual em que se encontra a Horta, outrora tão rica de talentos privilegiados. Depois de várias tentativas, foi fundado a 1 de Dezembro de 1939 o Núcleo Cultural Manuel de Arriaga, tendo como objectivo a propaganda literária, artística e de cultura popular. Presidido por Osório Goulart, a instituição foi mais uma vez efémera, ficando muito aquém dos objectivos

traçados. Dez anos depois estava inactivo e quase esquecido e na imprensa faialense voltavam a surgir os apelos à criação de um instituto cultural.

A partir dos princípios da década de 1950 começa a organizar-se um movimento entre a elite cultural do Faial com vista à reconstituição de um organismo cultural de abrangência distrital que pudesse beneficiar dos apoios da Junta Geral do Distrito Autónomo da Horta e fizesse na Horta o que o Instituto Histórico da Ilha Terceira e o Instituto Cultural de Ponta Delgada faziam nos outros dois distritos açorianos. O Núcleo Cultural da Horta iniciou a sua actividade em estreita ligação com a Junta Geral, que o albergou na sua sede e o financiou.

No culminar deste processo, o Núcleo Cultural da Horta (NCH) é fundado em 1954 em resposta às necessidades e exigências da sociedade faialense. Um grupo de catorze cidadãos elevou o Núcleo Cultural da Horta subscrevendo os seus estatutos. Foram eles: o escritor e conferencista José Osório Goulart (1868-1960); o advogado e professor liceal António Xavier de Mesquita (1888-1963), o médico Alberto Campos de Medeiros (896-1976), Gabriel Baptista de Simas (1890-1966), o advogado Manuel Linhares de Andrade (1913-2007), o sacerdote e investigador Júlio da Rosa (1924 -), o engenheiro e vulcanólogo Frederico de Menezes Avelino Machado (1918-2000), o farmacêutico António Macedo Lacerda Forjaz (1916-1980), o médico-veterinário Constantino de Freitas Amaral (1916-1995), o escritor e funcionário da Cable & Wireless Manuel dos Santos Lopes (1907-2005), o professor liceal e escritor Tomás da Rosa Pereira Jr. (1921-1994), o professor liceal Manuel Alexandre Madruga (1914-1997), o engenheiro-agrónomo Manuel Ribeiro da Silva (1915-2001) e o professor liceal José Benarús (1915-1997).

Os estatutos, aprovados por despacho ministerial de 24 de Março de 1955, atribuem ao Núcleo Cultural da Horta a competência estatutária de promover ou patrocinar estudos históricos, etnográficos, linguísticos e científicos, relativos ao arquipélago dos Açores e, em especial, às ilhas do distrito da Horta; promover a publicação ou divulgação de trabalhos culturais, de reconhecido valor; e promover ou patrocinar outras manifestações culturais de várias naturezas, compatíveis com a actividade do núcleo, mantendo sempre, uma relevante acção cultural, que inclui a edição do boletim do Núcleo Cultural da Horta que é considerado como a sua principal actividade, o seu «rostro», e de múltiplas obras avulsas (Pereira, 2005).

Desde a sua fundação, sendo primeiro presidente José Osório Goulart que o Núcleo Cultural da Horta tem desempenhado um papel relevante na intervenção cultural destas ilhas, alternando períodos de maior actividade com outros de algumas dificuldades, pautando a sua

intervenção pelo registo dominante da irregularidade na sua presença e actividade, visíveis nos períodos de ausência do boletim. O primeiro número do boletim foi editado em 1956, onde colaboram os mais distintos nomes da intelectualidade faialense e açoriana. Ao longo dos números publicados rasam temas e assuntos muito diversos que abrangem várias áreas que vão desde a história, o folclore, a etnografia e o artesanato até às ciências naturais. A publicação do boletim manteve-se regular até 1963 a partir de então torna-se irregular, acabando mesmo por perder a sua periodicidade anual em 1965 substituída por biénios (1966-67, 1968-69, 1989-90, 1991-92, 1996-97), triénio (1993-95), quadriénio (1985-88) e quinquénios (1970-1974, 1975 -1979, 1980-84). O núcleo volta à periodicidade anual em 2004 com o número 13 sob a responsabilidade editorial de Luís Arruda, é um ano de transição para uma nova série que inicia em 2005, ano do seu cinquentenário, passando a existir um tema em cada ano que constitui o primeiro espaço do boletim, regulado por autores convidados de modo a manter o seu *corpus* e a sua periodicidade, mantém uma segunda secção, denominada *Vária*, onde são acolhidos artigos sobre outras matérias, e um espaço de *Revista de Livros*, recenseando as publicações feitas nos Açores ou que a estas ilhas interessem (Arruda, 2004).

Em 1993, em colaboração com a Casa de Cultura da Horta, iniciou-se aquela que terá sido uma das mais relevantes iniciativas do Núcleo Cultural da Horta: a realização, do colóquio «*O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*», conhecendo três edições (1993, 1997 e 2002), dando um importante contributo para a divulgação e conhecimento da história dos Açores e ganhando já lugar próprio nos eventos do género que se realizam nos Açores.

Reconhecendo a sua actividade e o papel desempenhado no desenvolvimento cultural da ilha do Faial, em 2006, o Núcleo Cultural da Horta foi declarado pessoa colectiva de utilidade, foi-lhe atribuída, também, a Insígnia Autónoma de Mérito (categoria de Mérito Cívico) no ano de 2007. No mesmo ano deu-se a nomeação de novos órgãos sociais e a reformulação dos seus estatutos.

O presente do Núcleo Cultural da Horta é determinado por três dificuldades: i) manter uma periodicidade regular; ii) instalações próprias, o núcleo nunca possuiu instalações próprias onde pudesse expandir a sua actividade, por onde tem andado foram sempre instalações provisórias; iii) financiamento regular. Assim como o de encontrar o seu lugar no conjunto das instituições culturais dos Açores, essa reflexão depende do próprio núcleo, do seu dinamismo interior e da capacidade dos seus associados e corpos dirigentes em perceber o

tempo presente e as aspirações da comunidade em que se insere, procurando, a partir daí, agir em conformidade (Pereira, 2005).

No campo das actividades culturais, o Núcleo Cultural da Horta está ligado à preservação da tradição dos costumes de Natal, promovendo anualmente um concurso de Presépios e Altarinhos, e à realização periódica de saraus músico-literários. Para além destas actividades vamos mencionar algumas das mais importantes realizadas nos últimos anos. Assim no ano de 2006 o Núcleo Cultural da Horta promoveu um Sarau Cultural para lançamento do seu *Boletim* n.º XV e organizou o colóquio “O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX” que teve como palco as ilhas do Faial e do Pico.

No ano de 2007 o Núcleo Cultural da Horta edita dois livros: “*O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX – Actas do IV Colóquio* e *Em dias passados – Figuras, Instituições e Acontecimentos da História Faialense.*” Associando-se ainda às comemorações do bicentenário do nascimento do Duque de Ávila e Bolama. Neste mesmo ano o instituto cria a sua página na Internet para uma maior correspondência com a sua comunidade.

O Núcleo Cultural da Horta para 2008 projectou a edição do livro *Posturas da Horta: 1603-1839*, promoveu a conferência “*Do Regicídio à República: velhos inimigos e novos combates*” e lançou a brochura “*De New Bedford aos Mares do Sul.*”

No ano de 2009 o *Boletim* do Núcleo dedicado à dimensão oceânica dos Açores é lançado em Bruxelas, lançando também o livro “*O Faial e os Portugueses.*” As suas edições são colocadas pela primeira vez na Feira do Livro de Lisboa.

Em 2010 o Núcleo Cultural da Horta reelegeu os órgãos sociais para mandato até 2013, editou livro sobre a Horta entre 1853-1883 e realizou duas conferências: “*O nosso Mundo visto por Maria Filomena Mónica*” e “*O nosso Mundo visto por Avelino Meneses*”.

Para término no ano de 2011 Núcleo edita Actas do Colóquio “*O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*”.

3.2.4. Instituto Açoriano de Cultura

O Instituto Açoriano de Cultura designado abreviadamente por IAC, declarado Instituição de Utilidade Pública, pela Resolução N°45/86 do Governo Regional, é fundado em 1955 por iniciativa de um grupo de professores do Seminário de Angra, alguns formados no estrangeiro com uma visão moderna e renovadora da sociedade do pós-guerra, ao regressarem à sua actividade neste estabelecimento de ensino, agregam os objectivos que estão na base da fundação do instituto; “[...] *fomente e oriente a cultura geral das classes superiores da nossa sociedade*” (Lourenço, 1956: 55). Contudo as ideias de modernidade destes homens – constituídos por uma colossal dose de conservadorismo e elitismo que se manifestavam explicitamente na vontade de fomentar e orientar a cultura geral das classes superiores da sociedade, dentro das bases ideológicas tradicionais do país. Acresce ainda como nota dominante a orientação católica, bem marcada no número quase exclusivo de sacerdotes que compõe o corpo de associados e que integra os órgãos sociais da instituição, situação que só mais tarde se virá a inverter – não deixaram de ser temperadas, logo na enunciação dos seus objectivos: i) constituir um ponto de encontro a nível regional dos intelectuais dispersos em associações de carácter local; ii) criar o espírito de unidade regional; iii) analisar e estudar os pressupostos do desenvolvimento económico e social do arquipélago dos Açores. Os fins e natureza do instituto são: “a) estimular e desenvolver a cultura geral; b) promover reuniões e conferencias em que ventilem problemas culturais; c) publicar uma revista, órgão do Instituto, e possivelmente, outros trabalhos de interesse cultural” (Lourenço, 1956: 56).

Na perspectiva de Jorge Bruno (2005), para se compreender a intervenção cultural do Instituto Açoriano de Cultura na sociedade açoriana é de extrema importância realizar uma análise das primordiais fases por que passou ao longo dos seus anos de existência.

Uma primeira fase (1956-1978), tendo como presidente Monsenhor José Machado Lourenço, onde se verificou uma verdadeira dinâmica de inovação e modernidade, coincidente com a presença activa, na direcção ou muito próximo dela, dos dois nomes de proa desta geração de jovens professores, José Enes Pereira Cardoso e Artur Cunha de Oliveira, manifestada através da realização das *Semanas de Estudos* (1961-1966) de que estes foram mentores. Estes encontros cunharam a memória desta instituição. Cinco edições (1961-1966) chegaram, para esvaziar os entusiasmos criados em torno destes fóruns de procriação de novas ideias sobre estas ilhas e o seu desejado desenvolvimento, com uma prática precursora de descentralização ao nível dos locais de realização estas realizavam-se alternadamente em cada uma das três

capitais de distrito, as três cidades não se confundem e a unidade açoriana baseia-se na variedade, tinham como principal objectivo a consciencialização dos problemas açorianos. Com a publicação das respectivas actas e de uma vasta diversificação de áreas abordadas, avançou-se num caminho cada vez mais estreito, a roçar a ausência de objectivos, de modo que a quarta e a quinta edição não foram publicadas em acta. Seria inevitável esperar cerca de quinze anos até que uma nova *Semana de Estudos* pudesse ser assinalada na história do Instituto Açoriano de Cultura (Bruno, 2005).

O Instituto Açorino de Cultura gera todo o seu dinamismo cultural através da revista *Atlântida*, confirmada e projectada desde os primeiros tempos, visava constituir o expoente máximo da intelectualidade dos membros do instituto, a revista veio enriquecer o espólio científico e literário. Monsenhor José Lourenço fixa a sua orientação nos editoriais que expõem o sentido sobre o papel do instituto no espaço da sociedade açoriana, devido a este testemunho existe um acesso ao pensamento que orientou a vida desta instituição, deparamo-nos com princípios estruturantes que desde sempre nortearam o Instituto Açoriano de Cultura: “o Instituto não é de Cultura Açoriana mas Açoriano de Cultura. Não queremos fazer açorianismo, mas açorianidade. O nosso espírito é universal e universalista. Tudo o que é açoriano é nosso, mas tudo o que é humano é açoriano” (Lourenço, 1956: 54).

Com a revolução democrática de 74, os sintomas que já se manifestavam desde a segunda metade da década anterior e que conduziam o Instituto Açoriano de Cultura a uma condição de bloqueio fizeram-se sentir, devido a essa situação foi essencial abrir as portas do Instituto Açoriano de Cultura à sociedade civil, deixar entrar sangue novo e iniciar um processo de transição que se veio a completar com a progressiva entrega dos destinos da instituição a pessoa de fora do seminário.

A segunda fase da vida do Instituto Açoriano de Cultura compreende-se entre 1978-1985 ainda com um professor do seminário, Monsenhor Augusto Manuel Arruda Cabral, que soube conduzir a imprescindível transição entre um instituto gerado e crescido no seio do Seminário Maior de Angra e um instituto instalado e sustentado na sociedade civil terceirense. “ [...] chegara a hora da sua renovação. Renovação dos Estatutos e transfusão de sangue que permitisse, pela entrada de novos sócios, um retomar do alento inicial” (Forjaz, 1978: 7). Sobre os originais, estes estatutos reflectem a preocupação de divulgar a acção do Instituto Açoriano de Cultura assim como pôr-se culturalmente ao serviço do povo açoriano. Esta fase é abalada pelas profundas transformações que atinge a sociedade terceirense na sequência do

violento sismo de 1980. A reconstrução que se lhe seguiu é o tema da única *Semana de Estudos* (1983) que o Instituto Açoriano de Cultura consegue realizar neste período. Foi, uma *Semana de Estudos* que acabou por ser uma referência no âmbito das reflexões que foram produzidas sobre este processo de reconstrução e reabilitação social, e a que até hoje terá envolvido um maior número de comunicações.

A terceira fase do Instituto Açoriano de Cultura começa em 1985 com uma nova direcção, sendo Presidente José Guilherme Reis-Leite, que tinha finalizado um período de oito anos como secretário regional da educação e cultura e acabado de ser eleito presidente da então Assembleia Regional dos Açores, uma figura de elevado prestígio político e intelectual, não só na ilha mas também em toda a região. Esta fase caracteriza-se pela consciência do quanto é importante adequar esta instituição aos tempos que correm, com a firme convicção de que o Instituto Açoriano de Cultura desde sempre teve como desígnios os caminhos da modernidade e da contemporaneidade e que é necessário ajustar a sua intervenção cultural a cada um dos momentos. Esta procura de um lugar no tempo presente é, de resto, uma dominante transversal na sua história, embora umas vezes tenha sido mais assumida e outras vezes menos (Bruno, 2005). Nesta fase realizaram-se duas Semanas de Estudos que recuperam a sua regularidade e inaugura uma nova linha temática, em harmonia com algumas inquietações da autonomia regional de encontrar os seus fundamentos em razões de natureza cultural antes de quaisquer outras: i) *a autonomia como fenómeno cultural e político*; ii) *conhecimento dos Açores através da literatura*. Reis Leite conduz os destinos do Instituto Açoriano de Cultura até ao início da década de 90 momento a partir do qual Jorge Augusto Paulus Bruno assume a direcção até ao ano de 2009.

Em 1992 o Instituto Açoriano de Cultura elabora uma revisão dos estatutos onde extinguiu a referência de que era uma *associação cultural de inspiração cristã*, tornando-o, deste modo, certamente mais abrangente e universal. Em 1993, realiza uma sessão solene de homenagem aos seus sócios fundadores, estava a libertar-se das últimas correntes que o amarrava aos seus tempos inaugurais e a atestar a vontade de um rumo próprio, que já Reis Leite havia começado a traçar. A partir de então o Instituto Açoriano de Cultura tem pretendido conquistar um espaço cultural não só na ilha Terceira mas em todo o arquipélago, tornando-se uma potência no decurso da construção de uma identidade cultural açoriana e um participante activo no fomento e desenvolvimento desta região, o Instituto Açoriano de Cultura procura compor um novo projecto cultural lógico de acordo com as dinâmicas socioculturais dos novos tempos.

O cunho deste projecto cultural assenta na clareza da urgência de uma intervenção cultural voltada de maneira determinante para o tempo actual e para um projecto de cultura nos Açores e não apenas de cultura açoriana. Este projecto cultural progrediu apoiado em cinco objectivos: i) a defesa e valorização da especificidade cultural açoriana e o incentivo à sua tomada de consciência num contexto universal e universalista; ii) a consciencialização de que o cidadão açoriano faz parte de uma Europa cultural e, simultaneamente, de um universo cultural ao qual pertence enquanto indivíduo; iii) a intensificação do sentido de modernidade e contemporaneidade nas suas produções e realizações; iv) a potenciação da sua dimensão regional, de forma a contribuir também, deste modo, para a construção de um quadro de unidade na diversidade açoriana; v) a intervenção cultural activa e útil na sociedade açoriana, procurando estar sempre na primeira linha das associações congéneres. Tendo como base estes objectivos foram determinados eixos operativos, principais e secundários, no âmbito dos quais se expandem as acções. Os eixos operativos principais são três: o editorial; o de exposições de artes visuais, arquitectura e património; e o de espaços de apresentação, discussão e debate de ideias (Bruno, 2005).

O Instituto Açoriano de Cultura ajustou-se ao tempo, contudo estes ajustes não se fizeram com mudanças ou alterações bruscas que poderiam provocar rupturas, em resultado desta renovação progressiva, a revista *Atlântida*, que desde 1956, sempre se publicou com a imagem gráfica dos anos cinquenta e um largo aspecto temático avulso, dá espaço a uma outra, no ano de 2000 surge uma (*Nova*) *Atlântida – Revista de Cultura*, atraente e graficamente delicada, onde um conteúdo particularmente no domínio das artes e das letras emerge bem distribuído e atractivo.” Procurando transformar a *Atlântida* numa revista mais aberta, mais pluralista, isenta de quaisquer clientelismos culturais e mais abrangente” (Bruno, 1998: 7). A experimentação de novos modelos de Semanas de Estudos (por exemplo a diversificação das temáticas: «Desenvolvimento Insular» – 1992, «Sociedade, Tempo e Mudança» – 1994, «Os Açores e o Mundo – o essencial no fim de século» – 1997, «Património Edificado – novas tecnologias, inventários» – 2000 e «Arquitectura Militar – do conhecimento histórico à sua função actual» – 2002; a descentralização dos locais de realização: para além da Terceira, em S. Miguel, no Faial, no Pico e em Lisboa; a sua realização em parceria: com o Instituto Português do Património Arquitectónico e com a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos; a transmissão dos trabalhos num canal da TV Cabo Açoriana, veio provar que elas próprias estão esgotadas enquanto tal e há que reconhecer que não é sustentável persistir na sua continuidade (Bruno, 2005).

Neste período dá-se início a um relevante e pioneiro projecto, de verdadeira dimensão regional, em resultado de uma parceria com o Governo Regional dos Açores, *O Inventário do Património Imóvel dos Açores*. Nesta direcção de adaptação ao tempo presente que acabam por ser lançados três projectos de considerável alcance: um colóquio internacional realizado em 2007, subordinado ao tema «*O Liberalismo nos Açores: do Vintismo à Regeneração – o Tempo de Teotónio de Ornelas Bruges (1807-1870)*»; a publicação, em finais de 2007, de uma *História dos Açores*, sob a direcção científica de dois professores catedráticos e o desenvolvimento do Projecto Atlântico de Arte Digital (Atlantidigital'ART), que reúne parceiros da Madeira, Canárias e Cabo Verde, que tem como objectivo de promover o intercâmbio dos artistas destes arquipélagos que utilizem instrumento digitais nos seus processos criativos. No campo das exposições no domínio das artes visuais, o Instituto Açoriano de Cultura apresentou nos Açores, nos últimos anos, a obra dos mais consagrados artistas portugueses da actualidade: Júlio Pomar, Graça Morais, Pedro Calapez, Fernando de Azevedo, Vieira da Silva, Julião Sarmento, Pedro Cabrita Reis, Paula Rego, Jorge Molder, José de Guimarães, Bartolomeu dos Santos, Rui Chafes, entre outros.

Em 2009 assume a direcção do Instituto Açoriano de Cultura Paulo Alexandre Raimundo, estamos perante um período de firmeza, progridem os projectos anteriormente iniciados, realizam-se vários colóquios entre eles: em 2009 “*Evolucionismo, Darwin e os Açores*”; em 2010 “*Utopia e Insularidade*”, nesse mesmo ano o Instituto Açoriano de Cultura, associando-se ao Núcleo da Universidade dos Açores do Centro de História de Além- Mar realiza um colóquio internacional de grande prestígio intitulado “*O Atlântico Revolucionário: Circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*”.

Nas palavras de Paulus Bruno (2005), a sobrevivência de uma instituição na sociedade acontece da maior ou menor inserção que consegue ter nessa mesma sociedade, para tal, não pode estar fechada a essa sociedade, mas sim aberta, ambicionando executar um papel útil e actuando no sentido de uma verdadeira democratização da cultura.

Segundo o actual Presidente do Instituto Açoriano de Cultura Paulo Raimundo (2011), desde a sua génese que o Instituto Açoriano de Cultura se ocupa e preocupa com a consolidação da sociedade açoriana, um dos vectores de acção que sempre os acompanhou, tem sido a organização de seminários, colóquios e debates que, desde as primeiras “*Semanas de Estudos*” têm permitido a abordagem consistente e fundamentada de matérias fulcrais e importantes para o entendimento da actualidade.

Capítulo II
Estudo empírico

1. Metodologia de investigação

Sumário

-
- 1.1. Introdução**
 - 1.2. Objectivos**
 - 1.3. Hipóteses**
 - 1.4. Método**
-

1.1. Introdução

Neste capítulo apresentamos a metodologia do estudo empírico realizado, através de uma introdução seguida da descrição dos objectivos e das hipóteses de investigação tendo como referência o enquadramento teórico efectuado no primeiro capítulo do trabalho. Apresentamos ainda o método de investigação descrevendo com maior pormenor o processo de selecção e recolha da amostra, destacando os critérios de selecção, as estratégias utilizadas, bem como a sua especificidade. Apresentamos ainda o questionário de recolha de dados utilizado.

Após a definição do tema, da escolha dos métodos e das técnicas, da formulação de hipóteses e da selecção das variáveis, estabelecer um plano de actuação configura o melhor mecanismo de delimitação do trabalho de investigação. Esta delimitação deverá ter em conta a finalidade e o tipo de investigação, bem como os recursos humanos e materiais disponíveis para a sua execução. Tendo em conta a finalidade do estudo, tem que se explicar o tipo de investigação por que se optou e os motivos desta opção, resultando daí o grau de rigor, a melhor clarificação dos métodos e técnicas utilizadas, bem como a expectativa em relação aos resultados (Pardal e Correia, 1995).

A elaboração de um projecto de pesquisa e o desenvolvimento da própria pesquisa, necessita de estar baseado num planeamento cuidadoso, reflexões conceituais sólidas e alicerçadas em conhecimentos já existentes. Pesquisar é um trabalho que envolve um planeamento e o seu sucesso depende do procedimento seguido, do envolvimento com a pesquisa e da habilidade em escolher o caminho para atingir os objectivos da pesquisa. É um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível. Adoptar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito. O percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisamos, então, não somente de regras e sim de muita criatividade e imaginação.

Na perspectiva de António Gil (1999), um bom investigador precisa, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social. Sendo igualmente importante: a humildade para ter atitude autocorrectiva, a imaginação disciplinada, a perseverança, a paciência e a confiança na experiência.

Podemos atestar, de forma simples que pesquisar significa, procurar respostas para as indagações propostas, no entanto a pergunta o que é pesquisa? Pode ser respondida de muitas formas. Para Gil (1999: 42), a pesquisa tem um carácter pragmático, é um “[...] processo

formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objectivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” Ou seja, é um conjunto de acções, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. É a construção de conhecimento original de acordo com certas exigências científicas. A Pesquisa científica é portanto, a realização concreta de uma investigação planeada e desenvolvida de acordo com as normas consagradas pela metodologia científica.

A metodologia científica compreende um conjunto de fases, ordenadamente dispostas que devemos ultrapassar na investigação de um fenómeno. Nessas fases estão incluídos desde a escolha do tema, o planeamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a recolha e a correlação dos dados, a análise dos resultados, a elaboração das conclusões e até a divulgação de resultados.

Nesta fase é onde se define onde e como será realizada a pesquisa. Definindo o tipo de pesquisa, a população ou universo da pesquisa, a amostragem, os instrumentos de recolha de dados e a forma como pretendemos cruzar e analisar os dados.

Na forma de abordagem do problema a pesquisa pode ser: *pesquisa qualitativa* ou *pesquisa quantitativa*. A nossa pesquisa é quantitativa, uma vez que este estudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações de maneira a classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.). Do ponto de vista dos objectivos (GIL, 1991), a pesquisa pode ser: pesquisa explicativa, pesquisa descritiva ou pesquisa exploratória, na qual se enquadra o nosso estudo, uma vez que pretende proporcionar maior conhecimento sobre o problema com vista a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. A nível dos procedimentos técnicos (Gil, 1991) estamos perante uma pesquisa bibliográfica, todo este estudo foi elaborado a partir de material já publicado constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e com material disponibilizado na Internet.

Toda a investigação empírica pressupõe uma recolha de dados, estes são a informação dos valores de uma ou mais variáveis fornecidos por um conjunto de casos de investigação. Este conjunto de casos tem o nome de *População* ou *Universo da pesquisa*, que é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características, por norma é o objectivo da investigação

que define a natureza e a dimensão do Universo. Podem-se distinguir dois tipos de universo: *Universo Alvo* e *Universo Inquirido*. O primeiro é formado pelo conjunto total de casos e o segundo pelo conjunto total de casos que, na prática, estão disponíveis para a amostragem e sobre os quais o investigador quer tirar conclusões (Hill, & Hill, 2008). Este trabalho de investigação tem como *universo alvo* a população dos Açores.

Por seu lado a amostra é uma unidade de análise ou um grupo de pessoas, sobre o qual deverão ser colectados dados, sem que forçosamente seja representativo(a) do universo ou população que se estuda (Sampieri, 2006: 251), ou seja, é parte da população ou do universo, seleccionada de acordo com uma regra ou plano. Na generalidade, a análise de um fenómeno social não permite inquirir a totalidade dos membros do conjunto – o universo – que se pretende analisar. Segundo Pardal e Correia (1995: 32), “[...] as dificuldades inerentes a tal facto podem ser ultrapassadas através do recurso a técnicas que viabilizem a construção de uma parcela – *a amostra* – daquele mesmo universo.”

A amostra do nosso estudo envolve a população dos Açores com incidência na população da Universidade dos Açores, constituída por 300 inquiridos, a residirem no Arquipélago dos Açores e outros locais: Corvo 0,7%; Faial 4%; Flores 1%; Graciosa 1%; Pico 1%; São Jorge 2%; S. Miguel 71,7%; S. Maria 12,7%, outro 3% (Anexo 2 – Tabela 3). A incidência na Universidade dos Açores teve como objectivo alcançar uma amostra, onde os participantes tivessem um maior nível de escolaridade obtendo-se 61,6% dos inquiridos com habilitações de nível superior: ensino secundário 38,3%; licenciatura 50,3%; mestrado 8,3%; doutoramento 3% (Anexo 2 – Tabela 2). Este quesito teve como propósito apercebermos se a comunidade intelectual pertencente aos institutos de cultura açoriana são visíveis nesta amostra de cariz académica em virtude destes terem uma maior tendência para o conhecimento do mote desta dissertação. Trata-se de uma amostra não - probabilística, a escolha dos elementos não dependem da probabilidade mas sim de causas relacionadas com as características da pesquisa (Sampieri, 2006: 271). Optou-se pelo método de amostragem não casual, especificamente o método de amostragem por conveniência, os casos escolhidos são os casos disponíveis para a pesquisa, contudo os resultados e as conclusões só se aplicam à amostra, não podendo ser extrapolados com confiança para o Universo (Hill, & Hill, 2008: 49).

1.2. Objectivos

Nesta fase ambiciona-se que conste de forma sintetizada o que se pretende alcançar com a pesquisa. Devendo os objectivos estar coerentes com o problema proposto, de maneira a estes nos informar do que nos propusemos a pesquisar, isto é, quais os resultados que se pretende alcançar ou qual a contribuição que a pesquisa irá efectivamente proporcionar. Neste contexto e tendo em mente que o objectivo geral deve ser a síntese do que se pretende alcançar, registamos que pretendemos deslindar se os institutos culturais açorianos e a comunidade intelectual que deles fazem parte estabelecem sinergias com a esfera pública açoriana. Sendo o conceito do objectivo específico o desdobramento do objectivo geral, explicitando os detalhes, afirmamos que esta dissertação pretende verificar se a sociedade açoriana com incidência na Universidade dos Açores têm conhecimento sobre os institutos culturais açorianos. Pretendendo-se também analisar se o trabalho realizado pela comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos tem visibilidade na sociedade açoriana com incidência na Universidade dos Açores.

1.3. Hipóteses

As hipóteses são suposições colocadas como respostas plausíveis e provisórias para o problema da pesquisa. As hipóteses são provisórias porque poderão ser confirmadas ou refutadas com o desenvolvimento da pesquisa. Um mesmo problema pode ter muitas hipóteses, que são soluções possíveis para a sua resolução. A(s) hipótese(s) irá(ão) orientar o planeamento dos procedimentos metodológicos necessários à execução da sua pesquisa. O processo de pesquisa estará voltado para a procura de evidências que comprovem, sustentem ou refutem a afirmação feita na hipótese. A hipótese define até aonde queremos chegar e, por isso, será a directriz de todo o processo de investigação, é sempre uma afirmação, uma resposta possível ao problema proposto, podem estar explícitas ou implícitas na pesquisa. Quando analisados os instrumentos adoptados para a recolha de dados, é possível reconhecer as hipóteses subjacentes (implícitas) que conduziram a pesquisa (Gil, 1991).

Na nossa dissertação as hipóteses colocadas para responder ao nosso problema foram as seguintes: (i) se os Institutos de Cultura Açoriana são um foco cultural restrito, então mantêm

uma visão elitista da cultura; (ii) os intelectuais Açorianos sentem-se socialmente comprometidos, então servem-se dos institutos para intervir na esfera pública açoriana.

1.4. Método

A transição do reconhecimento de uma problemática de estudo à sua investigação empírica aspira, para além de uma matriz teórica como ponto de partida incomparável e “[...] conjunto de conceitos construtores do objecto a investigar” (Silva & Pinto, 2007:58), um método apropriado ao modo de pesquisa, o qual deve assentar o quadro instrumental de detenção dos dados em consonância com as técnicas que permitirão a sua recolha. A conexão entre teoria e investigação empírica prevê um processo em constante receptividade entre as suas diferentes fases (i) recolha; (ii) registo e (iii) análise da informação – todavia conforme a recolha de informação se vai efectuando o investigador deve ir procedendo à classificação e interpretação dos dados, de modo a poder fazer algumas adaptações dos objectivos, das técnicas, e das hipóteses de investigação.

A investigação científica na perspectiva de Gil (1999: 26) depende de um “[...] conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” para que os objectivos sejam atingidos: o método científico. O método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adoptada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialéctico e fenomenológico (Gil, 1999; Lakatos, 1993). Esta dissertação prende com o método proposto pelos racionalistas Descartes, Spinoza e Leibniz que pressupõe que só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, isto é, o método dedutivo, que tem o objectivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chegando-se a uma conclusão. (Gil, 1999; Lakatos, 1993). Segundo o critério da profundidade, o tipo de estudo utilizado foi o descritivo, “[...] os estudos descritivos pretendem medir ou colectar informações de maneira independente ou conjunta sobre os conceitos ou as variáveis a que se referem” (Sampieri, 2006: 102).

O Método é o corpo orientador da pesquisa que obedece a um sistema de normas e torna possível a selecção e articulação de técnicas, com intenção de desenvolver o processo de

verificação empírica (Pardal & Correia, 1995). O método aplicado na presente investigação é o *inquérito*. O Inquérito na prática sociológica entende-se por toda a acção que se traduz no acto de perguntar (Silva & Pinto, 1986).

Face ao estudo realizado, as técnicas de recolha de dados consideradas pertinentes são: *método documental*, numa primeira fase, de forma a obter resposta as questões chave, pretendendo aceder a informação escrita relevante para a quase totalidade dos objectivos da investigação. Tanto a selecção de categorias como a das unidades de análise são organizadas por uma sistematização teórica prévia que tem em conta tanto o objecto como os objectivos do estudo. Segundo, Ferreira de Almeida e Madureira Pinto (1975), a observação de documentos envolve procedimentos muito diversificados, desde logo porque são muito diversos os documentos reveladores de fenómenos sociais. É impossível recensear exaustivamente aquilo que pode constituir documento no sentido de objecto de observação capaz de fornecer elementos informativos indirectos à pesquisa em ciências sociais. É tradicional distinguir dois grupos de técnicas documentais: técnicas clássicas, que propiciam uma análise qualitativa em profundidade (intensiva), e técnicas modernas, de base quantitativa (extensiva), cobrindo um amplo campo de estudo. As primeiras têm por paradigmas as análises históricas e literárias, mas revestem caracteres específicos conforme a perspectiva disciplinar em que são utilizadas (sociológica, jurídica, psicológica, linguística), será nesta que a presente pesquisa se irá debruçar. Segundo Quivy & Campenhoudt (1992) a análise de documentos é especialmente importante na análise de (i) fenómenos macro – sociais, demográficos e socioeconómicos; (ii) mudanças sociais e do desenvolvimento histórico; (iii) mudanças a nível organizacional; e (iv) ideologias, sistemas de valores e de cultura. Para Carmo e Ferreira (1998), a pesquisa documental visa seleccionar, tratar e interpretar informação bruta existente em suportes estáveis. A investigação é algo de semelhante a uma corrida de estafetas, para atingir os seus objectivos, o investigador necessita de recolher o testemunho de todo um trabalho anterior, introduzir-lhe algum valor acrescentado e passar esse testemunho à comunidade científica a fim de que outros possam voltar a desempenhar o mesmo papel no futuro.

Numa última fase foi realizado um questionário, que é uma serie ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo inquirido. O questionário deve ser objectivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. Para o trabalho de investigação recorreu-se à observação estruturada, através do *inquérito por questionário*, que compreendeu *questões*

fechadas, com o intuito de se obter a máxima informação, que foi posteriormente trabalhada e analisada estatisticamente através do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

O nosso questionário foi direccionado à população dos Açores com incidência na Universidade dos Açores, com o intuito de averiguar a percepção que estes têm dos institutos culturais açorianos, assim como da comunidade intelectual açoriana. O questionário assim como qualquer outra técnica de investigação relaciona com o método o suporte do modelo de análise construído (Hill, & Hill, 2008).

Atendendo a que a investigação recai sobre os intelectuais e os institutos culturais açorianos a análise dos documentos, conjugado com o questionário realizado contribuirá para a compreensão e interpretação dos objectivos de estudo da presente investigação.

Após a definição do tema, da escolha dos métodos e das técnicas, da formulação de hipóteses, da selecção das variáveis, estabelecer um plano de actuação configura o melhor mecanismo de delimitação do trabalho de investigação. Esta delimitação deverá ter em conta a finalidade e o tipo de investigação, bem como os recursos humanos e materiais disponíveis para a sua execução. Um estudo é condicionado pela sua finalidade. Os tipos de investigação são diversos, tendo em conta o tipo de finalidade do estudo, tem que se explicar o tipo de investigação, por que se optou e os motivos desta opção, daí resulta o grau de rigor, a melhor clarificação dos métodos e técnicas utilizadas bem como a expectativa em relação aos resultados. Uma investigação é também condicionada pelos recursos humanos e materiais disponíveis e pela articulação entre eles (Pardal, 1995).

2. Análise de dados

Sumário

-
- 2.1. Introdução**
 - 2.2. Análise descritiva das variáveis**
 - 2.3. Teste das Hipóteses**
-

2.1. Introdução

Neste capítulo procedemos à apresentação e discussão dos resultados do estudo empírico efectuado. Assim, primeiro apresentamos as análises descritivas de todas as variáveis implicadas no estudo, fazendo posteriormente uma análise da correlação das habilitações literárias com as nossas variáveis. De seguida, efectuamos a testagem das hipóteses para a amostra global. Numa segunda parte, procedemos à discussão dos resultados à luz do enquadramento teórico efectuado.

Após a recolha dos questionários, procedeu-se à sua inserção numa base de dados construída para o efeito. O tratamento estatístico dos dados foi efectuado no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) versão 20.0.

2.2. Análise descritiva das variáveis

Um primeiro passo de análise dos dados compreendeu a análise dos casos omissos. Esta análise permitiu verificar que nenhuma das variáveis em estudo apresenta valores omissos. De seguida procedemos ao cálculo de estatísticas descritivas: cálculo da média, do desvio padrão e análise de tabelas de frequência.

Na tabela 1 (Anexo 2) apresentamos as médias e o desvio-padrão de todas as variáveis em estudo, para a amostra total. A escala de medida da maioria das variáveis compostas varia de 1 (sim) a 2 (não). As excepções referem-se às variáveis habilitações literárias (1 ensino secundário; 2 licenciatura; 3 mestrado e 4 doutoramento), local de residência (1 Corvo; 2 Faial; 3 Flores; 4 Graciosa; 5 Pico; 6 São Jorge; 7 São Miguel; 8 Santa Maria; 9 Terceira e 10 outro local) e a variável institutos açorianos 0 (não conhece) e 1 (conhece).

Para a análise descritiva das nossas variáveis vamos analisar as médias que constam na tabela 1 (Anexo 2). Como se pode observar a maioria da nossa amostra é residente na ilha de São Miguel $\mu = 7,01$, sendo 50,3% licenciados e 61,6% com habilitações superiores (Tabela 2 – Anexo 2). Relativamente ao conhecimento dos institutos culturais açorianos por parte da nossa amostra podemos verificar que o mais conhecido é o instituto cultural de Ponta Delgada $\mu = 0,52$ seguido do instituto açoriano de cultura $\mu = 0,41$ e os menos conhecidos são o instituto histórico da ilha Terceira $\mu = 0,24$ e por fim o núcleo cultural da Horta $\mu = 0,2$. Dos

inquiridos constatamos que a maioria nunca foi membro ou sócio de nenhum instituto $\mu = 1,96$, correspondendo a 95,7% (Tabela 8 – Anexo 2) da amostra. Analisando as variáveis que nos indicam o conhecimento da nossa amostra sobre os institutos culturais açorianos verificámos que relativamente ao ano em que os institutos foram fundados, a maioria não tem conhecimento 91,3% como se pode constatar através da tabela 9 (Anexo 2) correspondente a $\mu = 1,91$, no que respeita a consulta do site das referidas instituições temos uma média ligeiramente mais baixa de 1,77 no entanto é demonstrativo do pouco conhecimento ou interesse por parte da população, que mesmo com os institutos a terem aderido as novas tecnologias, não chegam a esfera publica através deste meio, como se pode verificar através da tabela 10 (Anexo 2) que comprova que 77,3% não consulta os sites dos institutos. No que alude ao conhecimento dos estatutos pelos quais estes institutos se regem constatamos que a média de desconhecimento é elevada $\mu = 1,90$ ou seja 90,3% não tem conhecimento dos seus estatutos como se comprova através da tabela 12 (Anexo 2), já relativamente ao conhecimento por parte da nossa amostra de algum membro pertencente aos institutos a média é ligeiramente menor $\mu = 1,77$ mas como se pode verificar na tabela 13 (Anexo 2) só 22,7% respeitante a nossa amostra é que conhece algum membro (ou sócio) dos institutos culturais açorianos. No que concerne ao conhecimento das actividades culturais promovidas pelos institutos temos a média mais baixa analisada até ao momento 1,70, no entanto é demonstrativo do desconhecimento existente por parte da nossa amostra sobre os institutos, só 29,7% (Tabela 14 – Anexo 2) responderam que têm conhecimento das actividades culturais promovidas pelos institutos. Apesar de 71,7% (Tabela 3 – Anexo 2) da nossa amostra residir na ilha de São Miguel, 90,3% (Tabela 15 – Anexo 2) ou seja $\mu = 1,90$ desconhece que o instituto cultural de Ponta Delgada foi galardoado com a medalha de mérito pela Câmara Municipal de Ponta Delgada no ano de 2003. Relativamente a estar informado(a) da qualidade ou quantidade de obras publicadas pelos institutos, algumas indispensáveis para o conhecimento da história dos Açores, uma das razões que incidimos o nosso questionário na Universidade dos Açores, continuamos a obter valores relativamente altos de média 1,76 o que nos mostra que apenas 24% (Tabela 17 – Anexo 2) da nossa amostra é conhecedor desta informação. Podemos ainda constatar que a maioria dos inquiridos desconhece a possibilidade de se poder propor para sócio destes institutos, temos apenas 22,7% (Tabela 18 – Anexo 2) da amostra, cientes dessa possibilidade. Na análise descritiva das variáveis efectuadas ao momento e confrontando os resultados obtidos na tabela 1 do anexo 2 contactamos a média elevada de desconhecimento, variando entre 1,70 e 1,96 por parte da nossa amostra no que concerne ao conhecimento dos institutos culturais açorianos.

No que preza a reconhecer aos institutos culturais açorianos o seu papel no desenvolvimento e promoção da cultura, o seu contributo para a pluralidade cultural e democratização do saber e do conhecimento, podemos constatar que colhemos $\mu = 1,41$ demonstrando que 59,3% (Tabela 16 – Anexo 2) da amostra reconhecem aos institutos esse papel, no entanto só 39,3% (Tabela 19 – Anexo 2) são da opinião que os institutos estabelecem sinergias com a sociedade açoriana. Interessante ainda verificar que obtivemos a média de 1,53 relativo a visão dos institutos como um foco cultural elitista, ou seja, só apenas 47% (Tabela 11 - Anexo 2) da nossa amostra vê os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista, mas a maioria da amostra 81,3% (Tabela 20 – Anexo 2) considera relevante o papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública.

Para uma melhor percepção dos resultados obtidos relativos ao conhecimento dos institutos realizámos o cruzamento das nossas variáveis com as habilitações literárias obtendo os resultados demonstrados no gráfico 21 e 22 (Anexo 3).

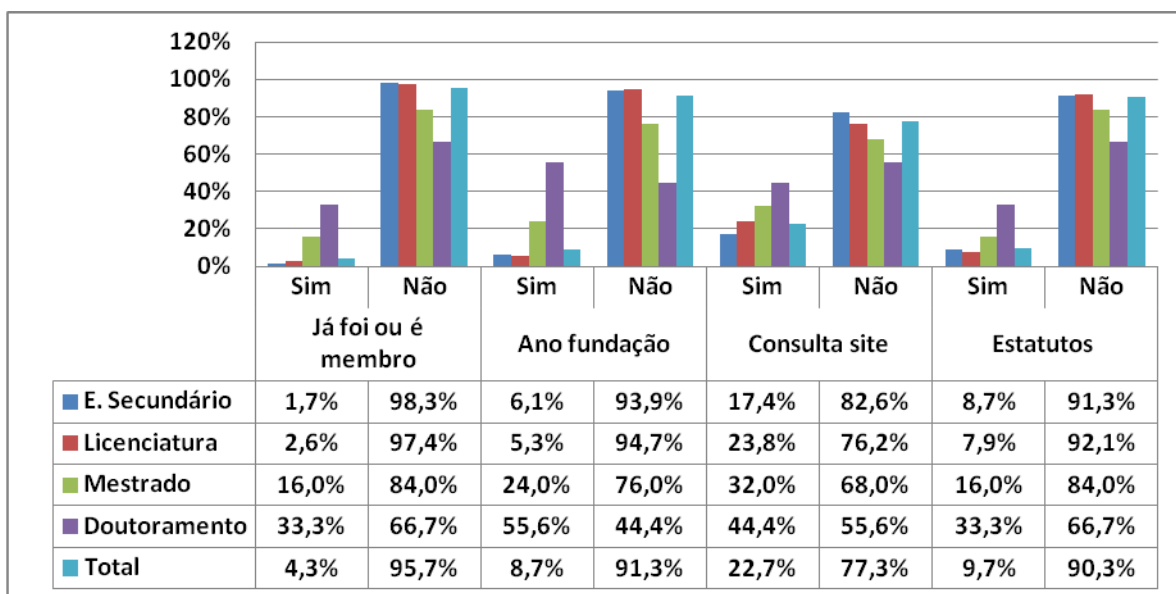


Gráfico 21: Conhecimento sobre os institutos 1

Podemos constatar que quanto maior o grau académico da amostra, maior é o conhecimento sobre os institutos culturais açorianos, verificando-se que o conhecimento dos inquiridos com a Licenciatura é praticamente idêntico aos que apenas têm o Ensino secundário, sendo visível que os inquiridos com o grau académico de Doutor são os que detêm um maior conhecimento sobre os institutos culturais açorianos.

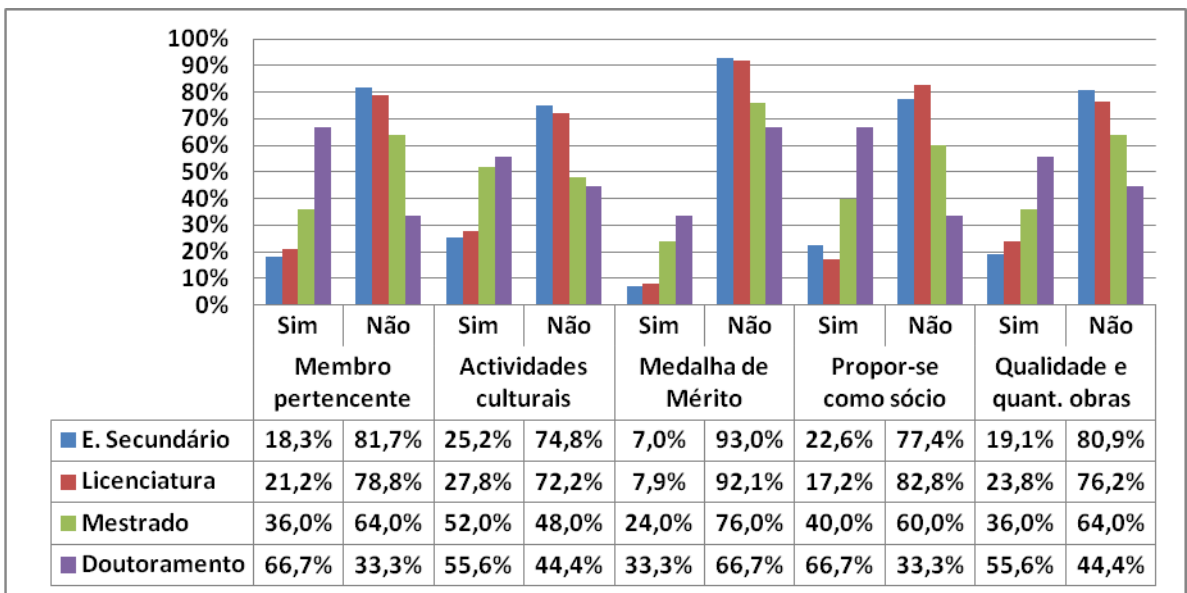


Gráfico 22: Conhecimento sobre os institutos 2

A correlação dos inquiridos da nossa amostra que assinalaram que são sócios ou já foram sócios de algum dos institutos culturais açorianos, com as restantes variáveis, como demonstra o gráfico 23 (Anexo 3), teve como fundamento obtermos o conhecimento valioso destes inquiridos sobre os referidos institutos, uma vez que são os elementos com um maior conhecimento sobre os referidos institutos. Analisado o referido gráfico podemos verificar que 92,3% dos inquiridos, conhecem o instituto açoriano da cultura, mostrando que dos quatro institutos este é o mais reconhecido. Outra questão a destacar é que são os próprios sócios ou ex-sócios 53,8% a considerar os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista.

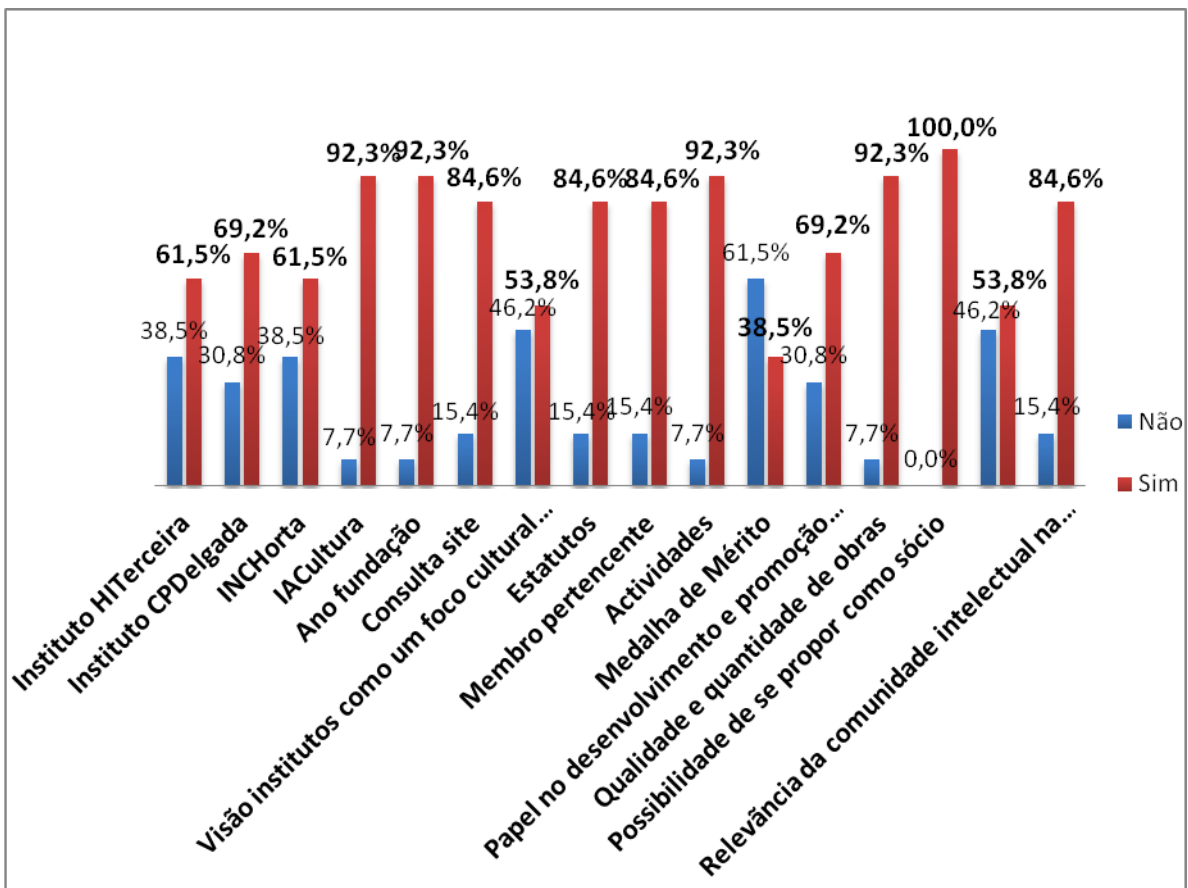


Gráfico 23: Cruzamento dos que já foram (ou são) membros (sócios) dos institutos culturais açorianos com as restantes questões

2.3. Teste das Hipóteses

Como constatámos na análise descritiva, o conhecimento sobre os institutos culturais açorianos é mínimo e dos inquiridos os que detêm um maior conhecimento são os sócios ou ex-sócios dos institutos e os que possuem habilitações com o grau académico de doutor, deste modo para verificar a validação das hipóteses apresentadas vamos basear-nos nas correlações efectuadas com as habilitações literárias e com os inquiridos que são ou já foram sócios de algum destes institutos.

H1: Se os Institutos de Cultura Açoriana são um foco cultural restrito, então mantém uma visão elitista da cultura.

Apesar de os doutorados serem os representantes da amostra com um maior conhecimento sobre os institutos, no entanto conforme podemos verificar através do gráfico 18 (Anexo 3) são os que denotam uma menor relevância do papel da comunidade intelectual dos institutos

na esfera pública relativamente aos que possuem o grau académico de Ensino Secundário, Licenciatura e Mestrado que ronda os 80% no que concerne a este quesito.

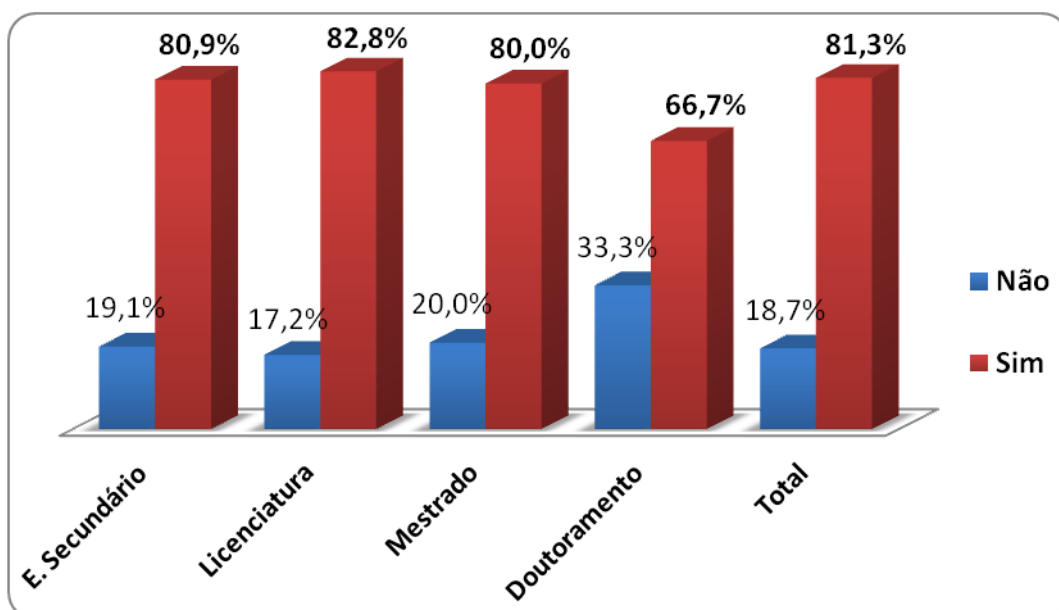


Gráfico 18: Cruzamento das habilitações com a relevância do papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública

De salientar que na mesma sequência podemos constatar através do gráfico 19 (Anexo 3) que são os próprios doutorados que maior conhecimento têm sobre os institutos, a mencionar que vêem os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista 55,6% contrariando os restantes elementos da amostra que não consideram os institutos como um foco cultural elitista, levando-nos a questionar que este resultado se deve ao pouco conhecimento destes pelos institutos, obtendo-se deste modo na totalidade da nossa amostra 53% que não os considera como elitistas contra 47% que os considera.

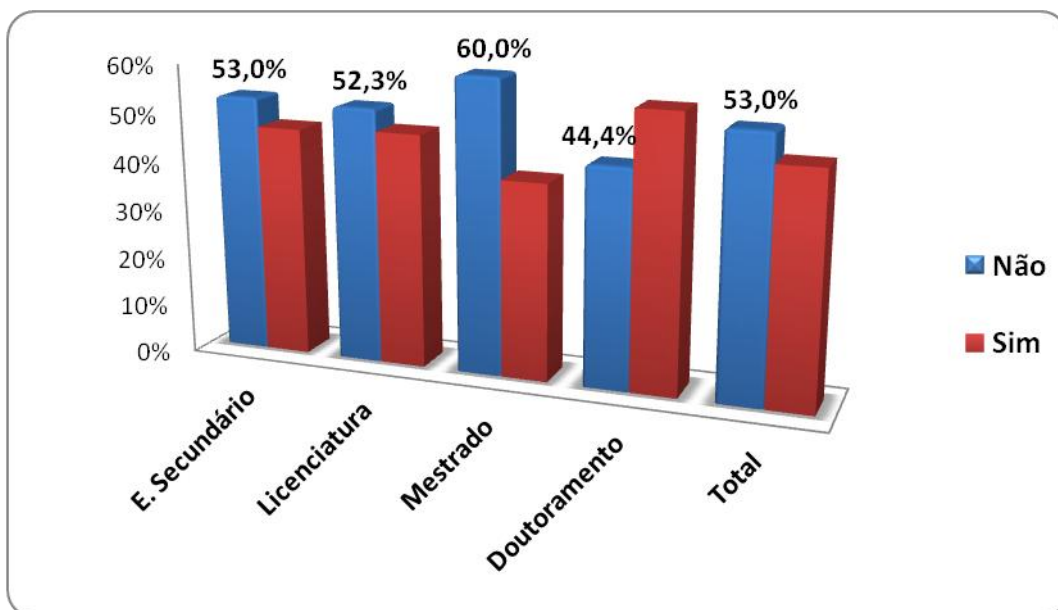


Gráfico 19: Cruzamento das habilitações literárias com a visão dos institutos como foco cultural elitista

Podemos constatar através do gráfico 20 (Anexo3) que 60,7% da nossa amostra total, tem a opinião de que os institutos culturais açorianos não estabelecem sinergias com a sociedade açoriana, mesmo os doutorados em menor percentagem 55,6% consideram a não existência de sinergias entre a comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos e a sociedade. Tendendo esta análise a reflectir o concluído anteriormente, no que concerne ao conhecimento sobre os institutos, isto é, ao não existir sinergias entre os institutos e a esfera pública torna-se impossível o seu conhecimento por parte da sociedade açoriana.

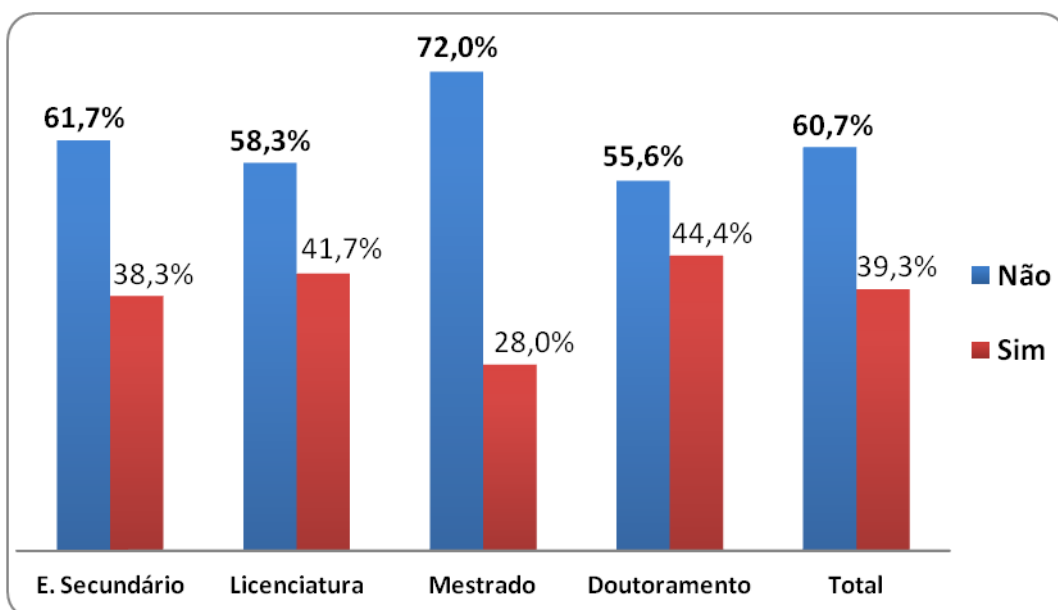


Gráfico 20: Cruzamento das habilitações literárias com a opinião do estabelecimento de sinergias dos institutos culturais açorianos com a sociedade açoriana

Na continuação deste encadeamento, aferimos através do gráfico 24 (Anexo 3) a correlação dos inquiridos da nossa amostra, que pertencem ou pertenceram aos institutos com algumas questões pertinentes com o objectivo de obter através destes membros conhecedores dos

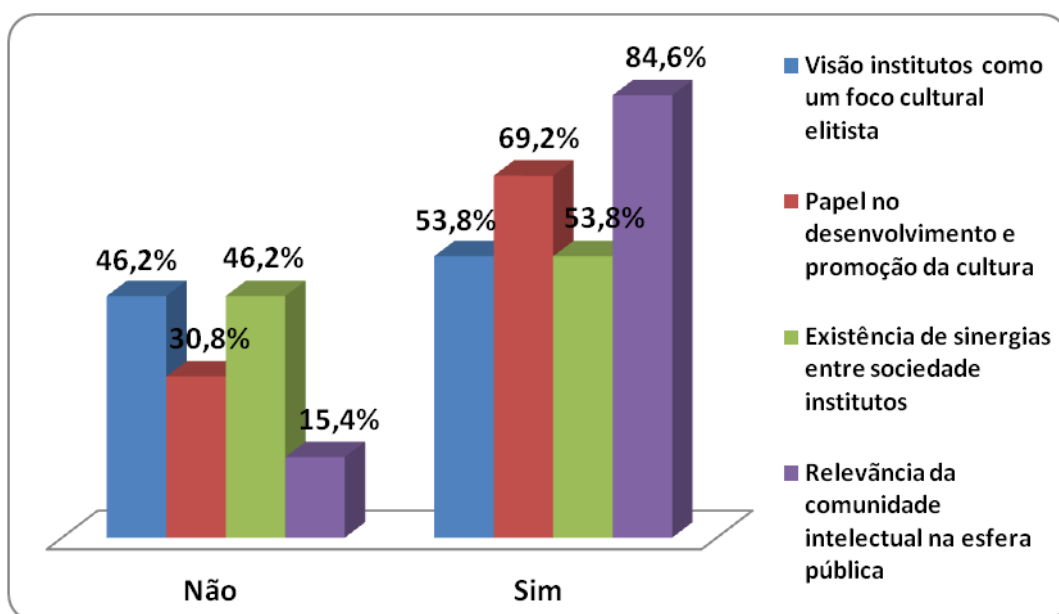


Gráfico 24: Cruzamento dos que já foram (ou são) membros (sócios) dos institutos culturais açorianos com a visão dos institutos como elitistas o seu papel na promoção da cultura, a existência de sinergias e a sua relevância na esfera pública

institutos, um maior conhecimento para validação da nossa hipótese. Deste modo podemos confirmar que 84,6% destes elementos consideram relevante o papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública, mas apenas 69,2% reconhece aos institutos culturais açorianos o seu papel no desenvolvimento e promoção da cultura, o seu contributo para a pluralidade e democratização do saber e do conhecimento. Podemos ainda constatar que 53,8% dos sócios ou ex-sócios vêm os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista. Quanto a opinião dos institutos culturais açorianos estabelecerem sinergias com a sociedade açoriana verificamos contudo uma diferença de 7,6% entre os que são da opinião da existência de sinergias com 53,8% e os 46,2% que consideram o não estabelecimento de sinergias dos institutos culturais açorianos com a sociedade açoriana.

Para término da validação da hipótese 1 podemos ainda analisar a correlação dos inquiridos da nossa amostra que acham relevante o papel da comunidade intelectual na esfera pública conforme nos mostra o gráfico 27 (Anexo 3).

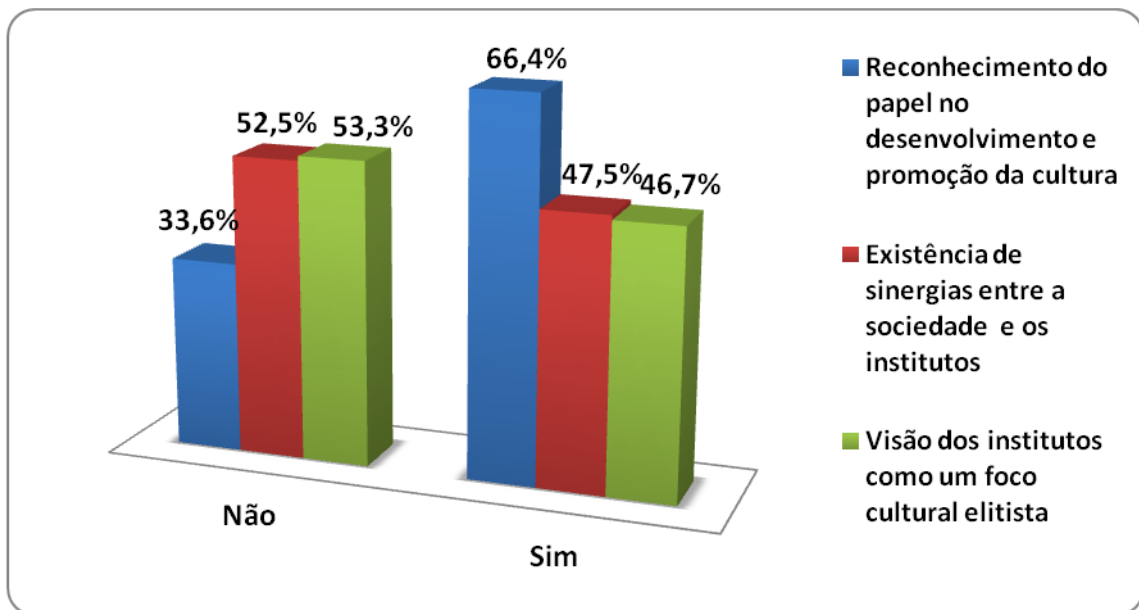


Gráfico 27: Cruzamento dos que acham relevante o papel da comunidade intelectual na esfera pública com os que reconhecem aos institutos um papel no desenvolvimento e promoção da cultura

É de salientar que 66,4% destes elementos reconhecem aos institutos culturais açorianos o seu papel no desenvolvimento e promoção da cultura, o seu contributo para a pluralidade cultural e democratização do saber e do conhecimento, 52,5% na sua opinião consideram que os institutos culturais açorianos estabelecem sinergias com a sociedade açoriana. No entanto 53,3% não vê os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista.

Após esta análise podemos validar a hipótese H1: *Se os Institutos de Cultura Açoriana são um foco cultural restrito, então mantêm uma visão elitista da cultura.* Como verificamos 60,7% da nossa amostra total e 52,5% dos inquiridos da nossa amostra que acham relevante o papel da comunidade intelectual na esfera pública têm a opinião de que os institutos culturais açorianos não estabelecem sinergias com a sociedade açoriana, o mesmo acontecendo com 55,6% dos doutorados que consideram a não existência de sinergias entre a comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos e a sociedade. Podemos ainda constatar que dos sócios ou ex-sócios apenas 53,8% afirmam a existência de sinergias entre a sociedade e os institutos. Assim podemos atestar que os institutos culturais açorianos são um foco cultural restrito, uma vez que não estabelecem sinergias com a esfera pública, logo mantêm um avisão elitista da cultura como comprovado ao longo da análise, onde 55,6% dos próprios doutorados mencionam que vêm os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista, não descurando os 53,8% dos próprios sócios ou ex-sócios que reconhecem os institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista. Concluimos assim que a

hipótese 1 é válida uma vez que os institutos culturais açorianos não estabelecem sinergias com a esfera pública e são vistos como um foco cultural elitista.

Sendo a *esfera pública* um espaço de discussão como designa Habermas ([1992] 1997) os institutos culturais açorianos deveriam manter uma maior ligação com essa mesma esfera pois como alude Charles Taylor(2010) a esfera pública é um espaço comum em que os membros da sociedade se encontram através de uma multiplicidade de meios para debaterem assuntos de interesse comum e serem capazes de produzir a seu respeito uma mente comum, uma visão reflexiva, derivado do debate crítico, é o lugar de uma discussão que potencialmente implica toda a gente. Podemos considerar os institutos com uma cultura “bicultural” termo utilizado por Peter Burke (1989), para descrever a situação de membros de uma elite que se inculcaram nas práticas culturais populares e que, ao mesmo tempo, participavam de uma cultura “alta”.

H2: Os intelectuais Açorianos sentem-se socialmente comprometidos, então servem-se dos institutos para intervir na esfera pública açoriana.

Como demonstrado na análise descritiva das variáveis, o conhecimento por parte da nossa amostra no que concerne aos institutos culturais açorianos é reduzido. No entanto o gráfico 16 (Anexo 3) mostra-nos que 81,3% da nossa amostra considera relevante o papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública, mas por outro lado, verificamos que a

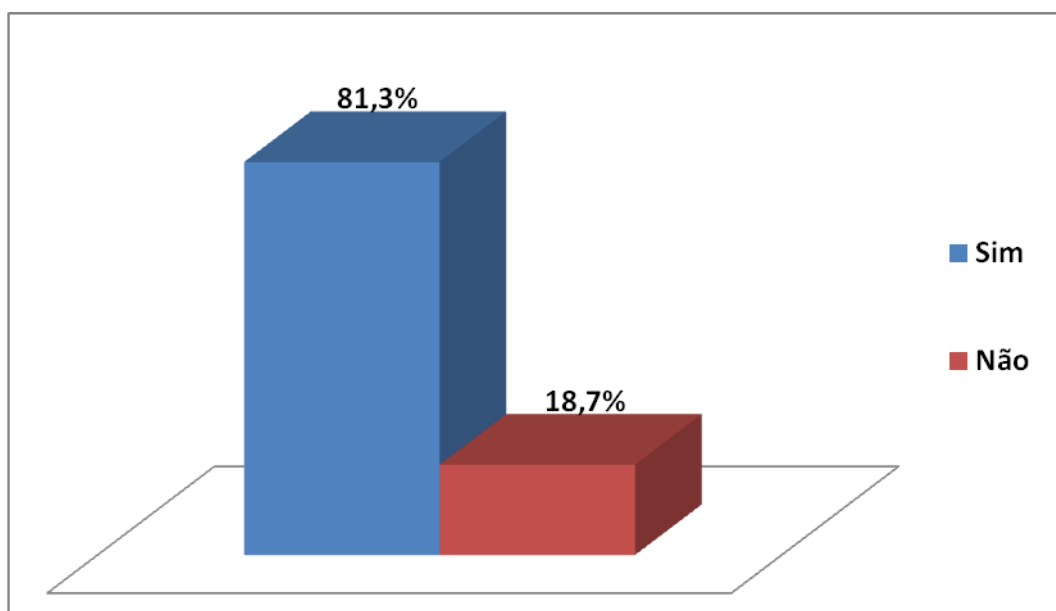


Gráfico 16: Relevância do papel da comunidade intelectual dos institutos culturais açorianos na esfera pública

comunidade intelectual e os institutos aos quais pertencem não têm evidência na esfera pública, isto é, o seu trabalho e as actividades realizadas pela comunidade intelectual que pertence aos institutos culturais açorianos não se notabiliza na sociedade açoriana, o que se pode constatar no gráfico 10 (Anexo 3) que nos mostra que 70,3% dos inquiridos não tem conhecimento das actividades culturais promovidas pelos institutos culturais açorianos.

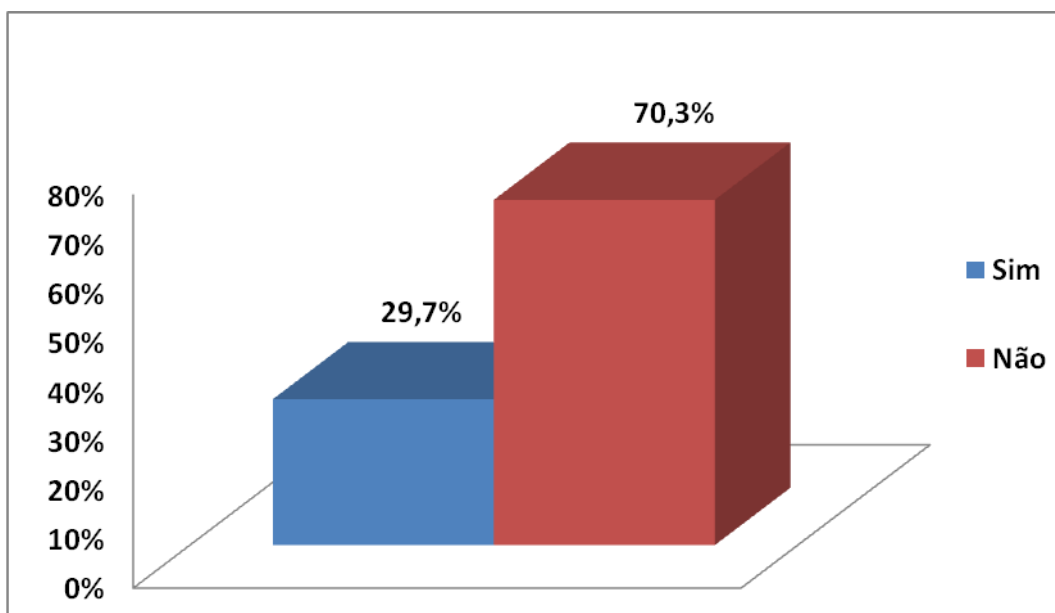


Gráfico 10: Conhecimento das actividades culturais promovidas pelos institutos culturais açorianos

Nem tão pouco um conhecimento profundo sobre os institutos culturais açorianos como podemos verificar através dos dados obtidos na tabela 4 (Anexo 2) onde 76% da nossa amostra não conhece o Instituto Histórico da Ilha Terceira, 48,3% (Tabela 5 – Anexo 2) não conhece o Instituto Cultural de Ponta Delgada, 79,7% (Tabela 6 – Anexo 2) não conhece o Núcleo Cultural da Horta e 59% (Tabela 7- Anexo 2) não conhece o Instituto Açoriano de Cultura. Verificamos ainda através do gráfico 9 (Anexo 3) que 77,3% da nossa amostra não conhece nenhum membro ou sócio pertencente aos institutos culturais dos açorianos.

Neste seguimento podemos ainda afirmar conforme visível no gráfico 13 (Anexo 3) que 76% não está informado(a) da qualidade ou quantidade de obras publicadas pelos institutos, algumas indispensáveis para o conhecimento da história dos Açores. Apesar das alterações dos estatutos, dos institutos culturais açorianos e da adesão as novas tecnologias para divulgação dos trabalhos realizados, estes como se pode constatar através do gráfico 6 (Anexo 3) continuam a não ser contactados, 77,6% da nossa amostra nunca consultou o site pertencente aos institutos culturais açorianos.

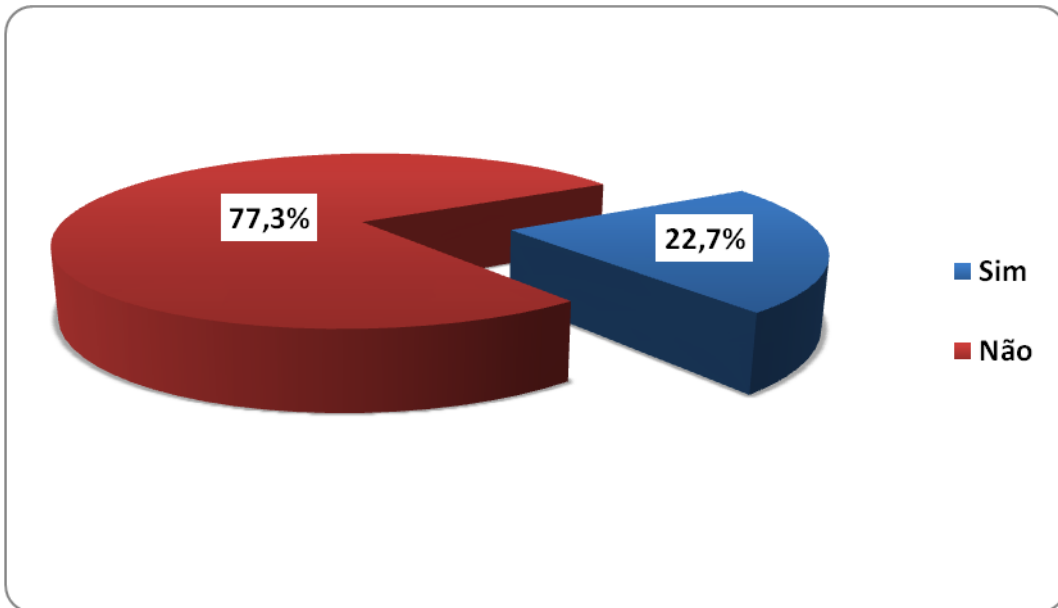


Gráfico 9: Conhecimento de um membro (sócio) dos institutos culturais açorianos

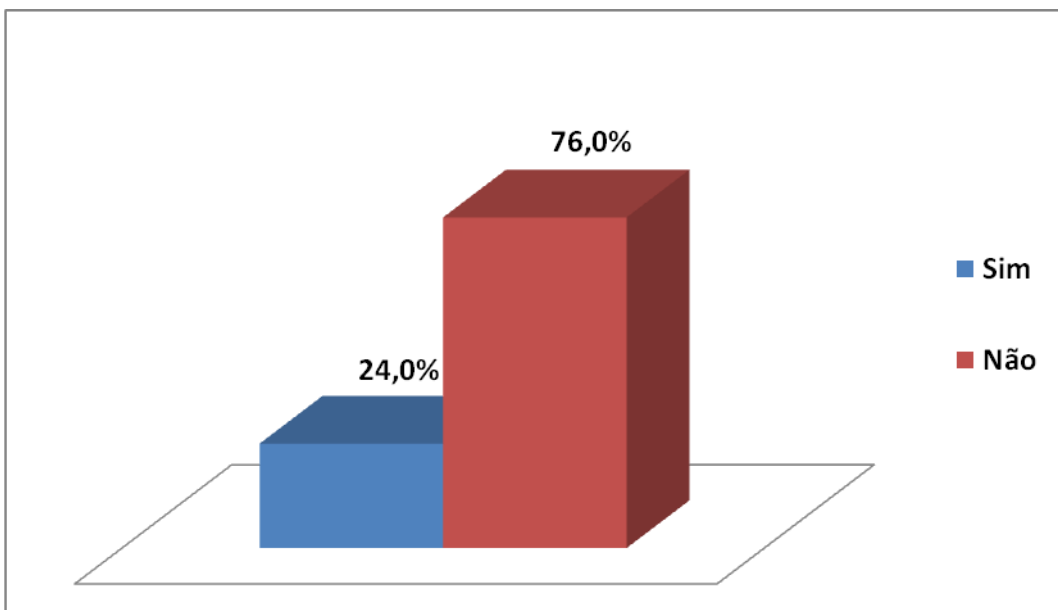


Gráfico 13: Conhecimento da qualidade ou quantidade de obras publicadas pelos institutos culturais açorianos

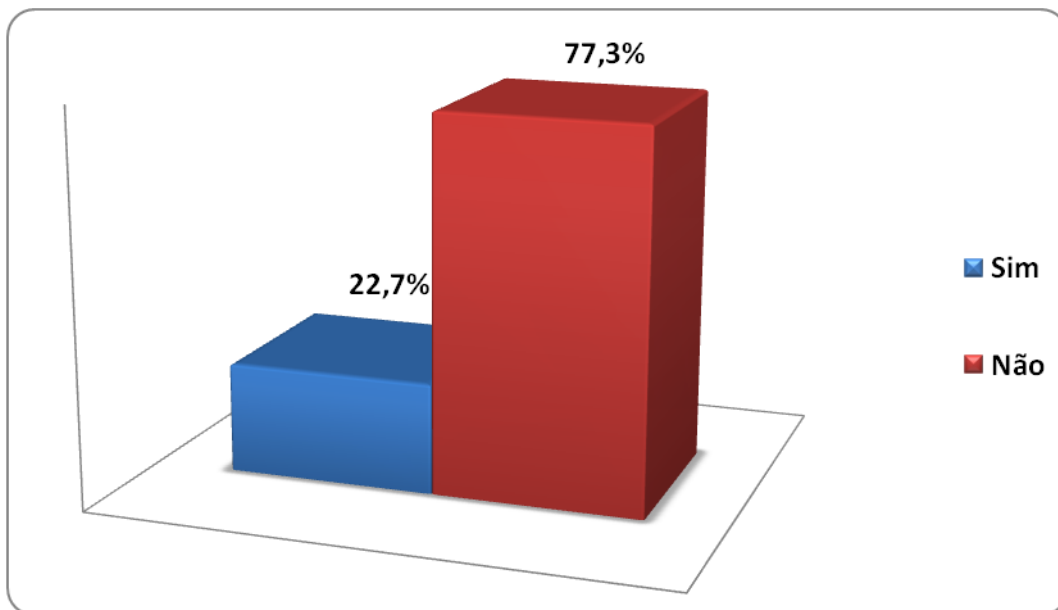


Gráfico 6: Consulta do site pertencente aos institutos culturais açorianos

Após esta análise estamos em condições de refutar a hipótese H2: *Os intelectuais açorianos sentem-se socialmente comprometidos, então servem-se dos institutos para intervir na esfera pública açoriana.* Uma vez concluído que os institutos culturais açorianos e a sua comunidade intelectual não consegue chegar à esfera pública, não são conhecidos as suas intenções, os seus trabalhos e as actividades realizadas por esta comunidade, no entanto consideram relevante o papel da comunidade intelectual na esfera pública. Assim comprovamos que os intelectuais açorianos não se servem dos institutos para intervir na esfera pública açoriana em virtude da nossa amostra não reconhecer intervenção na esfera pública por parte destes.

H2: *Os intelectuais Açorianos sentem-se socialmente comprometidos, então servem-se dos institutos para intervir na esfera pública açoriana.*

Através da refutação desta hipótese podemos confirmar que na actualidade os intelectuais açorianos pertencentes aos institutos culturais açorianos não se enquadram na representação de Edward Said. Na perspectiva de Said o intelectual é um indivíduo dotado de uma vocação para representar, corporalizar e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (ou por) um público. Assim, Said assume seu papel de intelectual, tendo consciência do que isso significa:

Gostaria de expor isso em termos pessoais: como intelectual, apresento minhas preocupações a um público ou auditório, mas o que está em jogo não é apenas o modo como eu as artículo, mas também o que eu mesmo represento como alguém que está tentando expressar a causa da liberdade e da justiça. Falo ou escrevo essas coisas porque, depois de muita reflexão, acredito nelas; e também quero persuadir outras pessoas a assimilar esse ponto de vista (Said, 2000: 26).

O que é importante para Said é causar embaraço ao público, ser incómodo e do contra; é mobilizar a população, tirando-a de suas acomodações confortáveis, mesmo porque ele acredita nos valores que apregoa e deseja fazer com que outras pessoas também acreditem e mobilizem-se para transformar situações sociais, económicas e/ou políticas.

3. Considerações Finais

Esta investigação teve como objectivo apresentar uma análise integrada das relações comunidade intelectual açoriana - esfera pública. Confirmou que se trata de relações complexas, cuja análise separada de cada um dos domínios não possibilitaria captar todas as suas especificidades. Esta tese constitui assim uma abordagem integrada ao que foi definido como o processo de estabelecimento de sinergias entre a comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos e a esfera pública. Ao ser elaborado o plano de investigação desta tese, tínhamos como objectivo a realização de um estudo recorrendo aos métodos mistos, isto é, a conjugação do método documental, o questionário e as entrevistas. Na execução emergiram impedimentos na obtenção das entrevistas que se pretendiam realizar com a direcção dos Institutos Culturais Açorianos, após diversas tentativas e envio de emails para os directores dos respectivos Institutos, não recebemos qualquer resposta aos nossos intuitos, impossibilitando a concretização dos objectivos inicialmente propostos que muito engrandecia a nossa pesquisa científica, tendo como consequência a alteração da metodologia utilizada e a conclusão dos resultados ambicionados.

Contudo concluímos que o hibridismo entre as concepções de cultura é intenso e irreversível, continua a existir a necessidade de questionar estas noções e as intensas alterações que esta sociedade, cada vez mais mediatizada com novas formas de comunicação, virá a produzir no espaço cultural. Através da análise da documentação consultada e do questionário aplicado pode-se aferir que o espaço dos institutos culturais açorianos não deverá ser nem o da cultura popular, nem o do eruditismo elitista, mas sim, um espaço activo, híbrido, enérgico e dinâmico. A continuidade dos institutos de cultura na sociedade onde se inserem ocorre da maior ou menor implicação que obtêm nessa mesma sociedade, para tal não devem estar de portas fechadas mas sim abertas, aspirando realizarem um papel protuberante e actuando no sentido de uma efectiva democracia da cultura. Na actualidade é imprescindível e iminente democratizar a cultura, pôr ao alcance de todos os meios de acesso aos designados níveis superiores de conhecimento. A democratização da cultura deverá servir para envolver todos os cidadãos interessados na vida cultural. A democracia cultural presume que todos somos portadores e fazedores de cultura, cultura que é, motor de crescimento colectivo.

Porém o conhecimento que a maior parte da população tem da existência e da actuação dos institutos culturais açorianos é limitado. A maioria dos sócios e intervenientes nas actividades dessas instituições está centralizada nos espaços urbanos e nas fracções mais alfabetizadas da população. A clarificação do papel dos institutos, nomeadamente junto da comunidade e o modo de incentivar novos públicos tornam-se cada vez mais prementes.

Os institutos culturais açorianos assim como a comunidade intelectual que deles fazem parte desempenharam um papel de extrema relevância ao nível dos antigos distritos, desde a sua fundação até à década de 1980, em matéria de investigação e divulgação, embora em círculos algo restritos, da política, da história, da etnografia, da literatura e da cultura. Estes tiveram a competência de ao longo dos seus trabalhos ter uma intervenção de extrema relevância na esfera pública açoriana, lutavam por uma autonomia, pela afirmação da cultura insular açoriana. Na continuidade do movimento desencadeado nos Açores em torno da “fraternidade insular” ou “confraternização açoriana”, no início do século XX, as elites do arquipélago procuraram criar o “espírito açoriano”, a “alma açoriana”, com o objectivo de congregar os cidadãos para a defesa de interesses comuns, nomeadamente a ampliação dos poderes da autonomia administrativa. Neste âmbito, atestamos que os intelectuais açorianos se enquadram à representação do intelectual apontado por Said ([1993] 2000: 41), que afirma que os intelectuais são “[...] indivíduos cuja capacidade de pensamento e discernimento os torna capacitados para representar o melhor pensamento fazendo-o prevalecer.” Percebemos deste modo que os intelectuais açorianos aliavam “[...] um espírito em oposição, mais do que em acomodação” (Said, 2000: 18).

Com a dinâmica da investigação académica, os institutos culturais perderam muito, do seu anterior protagonismo, apesar da colaboração pontual com a academia açoriana.

Depois de um certo adormecimento, a partir de meados da década de 1990 e da viragem do milénio, existe uma maior articulação entre a Universidade dos Açores e os institutos culturais açorianos, que se tem pautado pela organização de eventos conjuntos ou que envolvem a colaboração de docentes e investigadores da Universidade dos Açores. Contudo a actual comunidade intelectual pertencente aos institutos culturais açorianos deve reflectir sobre novas formas de criar uma cultura coerente, de promover um panorama não discriminatório e de participação, que diz respeito ao papel crucial do diálogo cultural, na saída para uma democracia mais pluralista, mas não seccionada e disforme. O intelectual açoriano terá como papel o desafio de motivar o diálogo cultural entre os grupos no contexto global. Na actualidade açoriana torna-se patente que a acção dos intelectuais açorianos pertencentes aos institutos na esfera pública enquadra-se na representação do intelectual pós-moderno, caracterizada pela metáfora do papel do “intérprete” apontado por Z. Bauman (2010: 21) que “[...] consiste em traduzir afirmações feitas no interior de uma tradição baseada em termos comunais, a fim de que sejam compreendidas no interior de um sistema de conhecimento fundamentado em outra tradição.”

Referências bibliográficas

- Almeida, J., & Pinto, J. (1975). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Almeida, O. (2011). *Açores, Açorianos, Açorianidade – um espaço cultural*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
- Andrade, M. (1996). *Políticos açorianos – Nótulas biográficas*, vol. I – *Vultos dos Açores*, *Jornal de Cultura*, Coleção Autonomia, Ponta Delgada, 84-87.
- Arendt, H. ([1954] 2000). A crise na cultura: sua importância social e política. in *Entre o passado e o futuro*. (5ª ed.). S. Paulo: Perspectiva, 249-281.
- Arruda, L. (2004). Apresentação. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 13, 9-10.
- Bakhtin, M. ([1965] 1987) *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec
- Bauman, Z. (1999). *La cultura como praxis*. Barcelona: Edições Paidós Ibérica, S.A.
- Bauman, Z. ([1987] 2010). *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Betencourt, H. (1944). Proémio. *Insulana Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada* (Vol. I nº1, 1-4).
- Boas, F. (1964). *Cuestiones fundamentales de antropologia cultural*. Buenos Aires: Solar/Hachete.
- Bobbio, N. (1997). *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP.
- Bourdieu, P. (1999). Por um saber comprometido in *Contrafogos 2 por um movimento social europeu*. Oeiras: Celta Editora, 21-30.
- Bravo, S. (2001). *Técnicas de Investigação Social*. Madrid: Thansor Editores Learning.
- Bruno, P. (1998). Nova Atlântida. *Atlântida. Órgão do Instituto Açoriano de Cultura*, 44, 7-8.
- Bruno, P. (2005). Instituto açoriano de cultura – Um projecto em permanente actualidade. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 14, 13-22.

- Burke, P. (1989). *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Burke, P. (2001). *Varietades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Certeau, M.; Julia, D.; Revel, J. (1989). A beleza do morto: o conceito de cultura popular. *A invenção da sociedade*. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: Difel
- Certeau, M. (2003). *A cultura no plural*. Campinas: Papirus.
- Chartier, R. (1995). Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Vol. 8 (16), 179-192.
- Cordeiro, C. (1998). *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 13-14.
- Costa, F. (1978) *Esboço Histórico dos Açores*, Instituto Universitário dos Açores, Ponta Delgada.
- Crehan, K. (2004). *Gramsci cultura e antropologia*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da cultura*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Eliot, T.S. (1988). *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Forjaz, J. (1978). Primeiras palavras. *Atlântida. Órgão do Instituto Açoriano de Cultura*, 44, 7-812, 7-8.
- Foucault, M. (1979). Os intelectuais e o poder, Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. in *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freitas, V. (1999). “Discursos Culturais nos Açores – uma estética da territorialidade” in *A Ilha em Frente: Textos do Cerco e da Fuga*, Lisboa: Edições Salamandra.
- Giddens, A. ([2001] 2007). *Sociologia (5ªed)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A. (1991). *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Ginzburg, C. (2002). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gouveia M. (1986). Literatura açoriana (teoria de). *Enciclopédia Açoriana*. Centro de conhecimento dos Açores.
- Gramsci, A. (1982). *Os intelectuais e a organização da cultura* (4ªed.). Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Hill, M. & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo
- Lakatos, E.; Marconi, M.(1993).*Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. (2008). *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas.
- Leal, J. (1997). Açorianidade. Literatura, política, etnografia (1880-1940). In *Etnografia Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social* V 1, nº 2: Lisboa, 191-211.
- Leite, Reis (2001). *Arquipélago História*, 2ª série, V, 527-542.
- Lima, M. (1982). Instituições Culturais devidas à acção do Instituto Histórico da Ilha Terceira (Projectção do Pensamento do Doutor Luís Ribeiro). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 40, 7-17.
- Lourenço, J. (1956). Estatuto do Instituto Açoriano de Cultura. *Atlântida. Órgão do Instituto Açoriano de Cultura*, 44, 7-8, 1, 55-58.
- Lourenço, J. (1959). A Cultura Açoriana. *Atlântida. Órgão do Instituto Açoriano de Cultura*. 44, 7-8 6, 275-278.
- Mannheim, K. ([1929] 1986). *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Marx, K.; Engels, F. (1998). *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes Editora
- Medeiros, P. (2010). O compromisso político, social e cultural dos intelectuais contemporâneos, *Perspectivas* (4) – *Portuguese Journal of Political Science and International Relations*.

- Medeiros, P. (2010a). Europe in the Global Era: The Construction of an Alternative Political and Cultural Imaginary. *International Journal of Multidisciplinary Thought*.
- Morin, E. ([1984] 1998). *Sociologia: a Sociologia do microssocial ao macroplanetário*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pereira, J. (2005). No Cinquentenário do Núcleo Cultural da Horta. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. (ed. 14, 57-73).
- Pires, M. (2009). Public intellectuals – past, present and future. In *Comunicação & Cultura*. (7, 115-130).
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em Ciências*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, F. (2010), *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado Segundo Bolonha*. Lisboa: Factor – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Reis-Leite, J. (2005). Instituto Histórico da Ilha Terceira. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. (ed. 14, 45-55).
- Revel, J. (1989). *A invenção da sociedade*. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: Difel.
- Ribeiro, L. (1919) “Os Açores de Portugal” in *Obras, História*, vol. II Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira e Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983, 1-17.
- Ribeiro, L. (1920). O Espírito Açoreano, in *Na senda da identidade Açoriana (Antologia de textos do Correio dos Açores)* (1995). Ponta Delgada: Gráfica Açoreana, 37-39.
- Ribeiro, L. (1943). Alocução do Presidente do Instituto. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 1, 1-6.
- Rodrigues, H. (2004). Editorial. *Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*, 60, 3-5.
- Rodrigues, H. (2005). Instituto Cultural de Ponta Delgada. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. (ed.14, 23-44).

- Said, E. ([1993] 2000), *Representações do intelectual: As palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri.
- Said, E. O papel público dos escritores. In Moraes, D. (2004). *Combates e utopias*. Rio de Janeiro: Record, 25-50.
- Sampieri, R. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Santos, M. (1979) Sobre os intelectuais portugueses no século XIX (do Vintismo à Regeneração) *Análise Social*, Volume XV (57), 1979-1º, 11-69.
- Santos, M. (1988). “Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas”, *Análise Social*. Vol. 24, 629-702.
- Santos, M. (s/d), *Para uma Sociologia da Cultura Burguesa em Portugal no Século XIX*. Presença, Lisboa.
- Sartre, Jean-Paul.(1994). *Em defesa dos intelectuais*. Tradução Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (orgs) (2007). *Metodologia das Ciências Sociais* (14ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. S. (2006). *A Sociologia e o Debate Público: Estudos sobre a Relação entre conhecer e Agir*. Porto, Edições Afrontamento.
- Taylor, C. (2010). *Imaginários sociais modernos*. Lisboa: Edições Texto e Grafia.
- Teixeira, J. (2007). *Da Democratização à democracia cultural: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*. Porto: Profedições, Lda.
- Teles, R. (2004). A revista Insula uma leitura. *Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*, 60, 127-141.
- Thompson, J. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Thompson, E. (1998). *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vovelle, M. (1991) O popular em questão. In: *Ideologias e mentalidades*. Trad. Maria Julia Cottvasser. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense. 151-224.

Winock, M. ([1997] 2000). *O Século dos intelectuais*. Lisboa: Terramar.

Referências eletrônicas

Boto, C. (2009). “Traição dos intelectuais: um tema nosso contemporâneo”. *Revista USP* [online], n.80, pp. 161-171

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n80/17.pdf>

Brasil, L. (1999) A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia. *Via atlântica* n. 3. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São: São Paulo

http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_01.pdf

Capozzi, R. (1996). “Eco’s Prophetic Vision of Mass Culture”, *McLuhan Studies: Premiere Issue*

<http://projects.chass.utoronto.ca/mcluhan-studies/mstudies.htm>

Chomsky, N. (1997). “A linguística como uma ciência natural” in *Mana*, vol.3, n.2, pp. 183-198. ISSN 0104-9313.

<http://www.scielo.br/scielo.pdf>

Cordeiro, Carlos (2008). *Quadro histórico da identidade cultural açoriana*

<http://www.expressodasnovas.pt/interiores.php?id=2762>

Crane, D. (2002). “Cultural globalization from the perspective of the sociology of culture”. *Colloque International sur les Statistiques Culturelles*

http://www.colloque2002symposium.gouv.qc.ca/PDF/Crane_paper_Symposium.pdf

Dias, F. (2009) Vida do Instituto. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Instituto Histórico Ilha Terceira

<http://www.ihit.pt/new/boletim.php?area=boletins&id=109>

Gusmão, A. (s/d). “Centenário de J.P.Sartre” *Memorial do Rio Grande do Sul – Cadernos de História*,. Voltaire Schilling

<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/sartre.pdf>

Walsh, J. (2010) “Sartre: What is an Intellectual?” *Socyberty-Philosophy*.

<http://socyberty.com/philosophy/sartre-what-is-an-intellectual>

Raimundo, P. (2011) *O Instituto Açoriano de Cultura: Quem somos e porque o fazemos*

<http://www.iac-azores.org/iac/proj-cultural.html>

Anexos

ANEXO 1 - Questionário



Os Institutos Culturais Açorianos: Uma análise Sociológica sobre a Comunidade Intelectual

Este questionário insere-se no âmbito da Dissertação apresentada na Universidade dos Açores para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, na área da Sociologia da Cultura. O objetivo deste questionário é recolher dados empíricos no âmbito de uma investigação científica que visa estimar que informação tem a sociedade sobre os Institutos Culturais Açorianos e a sua comunidade Intelectual.

Este questionário é anónimo e absolutamente confidencial.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Indicação para o preenchimento do questionário:

- Selecione a sua opção.

Ponta Delgada

2013

1. Habilitações Literárias.

- Ensino Secundário
- Doutoramento
- Licenciatura
- Mestrado

2. Local de Residência.

- Corvo
- Faial
- Flores
- Graciosa
- Pico
- São Jorge
- São Miguel
- Santa Maria
- Terceira
- Outro

3. Assinale quais os Institutos Açorianos que conhece ou já ouviu falar.

- Instituto Histórico da Ilha Terceira
- Instituto Cultural de Ponta Delgada
- Núcleo Cultural da Horta
- Instituto Açoriano de Cultura

4. Já foi (ou é) membro (sócio) de algum destes Institutos?

- Sim
- Não

5. Sabe em que ano foi fundado um destes Institutos?

- Sim
- Não

- 6. Já consultou algum site pertencente a estes Institutos?**
- Sim
 Não
- 7. Vê os Institutos culturais Açorianos como um foco cultural elitista?**
- Sim
 Não
- 8. Tem conhecimento dos estatutos pelos quais estes Institutos se regem?**
- Sim
 Não
- 9. Conhece algum membro pertencente a estes Institutos?**
- Sim
 Não
- 10. Tem conhecimento das atividades Culturais promovidas pelos Institutos?**
- Sim
 Não
- 11. Sabe que o Instituto Cultural de Ponta Delgada foi galardoado com a Medalha de Mérito pela Câmara Municipal de Ponta Delgada no ano 2003?**
- Sim
 Não
- 12. Reconhece aos Institutos Culturais Açorianos o seu papel no desenvolvimento e promoção da cultura, o seu contributo para a pluralidade cultural e democratização do saber e do conhecimento?**
- Sim
 Não

- 13. Está informado(a) da qualidade ou quantidade de obras publicadas pelos Institutos, algumas indispensáveis para o conhecimento da história dos Açores?**
- Sim
- Não
- 14. Tem conhecimento que se pode propor para sócio de um destes Institutos?**
- Sim
- Não
- 15. Na sua opinião os Institutos culturais Açorianos estabelecem sinergias com a sociedade açoriana?**
- Sim
- Não
- 16. Considera relevante o papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública?**
- Sim
- Não

ANEXO 2 – Tabelas

Estatísticas descritivas

Tabela 1: Estatísticas descritivas

| | N | Mínimo | Máximo | Média | | Desvio padrão |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|---------------|
| | Estatística | Estatística | Estatística | Estatística | Erro padrão | Estatística |
| Habilitações Literárias | 300 | 1 | 4 | 1,76 | ,042 | ,729 |
| Local Residência | 300 | 1 | 10 | 7,01 | ,089 | 1,546 |
| Conhecimento sobre - Instituto HITerceira | 300 | 0 | 1 | ,24 | ,025 | ,428 |
| Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 300 | 0 | 1 | ,52 | ,029 | ,501 |
| Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 300 | 0 | 1 | ,20 | ,023 | ,403 |
| Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 300 | 0 | 1 | ,41 | ,028 | ,493 |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | 300 | 1 | 2 | 1,96 | ,012 | ,204 |
| Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,91 | ,016 | ,282 |
| Consulta do site - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,77 | ,024 | ,419 |
| Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 300 | 1 | 2 | 1,53 | ,029 | ,500 |
| Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,90 | ,017 | ,296 |
| Conhecimento de algum membro - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,77 | ,024 | ,419 |
| Conhecimento das actividades - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,70 | ,026 | ,458 |
| Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada | 300 | 1 | 2 | 1,90 | ,017 | ,296 |
| Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 300 | 1 | 2 | 1,41 | ,028 | ,492 |

| | | | | | | |
|--|-----|---|---|------|------|------|
| Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,76 | ,025 | ,428 |
| Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 300 | 1 | 2 | 1,77 | ,024 | ,419 |
| Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 300 | 1 | 2 | 1,61 | ,028 | ,489 |
| Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 300 | 1 | 2 | 1,19 | ,023 | ,390 |
| N válido (de lista) | 300 | | | | | |

Frequências

Tabela 2: Habilitações Literárias

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|-------------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Ensino Secundário | 115 | 38,3 | 38,3 | 38,3 |
| Licenciatura | 151 | 50,3 | 50,3 | 88,7 |
| Válido Mestrado | 25 | 8,3 | 8,3 | 97,0 |
| Doutoramento | 9 | 3,0 | 3,0 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 3: Local de Residência

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Corvo | 2 | ,7 | ,7 | ,7 |
| Faial | 12 | 4,0 | 4,0 | 4,7 |
| Flores | 3 | 1,0 | 1,0 | 5,7 |
| Graciosa | 4 | 1,3 | 1,3 | 7,0 |
| Pico | 3 | 1,0 | 1,0 | 8,0 |
| Válido São Jorge | 6 | 2,0 | 2,0 | 10,0 |
| São Miguel | 215 | 71,7 | 71,7 | 81,7 |
| Santa Maria | 8 | 2,7 | 2,7 | 84,3 |
| Terceira | 38 | 12,7 | 12,7 | 97,0 |
| Outro | 9 | 3,0 | 3,0 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 4: Conhecimento sobre - Instituto Histórico da Ilha Terceira

| | | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Não | 228 | 76,0 | 76,0 | 76,0 |
| | Sim | 72 | 24,0 | 24,0 | 100,0 |
| | Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 5: Conhecimento sobre - Instituto Cultural de Ponta Delgada

| | | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Não | 145 | 48,3 | 48,3 | 48,3 |
| | Sim | 155 | 51,7 | 51,7 | 100,0 |
| | Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 6: Conhecimento sobre - Núcleo Cultural da Horta

| | | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Não | 239 | 79,7 | 79,7 | 79,7 |
| | Sim | 61 | 20,3 | 20,3 | 100,0 |
| | Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 7: Conhecimento sobre - Instituto Açoriano da Cultura

| | | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Não | 177 | 59,0 | 59,0 | 59,0 |
| | Sim | 123 | 41,0 | 41,0 | 100,0 |
| | Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 8: Já foi ou é membro de algum - Instituto

| | | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Sim | 13 | 4,3 | 4,3 | 4,3 |
| | Não | 287 | 95,7 | 95,7 | 100,0 |
| | Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 9: Conhecimento do ano da fundação - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 26 | 8,7 | 8,7 | 8,7 |
| Válido Não | 274 | 91,3 | 91,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 10: Consulta do site - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 68 | 22,7 | 22,7 | 22,7 |
| Válido Não | 232 | 77,3 | 77,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 11: Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 141 | 47,0 | 47,0 | 47,0 |
| Válido Não | 159 | 53,0 | 53,0 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 12: Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 29 | 9,7 | 9,7 | 9,7 |
| Válido Não | 271 | 90,3 | 90,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 13: Conhecimento de algum membro - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 68 | 22,7 | 22,7 | 22,7 |
| Válido Não | 232 | 77,3 | 77,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 14: Conhecimento das atividades - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 89 | 29,7 | 29,7 | 29,7 |
| Válido Não | 211 | 70,3 | 70,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 15: Conhecimento da atribuição da Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 29 | 9,7 | 9,7 | 9,7 |
| Válido Não | 271 | 90,3 | 90,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 16: Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 178 | 59,3 | 59,3 | 59,3 |
| Válido Não | 122 | 40,7 | 40,7 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 17: Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 72 | 24,0 | 24,0 | 24,0 |
| Válido Não | 228 | 76,0 | 76,0 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 18: Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 68 | 22,7 | 22,7 | 22,7 |
| Válido Não | 232 | 77,3 | 77,3 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 19: Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 118 | 39,3 | 39,3 | 39,3 |
| Válido Não | 182 | 60,7 | 60,7 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 20: Relevância do papel da comunidade intelectual dos Institutos na esfera pública

| | Frequência | Percentual | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|------------|------------|------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Sim | 244 | 81,3 | 81,3 | 81,3 |
| Válido Não | 56 | 18,7 | 18,7 | 100,0 |
| Total | 300 | 100,0 | 100,0 | |

Cruzamento de tabelas

Tabela 21: H. Literárias * Local Residência

Tabulação cruzada

| | | Local Residência | | | | | | | | | | Total |
|-----------------|----------|----------------------|-------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|--------------------|-------------------|----------------------|----------------------|--------|
| | | Corvo | Faial | Flores | Graciosa | Pico | São Jorge | São Miguel | Santa Maria | Terceira | Outro | |
| E. Secundário | Contagem | 0 _{a, b, c} | 8 _c | 1 _{a, b, c} | 2 _{a, b, c} | 0 _{a, b} | 3 _{a, b, c} | 78 _{a, b} | 1 _b | 20 _{a, c} | 2 _{a, b} | 115 |
| | % Total | 0,0% | 2,7% | 0,3% | 0,7% | 0,0% | 1,0% | 26,0% | 0,3% | 6,7% | 0,7% | 38,3% |
| H. Licenciatura | Contagem | 0 _{a, b} | 4 _{a, b} | 1 _{a, b} | 2 _{a, b} | 2 _{a, b} | 3 _{a, b} | 117 _b | 4 _{a, b} | 14 _a | 4 _{a, b} | 151 |
| | % Total | 0,0% | 1,3% | 0,3% | 0,7% | 0,7% | 1,0% | 39,0% | 1,3% | 4,7% | 1,3% | 50,3% |
| Lit. Mestrado | Contagem | 1 _a | 0 _b | 1 _{a, c} | 0 _{a, b, c} | 1 _{a, c} | 0 _{a, b, c} | 14 _{b, c} | 3 _a | 4 _{a, b, c} | 1 _{a, b, c} | 25 |
| | % Total | 0,3% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 4,7% | 1,0% | 1,3% | 0,3% | 8,3% |
| Doutoramento | Contagem | 1 _a | 0 _{b, c} | 0 _{a, b, c} | 0 _{a, b, c} | 0 _{a, b, c} | 0 _{a, b, c} | 6 _c | 0 _{b, c} | 0 _c | 2 _{a, b} | 9 |
| | % Total | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 2,0% | 0,0% | 0,0% | 0,7% | 3,0% |
| Total | Contagem | 2 | 12 | 3 | 4 | 3 | 6 | 215 | 8 | 38 | 9 | 300 |
| | % Total | 0,7% | 4,0% | 1,0% | 1,3% | 1,0% | 2,0% | 71,7% | 2,7% | 12,7% | 3,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Local Residência categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 22: Habilitações Literárias * Conhecimento sobre - Instituto Histórico ilha Terceira

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | | Total |
|---|---|---|--------------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| Habilitações Literárias | % dentro de Habilitações Literárias | 74,8% | 25,2% | 100,0% |
| | Ensino Secundário | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | 37,7% _a | 40,3% _a | 38,3% |
| | % do Total | 28,7% | 9,7% | 38,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 77,5% | 22,5% | 100,0% |
| | Licenciatura | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | 51,3% _a | 47,2% _a | 50,3% |
| | % do Total | 39,0% | 11,3% | 50,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 80,0% | 20,0% | 100,0% |
| | Mestrado | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | 8,8% _a | 6,9% _a | 8,3% |
| | % do Total | 6,7% | 1,7% | 8,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 55,6% | 44,4% | 100,0% |
| | Doutoramento | | | |
| % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | 2,2% _a | 5,6% _a | 3,0% | |
| % do Total | 1,7% | 1,3% | 3,0% | |
| % dentro de Habilitações Literárias | 76,0% | 24,0% | 100,0% | |
| Total | | | | |
| % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira | 100,0% | 100,0% | 100,0% | |
| % do Total | 76,0% | 24,0% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto HIterceira categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 23: Habilitações Literárias * Conhecimento sobre - Instituto Cultural de Ponta Delgada

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | | Total |
|--|--|--|--------------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| Habilitações Literárias | % dentro de Habilitações Literárias | 49,6% | 50,4% | 100,0% |
| | Ensino Secundário | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 39,3% _a | 37,4% _a | 38,3% |
| | % do Total | 19,0% | 19,3% | 38,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 45,0% | 55,0% | 100,0% |
| | Licenciatura | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 46,9% _a | 53,5% _a | 50,3% |
| | % do Total | 22,7% | 27,7% | 50,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 68,0% | 32,0% | 100,0% |
| | Mestrado | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 11,7% _a | 5,2% _b | 8,3% |
| | % do Total | 5,7% | 2,7% | 8,3% |
| | % dentro de Habilitações Literárias | 33,3% | 66,7% | 100,0% |
| | Doutoramento | | | |
| % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 2,1% _a | 3,9% _a | 3,0% | |
| % do Total | 1,0% | 2,0% | 3,0% | |
| % dentro de Habilitações Literárias | 48,3% | 51,7% | 100,0% | |
| Total | | | | |
| % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 100,0% | 100,0% | 100,0% | |
| % do Total | 48,3% | 51,7% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 24: Habilitações Literárias * Conhecimento sobre - Núcleo Cultural da Horta

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | | Total |
|----------------------------|-------------------|--|---|--------------------|--------|
| | | | Não | Sim | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro de Habilitações Literárias | 84,3% | 15,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 40,6% ^a | 29,5% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 32,3% | 6,0% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 78,1% | 21,9% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 49,4% ^a | 54,1% ^a | 50,3% |
| | | % do Total | 39,3% | 11,0% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 84,0% | 16,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 8,8% ^a | 6,6% ^a | 8,3% |
| | | % do Total | 7,0% | 1,3% | 8,3% |
| | | % dentro de Habilitações Literárias | 33,3% | 66,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 1,3% ^a | 9,8% ^b | 3,0% |
| | | % do Total | 1,0% | 2,0% | 3,0% |
| | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 79,7% | 20,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 79,7% | 20,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 25: Habilitações Literárias * Conhecimento sobre - Instituto Açoriano de Cultura

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento sobre - Instituto ACultura | | Total |
|----------------------------|-------------------|---|--|---------------------|--------|
| | | | Não | Sim | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro de Habilitações Literárias | 65,2% | 34,8% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 42,4% ^{oa} | 32,5% ^{oa} | 38,3% |
| | | % do Total | 25,0% | 13,3% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 60,3% | 39,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 51,4% ^{oa} | 48,8% ^{oa} | 50,3% |
| | | % do Total | 30,3% | 20,0% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 40,0% | 60,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 5,6% ^{oa} | 12,2% ^{ob} | 8,3% |
| | | % do Total | 3,3% | 5,0% | 8,3% |
| | | % dentro de Habilitações Literárias | 11,1% | 88,9% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 0,6% ^{oa} | 6,5% ^{ob} | 3,0% |
| | | % do Total | 0,3% | 2,7% | 3,0% |
| | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 59,0% | 41,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 59,0% | 41,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto ACultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 26: Habilitações Literárias * Já foi ou é membro de algum Instituto

Tabulação cruzada

| | | Já foi ou é membro de algum - Instituto | | Total | |
|-------------------------|---|---|-------------------------------------|--------------------|--------|
| | | Sim | Não | | |
| Habilitações Literárias | % dentro de Habilitações Literárias | 1,7% | 98,3% | 100,0% | |
| | Ensino Secundário | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 15,4% ^a | 39,4% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 0,7% | 37,7% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 2,6% | 97,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 30,8% ^a | 51,2% ^a | 50,3% |
| | | % do Total | 1,3% | 49,0% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 16,0% | 84,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 30,8% ^a | 7,3% ^b | 8,3% |
| | | % do Total | 1,3% | 7,0% | 8,3% |
| | | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 33,3% | 66,7% |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | | 23,1% ^a | 2,1% ^b | 3,0% |
| | % do Total | | 1,0% | 2,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro de Habilitações Literárias | 4,3% | 95,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 4,3% | 95,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Já foi ou é membro de algum - Instituto categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 27: Habilitações Literárias * Conhecimento do ano da fundação - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento do ano da fundação - Institutos | | Total |
|-------------------------|-------------------|--|--|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro de Habilitações Literárias | 6,1% | 93,9% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 26,9% ^a | 39,4% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 2,3% | 36,0% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 5,3% | 94,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 30,8% ^a | 52,2% ^b | 50,3% |
| | | % do Total | 2,7% | 47,7% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 24,0% | 76,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 23,1% ^a | 6,9% ^b | 8,3% |
| | | % do Total | 2,0% | 6,3% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 55,6% | 44,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 19,2% ^a | 1,5% ^b | 3,0% |
| | | % do Total | 1,7% | 1,3% | 3,0% |
| | Total | % dentro de Habilitações Literárias | 8,7% | 91,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 8,7% | 91,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento do ano da fundação - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 28: Habilitações Literárias * Consulta do site - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Consulta do site - Institutos | | Total | |
|-------------------------|-------------------|-------------------------------------|---|--------------------|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | | |
| Habilitações Literárias | | % dentro de Habilitações Literárias | 17,4% | 82,6% | 100,0% | |
| | Ensino Secundário | | % dentro de Consulta do site - Institutos | 29,4% ^a | 40,9% ^a | 38,3% |
| | | | % do Total | 6,7% | 31,7% | 38,3% |
| | | | % dentro de Habilitações Literárias | 23,8% | 76,2% | 100,0% |
| | Licenciatura | | % dentro de Consulta do site - Institutos | 52,9% ^a | 49,6% ^a | 50,3% |
| | | | % do Total | 12,0% | 38,3% | 50,3% |
| | | | % dentro de Habilitações Literárias | 32,0% | 68,0% | 100,0% |
| | Mestrado | | % dentro de Consulta do site - Institutos | 11,8% ^a | 7,3% ^a | 8,3% |
| | | | % do Total | 2,7% | 5,7% | 8,3% |
| | | | % dentro de Habilitações Literárias | 44,4% | 55,6% | 100,0% |
| | Doutoramento | | % dentro de Consulta do site - Institutos | 5,9% ^a | 2,2% ^a | 3,0% |
| | | | % do Total | 1,3% | 1,7% | 3,0% |
| | | | % dentro de Habilitações Literárias | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | Total | | % dentro de Consulta do site - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | | % do Total | 22,7% | 77,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Consulta do site - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 29: Habilitações Literárias * Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

Tabulação cruzada

| | | | Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro. H. Literárias | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 38,3% ^a | 38,4% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 18,0% | 20,3% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 47,7% | 52,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 51,1% ^a | 49,7% ^a | 50,3% |
| | | % do Total | 24,0% | 26,3% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 40,0% | 60,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 7,1% ^a | 9,4% ^a | 8,3% |
| | | % do Total | 3,3% | 5,0% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 55,6% | 44,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 3,5% ^a | 2,5% ^a | 3,0% |
| | | % do Total | 1,7% | 1,3% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 47,0% | 53,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 30: Habilitações Literárias * Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | | Total | |
|-------------------------|--|--|---------------------|---------------------|-------|
| | | Sim | Não | | |
| Habilitações Literárias | % dentro H. Literárias | 8,7% | 91,3% | 100,0% | |
| | % dentro de | | | | |
| | Ensino Secundário | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 34,5% ^{oa} | 38,7% ^{oa} | 38,3% |
| | % do Total | 3,3% | 35,0% | 38,3% | |
| | % dentro H. Literárias | 7,9% | 92,1% | 100,0% | |
| | % dentro de | | | | |
| | Licenciatura | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 41,4% ^{oa} | 51,3% ^{oa} | 50,3% |
| | % do Total | 4,0% | 46,3% | 50,3% | |
| | % dentro H. Literárias | 16,0% | 84,0% | 100,0% | |
| | % dentro de | | | | |
| | Mestrado | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 13,8% ^{oa} | 7,7% ^{oa} | 8,3% |
| | % do Total | 1,3% | 7,0% | 8,3% | |
| | % dentro H. Literárias | 33,3% | 66,7% | 100,0% | |
| | % dentro de | | | | |
| Doutoramento | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 10,3% ^{oa} | 2,2% ^{ob} | 3,0% | |
| % do Total | 1,0% | 2,0% | 3,0% | | |
| % dentro H. Literárias | 9,7% | 90,3% | 100,0% | | |
| % dentro de | | | | | |
| Total | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% | |
| % do Total | | 9,7% | 90,3% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 31: Habilitações Literárias * Conhecimento de algum membro - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento de algum membro - Institutos | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro de Habilitações Literárias | 18,3% | 81,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 30,9% _a | 40,5% _a | 38,3% |
| | | % do Total | 7,0% | 31,3% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 21,2% | 78,8% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 47,1% _a | 51,3% _a | 50,3% |
| | | % do Total | 10,7% | 39,7% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 36,0% | 64,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 13,2% _a | 6,9% _a | 8,3% |
| | | % do Total | 3,0% | 5,3% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 66,7% | 33,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 8,8% _a | 1,3% _b | 3,0% |
| | | % do Total | 2,0% | 1,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro de Habilitações Literárias | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| % do Total | | 22,7% | 77,3% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento de algum membro - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 32: Habilitações Literárias * Conhecimento das actividades - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento das actividades - Institutos | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro de Habilitações Literárias | 25,2% | 74,8% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento das actividades - Institutos | 32,6% ^a | 40,8% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 9,7% | 28,7% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 27,8% | 72,2% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento das actividades - Institutos | 47,2% ^a | 51,7% ^a | 50,3% |
| | | % do Total | 14,0% | 36,3% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 52,0% | 48,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento das actividades - Institutos | 14,6% ^a | 5,7% ^b | 8,3% |
| | | % do Total | 4,3% | 4,0% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 55,6% | 44,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento das actividades - Institutos | 5,6% ^a | 1,9% ^a | 3,0% |
| | | % do Total | 1,7% | 1,3% | 3,0% |
| | Total | % dentro de Habilitações Literárias | 29,7% | 70,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento das actividades - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| % do Total | | 29,7% | 70,3% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento das actividades - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 33: Habilitações Literárias * Conhecimento da atribuição da Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro H. Literárias | 7,0% | 93,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito – IC P. Delgada | 27,6% ^a | 39,5% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 2,7% | 35,7% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 7,9% | 92,1% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito – IC P. Delgada | 41,4% ^a | 51,3% ^a | 50,3% |
| | | % do Total | 4,0% | 46,3% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 24,0% | 76,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito – IC P. Delgada | 20,7% ^a | 7,0% ^b | 8,3% |
| | | % do Total | 2,0% | 6,3% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 33,3% | 66,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito – IC P. Delgada | 10,3% ^a | 2,2% ^b | 3,0% |
| | | % do Total | 1,0% | 2,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 9,7% | 90,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito – IC P. Delgada | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 9,7% | 90,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 34: Habilitações Literárias * Reconhecimento do papel no desenvolvimento e promoção da cultura - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Reconhecimento do papel no desenvolvimento e promoção da cultura - Institutos | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro H. Literárias | 62,6% | 37,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Reconhecimento do papel no desenvolv. e promoção da cultura - I | 40,4% _a | 35,2% _a | 38,3% |
| | | % do Total | 24,0% | 14,3% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 55,0% | 45,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Reconhecimento do papel no desenvolv. e promoção da cultura - I | 46,6% _a | 55,7% _a | 50,3% |
| | | % do Total | 27,7% | 22,7% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 68,0% | 32,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Reconhecimento do papel no desenvolv. e promoção da cultura - I | 9,6% _a | 6,6% _a | 8,3% |
| | | % do Total | 5,7% | 2,7% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 66,7% | 33,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Reconhecimento do papel no desenvolv. e promoção da cultura - I | 3,4% _a | 2,5% _a | 3,0% |
| | | % do Total | 2,0% | 1,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 59,3% | 40,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Reconhecimento do papel no desenvolv. e promoção da cultura - I | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,3% | 40,7% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Reconhecimento do papel no desenvolvimento e promoção da cultura - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 35: Habilitações Literárias * Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos

Tabulação cruzada

| | | | Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | | Total |
|-------------------------|-------------------|--|--|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro H. Literárias | 19,1% | 80,9% | 100,0% |
| | | % dentro de Informado da qualidade e quant. de obras publicadas - Institutos | 30,6% _a | 40,8% _a | 38,3% |
| | | % do Total | 7,3% | 31,0% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 23,8% | 76,2% | 100,0% |
| | | % dentro de Informado da qualidade e quant. de obras publicadas - Institutos | 50,0% _a | 50,4% _a | 50,3% |
| | | % do Total | 12,0% | 38,3% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 36,0% | 64,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Informado da qualidade e quant. de obras publicadas - Institutos | 12,5% _a | 7,0% _a | 8,3% |
| | | % do Total | 3,0% | 5,3% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 55,6% | 44,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Informado da qualidade e quant. de obras publicadas - Institutos | 6,9% _a | 1,8% _b | 3,0% |
| | | % do Total | 1,7% | 1,3% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 24,0% | 76,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Informado da qualidade e quant. de obras publicadas - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 24,0% | 76,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 36: Habilitações Literárias * Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio

Tabulação cruzada

| | | | Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | | Total |
|-------------------------|-------------------|---|---|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro H. Literárias | 22,6% | 77,4% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 38,2% ^a | 38,4% ^a | 38,3% |
| | | % do Total | 8,7% | 29,7% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 17,2% | 82,8% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 38,2% ^a | 53,9% ^b | 50,3% |
| | | % do Total | 8,7% | 41,7% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 40,0% | 60,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 14,7% ^a | 6,5% ^b | 8,3% |
| | | % do Total | 3,3% | 5,0% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 66,7% | 33,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 8,8% ^a | 1,3% ^b | 3,0% |
| | | % do Total | 2,0% | 1,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 22,7% | 77,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 37: Habilitações Literárias * Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | Total | |
|-------------------------|--|--|-------------------------------------|--------------------|--------|
| | | Sim | Não | | |
| Habilitações Literárias | % dentro de Habilitações Literárias | 38,3% | 61,7% | 100,0% | |
| | Ensino Secundário | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 37,3% _a | 39,0% _a | 38,3% |
| | | % do Total | 14,7% | 23,7% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro de Habilitações Literárias | 41,7% | 58,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 53,4% _a | 48,4% _a | 50,3% |
| | | % do Total | 21,0% | 29,3% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro de Habilitações Literárias | 28,0% | 72,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 5,9% _a | 9,9% _a | 8,3% |
| | | % do Total | 2,3% | 6,0% | 8,3% |
| | | Doutoramento | % dentro de Habilitações Literárias | 44,4% | 55,6% |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | 3,4% _a | 2,7% _a | 3,0% |
| | % do Total | | 1,3% | 1,7% | 3,0% |
| | Total | % dentro de Habilitações Literárias | 39,3% | 60,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| % do Total | | 39,3% | 60,7% | 100,0% | |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 38: Habilitações Literárias * Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública

Tabulação cruzada

| | | | Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | | Total |
|-------------------------|-------------------|--|--|--------------------|--------|
| | | | Sim | Não | |
| Habilitações Literárias | Ensino Secundário | % dentro H. Literárias | 80,9% | 19,1% | 100,0% |
| | | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 38,1% _a | 39,3% _a | 38,3% |
| | | % do Total | 31,0% | 7,3% | 38,3% |
| | Licenciatura | % dentro H. Literárias | 82,8% | 17,2% | 100,0% |
| | | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 51,2% _a | 46,4% _a | 50,3% |
| | | % do Total | 41,7% | 8,7% | 50,3% |
| | Mestrado | % dentro H. Literárias | 80,0% | 20,0% | 100,0% |
| | | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 8,2% _a | 8,9% _a | 8,3% |
| | | % do Total | 6,7% | 1,7% | 8,3% |
| | Doutoramento | % dentro H. Literárias | 66,7% | 33,3% | 100,0% |
| | | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 2,5% _a | 5,4% _a | 3,0% |
| | | % do Total | 2,0% | 1,0% | 3,0% |
| | Total | % dentro H. Literárias | 81,3% | 18,7% | 100,0% |
| | | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | | % do Total | 81,3% | 18,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 39: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento sobre - Instituto Histórico da Ilha Terceira

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto Histórico da Ilha Terceira | | Total |
|---|---|---|-----------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| | | | | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 5 _a | 8 _b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 38,5% | 61,5% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HITERceira | 2,2% | 11,1% | 4,3% |
| | % do Total | 1,7% | 2,7% | 4,3% |
| | Contagem | 223 _a | 64 _b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 77,7% | 22,3% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HITERceira | 97,8% | 88,9% | 95,7% |
| | % do Total | 74,3% | 21,3% | 95,7% |
| Total | Contagem | 228 | 72 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 76,0% | 24,0% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto HITERceira | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 76,0% | 24,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto Histórico da Ilha Terceira categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 40: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento sobre - Instituto Cultural de Ponta Delgada

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto Cultural de Ponta Delgada | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 4 _a | 9 _a | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 30,8% | 69,2% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 2,8% | 5,8% | 4,3% |
| | % do Total | 1,3% | 3,0% | 4,3% |
| | Contagem | 141 _a | 146 _a | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 49,1% | 50,9% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 97,2% | 94,2% | 95,7% |
| | % do Total | 47,0% | 48,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 145 | 155 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 48,3% | 51,7% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto CPDelgada | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 48,3% | 51,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto Cultural de Ponta Delgada categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 41: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento sobre – Núcleo Cultural da Horta

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto Núcleo Cultural da Horta | | Total |
|--|---|--|-----------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 5 _a | 8 _b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 38,5% | 61,5% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 2,1% | 13,1% | 4,3% |
| | % do Total | 1,7% | 2,7% | 4,3% |
| | Contagem | 234 _a | 53 _b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 81,5% | 18,5% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 97,9% | 86,9% | 95,7% |
| | % do Total | 78,0% | 17,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 239 | 61 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 79,7% | 20,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto NCHorta | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 79,7% | 20,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto Núcleo Cultural da Horta categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 42: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento sobre - Instituto Açoriano da Cultura

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento sobre - Instituto Açoriano da Cultura | | Total |
|---|---|--|------------------|--------|
| | | Não | Sim | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 1 _a | 12 _b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 7,7% | 92,3% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 0,6% | 9,8% | 4,3% |
| | % do Total | 0,3% | 4,0% | 4,3% |
| | Contagem | 176 _a | 111 _b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 61,3% | 38,7% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 99,4% | 90,2% | 95,7% |
| | % do Total | 58,7% | 37,0% | 95,7% |
| Total | Contagem | 177 | 123 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 59,0% | 41,0% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento sobre - Instituto ACultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,0% | 41,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento sobre - Instituto Açoriano da Cultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 43: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento do ano da fundação - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento do ano da fundação - Institutos | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 12 ^a | 1 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 92,3% | 7,7% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 46,2% | 0,4% | 4,3% |
| | % do Total | 4,0% | 0,3% | 4,3% |
| | Contagem | 14 ^a | 273 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 4,9% | 95,1% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 53,8% | 99,6% | 95,7% |
| | % do Total | 4,7% | 91,0% | 95,7% |
| Total | Contagem | 26 | 274 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 8,7% | 91,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento do ano da fundação - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 8,7% | 91,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento do ano da fundação - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 44: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Consulta do site - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Consulta do site - Institutos | | Total |
|---|---|-------------------------------|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 11 ^a | 2 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 84,6% | 15,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Consulta do site - Institutos | 16,2% | 0,9% | 4,3% |
| | % do Total | 3,7% | 0,7% | 4,3% |
| | Contagem | 57 ^a | 230 ^b | 287 |
| Não | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 19,9% | 80,1% | 100,0% |
| | % dentro de Consulta do site - Institutos | 83,8% | 99,1% | 95,7% |
| | % do Total | 19,0% | 76,7% | 95,7% |
| | Contagem | 68 | 232 | 300 |
| Total | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | % dentro de Consulta do site - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 22,7% | 77,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Consulta do site - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 45: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

Tabulação cruzada

| | | Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | | Total |
|---|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 7 _a | 6 _a | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 53,8% | 46,2% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 5,0% | 3,8% | 4,3% |
| | % do Total | 2,3% | 2,0% | 4,3% |
| | Contagem | 134 _a | 153 _a | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 46,7% | 53,3% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 95,0% | 96,2% | 95,7% |
| | % do Total | 44,7% | 51,0% | 95,7% |
| Total | Contagem | 141 | 159 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 47,0% | 53,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 46: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 11 ^a | 2 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 84,6% | 15,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 37,9% | 0,7% | 4,3% |
| | % do Total | 3,7% | 0,7% | 4,3% |
| | Contagem | 18 ^a | 269 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 6,3% | 93,7% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 62,1% | 99,3% | 95,7% |
| | % do Total | 6,0% | 89,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 29 | 271 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 9,7% | 90,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 9,7% | 90,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento dos estatutos pelos quais se regem - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 47: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento de algum membro - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento de algum membro - Institutos | | Total |
|---|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 11 ^a | 2 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 84,6% | 15,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 16,2% | 0,9% | 4,3% |
| | % do Total | 3,7% | 0,7% | 4,3% |
| | Contagem | 57 ^a | 230 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 19,9% | 80,1% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 83,8% | 99,1% | 95,7% |
| | % do Total | 19,0% | 76,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 68 | 232 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento de algum membro - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 22,7% | 77,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento de algum membro - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 48: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento das atividades - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento das atividades - Institutos | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 12 ^a | 1 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 92,3% | 7,7% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento das atividades - Institutos | 13,5% | 0,5% | 4,3% |
| | % do Total | 4,0% | 0,3% | 4,3% |
| | Contagem | 77 ^a | 210 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 26,8% | 73,2% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento das atividades - Institutos | 86,5% | 99,5% | 95,7% |
| | % do Total | 25,7% | 70,0% | 95,7% |
| Total | Contagem | 89 | 211 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 29,7% | 70,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento das atividades - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 29,7% | 70,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento das atividades - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 49: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural de Ponta Delgada

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural de Ponta Delgada | | Total |
|---|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 5 ^a | 8 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 38,5% | 61,5% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada | 17,2% | 3,0% | 4,3% |
| | % do Total | 1,7% | 2,7% | 4,3% |
| | Contagem | 24 ^a | 263 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 8,4% | 91,6% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada | 82,8% | 97,0% | 95,7% |
| | % do Total | 8,0% | 87,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 29 | 271 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 9,7% | 90,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 9,7% | 90,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento atribuição Medalha de Mérito - Instituto Cultural P. Delgada categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 50: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura

Tabulação cruzada

| | | Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | | Total |
|---|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 9 _a | 4 _a | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 69,2% | 30,8% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 5,1% | 3,3% | 4,3% |
| | % do Total | 3,0% | 1,3% | 4,3% |
| | Contagem | 169 _a | 118 _a | 287 |
| Total | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 58,9% | 41,1% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 94,9% | 96,7% | 95,7% |
| | % do Total | 56,3% | 39,3% | 95,7% |
| | Contagem | 178 | 122 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 59,3% | 40,7% | 100,0% |
| Total | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,3% | 40,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 51: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 12 _a | 1 _b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 92,3% | 7,7% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | 16,7% | 0,4% | 4,3% |
| | % do Total | 4,0% | 0,3% | 4,3% |
| | Contagem | 60 _a | 227 _b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 20,9% | 79,1% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | 83,3% | 99,6% | 95,7% |
| | % do Total | 20,0% | 75,7% | 95,7% |
| Total | Contagem | 72 | 228 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 24,0% | 76,0% | 100,0% |
| | % dentro de Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 24,0% | 76,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Informado da qualidade e quantidade de obras publicadas - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 52: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio

Tabulação cruzada

| | | Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | | Total |
|---|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 13 ^a | 0 ^b | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 100,0% | 0,0% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 19,1% | 0,0% | 4,3% |
| | % do Total | 4,3% | 0,0% | 4,3% |
| | Contagem | 55 ^a | 232 ^b | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 19,2% | 80,8% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 80,9% | 100,0% | 95,7% |
| | % do Total | 18,3% | 77,3% | 95,7% |
| Total | Contagem | 68 | 232 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 22,7% | 77,3% | 100,0% |
| | % dentro de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 22,7% | 77,3% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 53: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | Total |
|---|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 7 _a | 6 _a | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 53,8% | 46,2% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 5,9% | 3,3% | 4,3% |
| | % do Total | 2,3% | 2,0% | 4,3% |
| | Contagem | 111 _a | 176 _a | 287 |
| Total | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 38,7% | 61,3% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 94,1% | 96,7% | 95,7% |
| | % do Total | 37,0% | 58,7% | 95,7% |
| | Contagem | 118 | 182 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 39,3% | 60,7% | 100,0% |
| Total | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 39,3% | 60,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 54: Já foi ou é membro de algum - Instituto * Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública

Tabulação cruzada

| | | Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | | Total |
|---|--|--|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Já foi ou é membro de algum - Instituto | Contagem | 11 ^a | 2 ^a | 13 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 84,6% | 15,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 4,5% | 3,6% | 4,3% |
| | % do Total | 3,7% | 0,7% | 4,3% |
| | Contagem | 233 ^a | 54 ^a | 287 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 81,2% | 18,8% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 95,5% | 96,4% | 95,7% |
| | % do Total | 77,7% | 18,0% | 95,7% |
| Total | Contagem | 244 | 56 | 300 |
| | % dentro de Já foi ou é membro de algum - Instituto | 81,3% | 18,7% | 100,0% |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 81,3% | 18,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 55: Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura *
Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública

Tabulação cruzada

| | | Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | | Total |
|---|---|--|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | Contagem | 162 _a | 16 _b | 178 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 91,0% | 9,0% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 66,4% | 28,6% | 59,3% |
| | % do Total | 54,0% | 5,3% | 59,3% |
| | Contagem | 82 _a | 40 _b | 122 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 67,2% | 32,8% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 33,6% | 71,4% | 40,7% |
| | % do Total | 27,3% | 13,3% | 40,7% |
| Total | Contagem | 244 | 56 | 300 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 81,3% | 18,7% | 100,0% |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 81,3% | 18,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 56: Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura * Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

Tabulação cruzada

| | | Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | | Total |
|---|---|---|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | Contagem | 84 _a | 94 _a | 178 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 47,2% | 52,8% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Visão dos Inst culturais açorianos como um foco cultural elitista | 59,6% | 59,1% | 59,3% |
| | % do Total | 28,0% | 31,3% | 59,3% |
| | Contagem | 57 _a | 65 _a | 122 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 46,7% | 53,3% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Visão dos Inst culturais açorianos como um foco cultural elitista | 40,4% | 40,9% | 40,7% |
| | % do Total | 19,0% | 21,7% | 40,7% |
| Total | Contagem | 141 | 159 | 300 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | % dentro de Visão dos Inst culturais açorianos como um foco cultural elitista | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 47,0% | 53,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 57: Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura *

Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | Total |
|---|---|--|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | Contagem | 93 ^a | 85 ^b | 178 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 52,2% | 47,8% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 78,8% | 46,7% | 59,3% |
| | % do Total | 31,0% | 28,3% | 59,3% |
| | Contagem | 25 ^a | 97 ^b | 122 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 20,5% | 79,5% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 21,2% | 53,3% | 40,7% |
| | % do Total | 8,3% | 32,3% | 40,7% |
| Total | Contagem | 118 | 182 | 300 |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 39,3% | 60,7% | 100,0% |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 39,3% | 60,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 58: Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública * Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

Tabulação cruzada

| | | Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | | Total |
|--|--|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | Contagem | 114 _a | 130 _a | 244 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 46,7% | 53,3% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 80,9% | 81,8% | 81,3% |
| | % do Total | 38,0% | 43,3% | 81,3% |
| | Contagem | 27 _a | 29 _a | 56 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 48,2% | 51,8% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 19,1% | 18,2% | 18,7% |
| | % do Total | 9,0% | 9,7% | 18,7% |
| Total | Contagem | 141 | 159 | 300 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 47,0% | 53,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 59: Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública *
Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura

Tabulação cruzada

| | | Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | | Total |
|--|---|---|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | Contagem | 162 _a | 82 _b | 244 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 66,4% | 33,6% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 91,0% | 67,2% | 81,3% |
| | % do Total | 54,0% | 27,3% | 81,3% |
| | Contagem | 16 _a | 40 _b | 56 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 28,6% | 71,4% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 9,0% | 32,8% | 18,7% |
| | % do Total | 5,3% | 13,3% | 18,7% |
| Total | Contagem | 178 | 122 | 300 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 59,3% | 40,7% | 100,0% |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,3% | 40,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 60: Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública * Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | Total |
|--|--|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | Contagem | 116 ^a | 128 ^b | 244 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 47,5% | 52,5% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 98,3% | 70,3% | 81,3% |
| | % do Total | 38,7% | 42,7% | 81,3% |
| | Contagem | 2 ^a | 54 ^b | 56 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 3,6% | 96,4% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 1,7% | 29,7% | 18,7% |
| | % do Total | 0,7% | 18,0% | 18,7% |
| Total | Contagem | 118 | 182 | 300 |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 39,3% | 60,7% | 100,0% |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 39,3% | 60,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 61: Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos * Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

Tabulação cruzada

| | | Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | | Total |
|--|---|---|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | Contagem | 60 _a | 58 _a | 118 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 50,8% | 49,2% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 42,6% | 36,5% | 39,3% |
| | % do Total | 20,0% | 19,3% | 39,3% |
| | Contagem | 81 _a | 101 _a | 182 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 44,5% | 55,5% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 57,4% | 63,5% | 60,7% |
| | % do Total | 27,0% | 33,7% | 60,7% |
| Total | Contagem | 141 | 159 | 300 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 47,0% | 53,0% | 100,0% |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 47,0% | 53,0% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 62: Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos * Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura

Tabulação cruzada

| | | Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | | Total |
|--|---|---|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | Contagem | 93 ^a | 25 ^b | 118 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 78,8% | 21,2% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 52,2% | 20,5% | 39,3% |
| | % do Total | 31,0% | 8,3% | 39,3% |
| | Contagem | 85 ^a | 97 ^b | 182 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 46,7% | 53,3% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 47,8% | 79,5% | 60,7% |
| | % do Total | 28,3% | 32,3% | 60,7% |
| Total | Contagem | 178 | 122 | 300 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 59,3% | 40,7% | 100,0% |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,3% | 40,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 63: Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos * Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública

Tabulação cruzada

| | | Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | | Total |
|--|--|--|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | Contagem | 116 ^a | 2 ^b | 118 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 98,3% | 1,7% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 47,5% | 3,6% | 39,3% |
| | % do Total | 38,7% | 0,7% | 39,3% |
| | Contagem | 128 ^a | 54 ^b | 182 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 70,3% | 29,7% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 52,5% | 96,4% | 60,7% |
| | % do Total | 42,7% | 18,0% | 60,7% |
| Total | Contagem | 244 | 56 | 300 |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 81,3% | 18,7% | 100,0% |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 81,3% | 18,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 64: Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista * Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura **Tabulação cruzada**

| | | Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | | Total |
|---|---|---|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | Contagem | 84 _a | 57 _a | 141 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 59,6% | 40,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 47,2% | 46,7% | 47,0% |
| | % do Total | 28,0% | 19,0% | 47,0% |
| | Contagem | 94 _a | 65 _a | 159 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 59,1% | 40,9% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 52,8% | 53,3% | 53,0% |
| | % do Total | 31,3% | 21,7% | 53,0% |
| Total | Contagem | 178 | 122 | 300 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 59,3% | 40,7% | 100,0% |
| | % dentro de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 59,3% | 40,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Reconhecimento do papel dos institutos no desenvolvimento e promoção da cultura categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 65: Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista * Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos

Tabulação cruzada

| | | Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | | Total |
|---|---|--|------------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | Contagem | 60 _a | 81 _a | 141 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 42,6% | 57,4% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 50,8% | 44,5% | 47,0% |
| | % do Total | 20,0% | 27,0% | 47,0% |
| | Contagem | 58 _a | 101 _a | 159 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 36,5% | 63,5% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 49,2% | 55,5% | 53,0% |
| | % do Total | 19,3% | 33,7% | 53,0% |
| Total | Contagem | 118 | 182 | 300 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 39,3% | 60,7% | 100,0% |
| | % dentro de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 39,3% | 60,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Existência de sinergias entre a sociedade - Institutos categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

Tabela 66: Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista * Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública

Tabulação cruzada

| | | Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | | Total |
|---|--|--|-----------------|--------|
| | | Sim | Não | |
| Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | Contagem | 114 _a | 27 _a | 141 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 80,9% | 19,1% | 100,0% |
| | Sim | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 46,7% | 48,2% | 47,0% |
| | % do Total | 38,0% | 9,0% | 47,0% |
| | Contagem | 130 _a | 29 _a | 159 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 81,8% | 18,2% | 100,0% |
| | Não | | | |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 53,3% | 51,8% | 53,0% |
| | % do Total | 43,3% | 9,7% | 53,0% |
| Total | Contagem | 244 | 56 | 300 |
| | % dentro de Visão dos Institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista | 81,3% | 18,7% | 100,0% |
| | % dentro de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| | % do Total | 81,3% | 18,7% | 100,0% |

Cada letra inscrita denota um subconjunto de Relevância do papel da comunidade Intelectual dos Institutos na esfera pública categorias cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível ,05.

ANEXO 3 – Gráficos

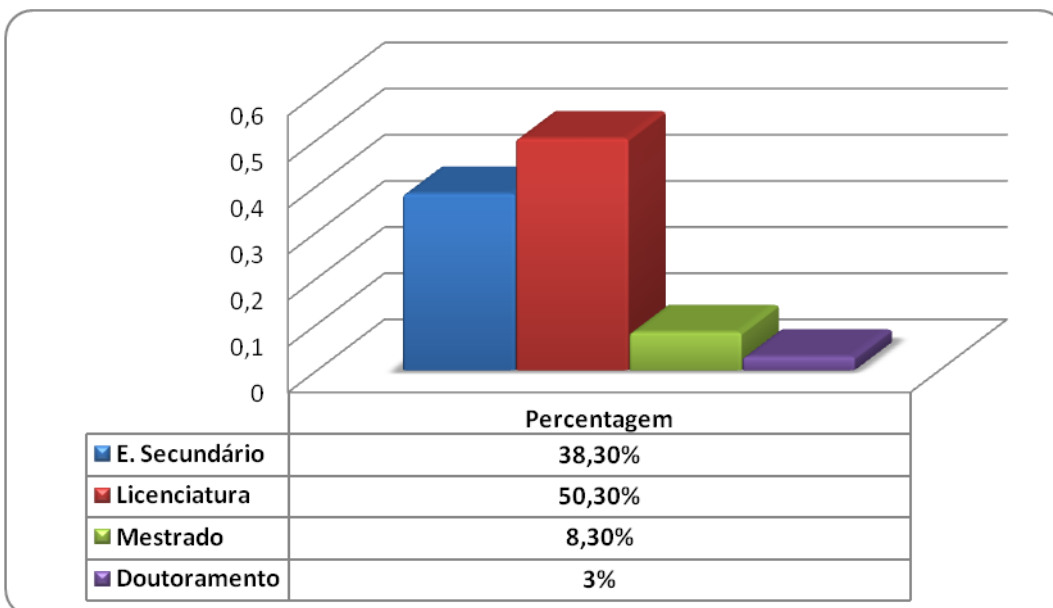


Gráfico 1: Habilitações literárias

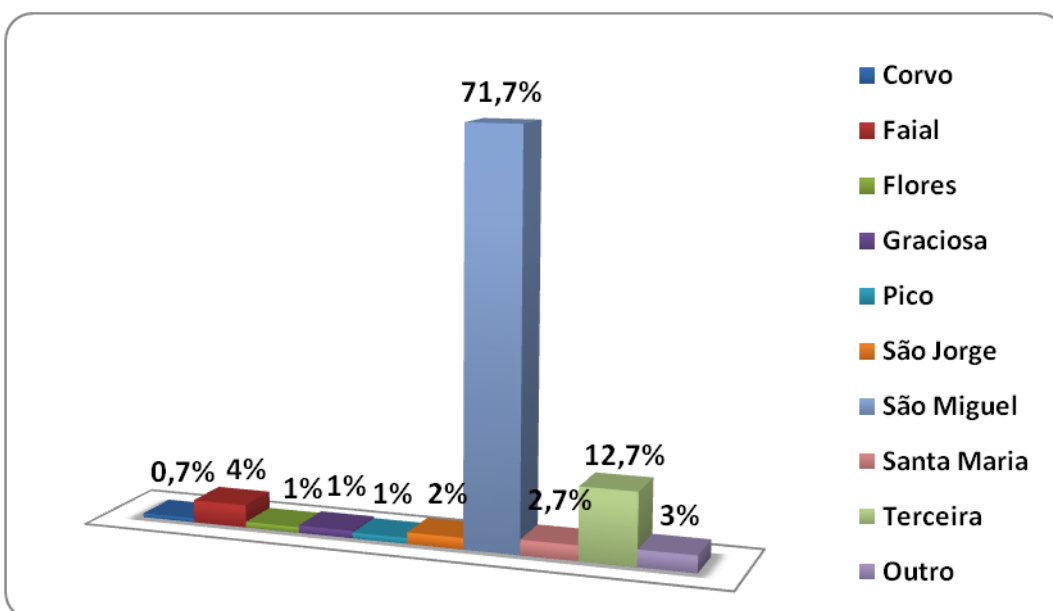


Gráfico 2: Local de residência

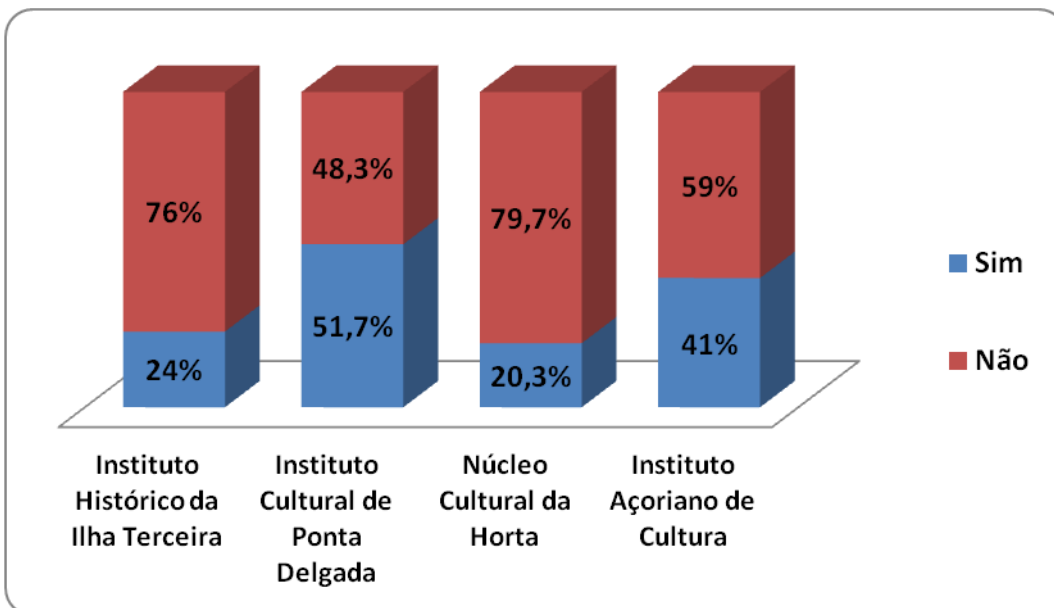


Gráfico 3: Conhecimento dos institutos culturais açorianos

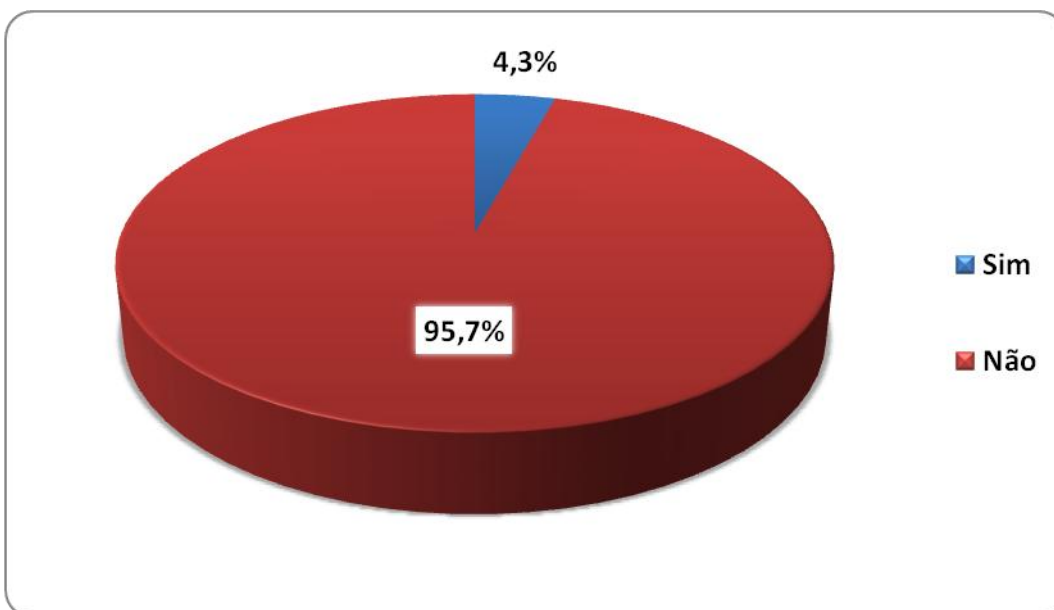


Gráfico 4: Membro (sócio) dos institutos culturais açorianos

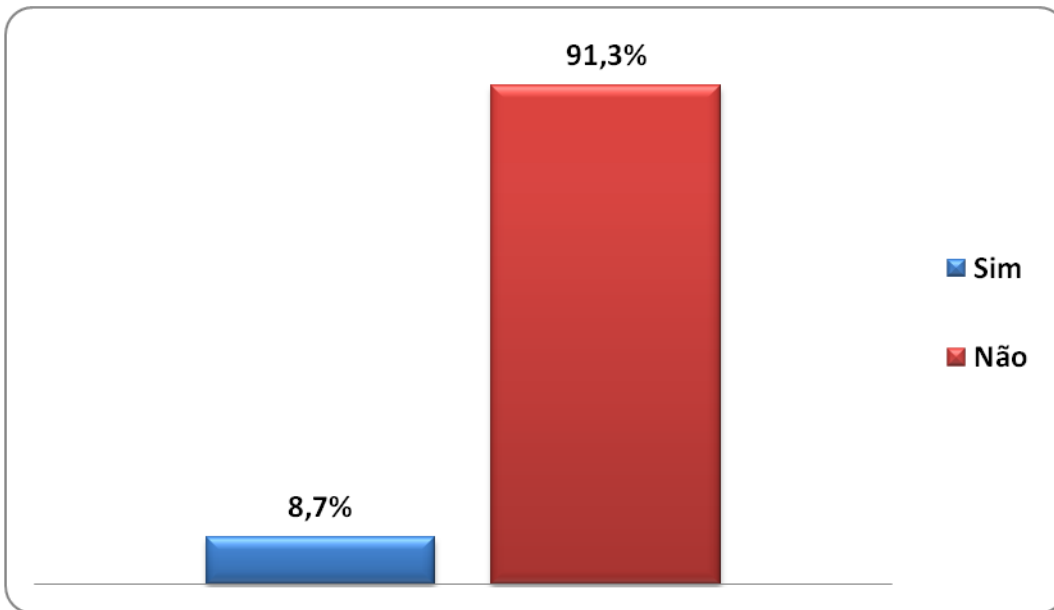


Gráfico 5: Conhecimento do ano da fundação dos institutos culturais açorianos

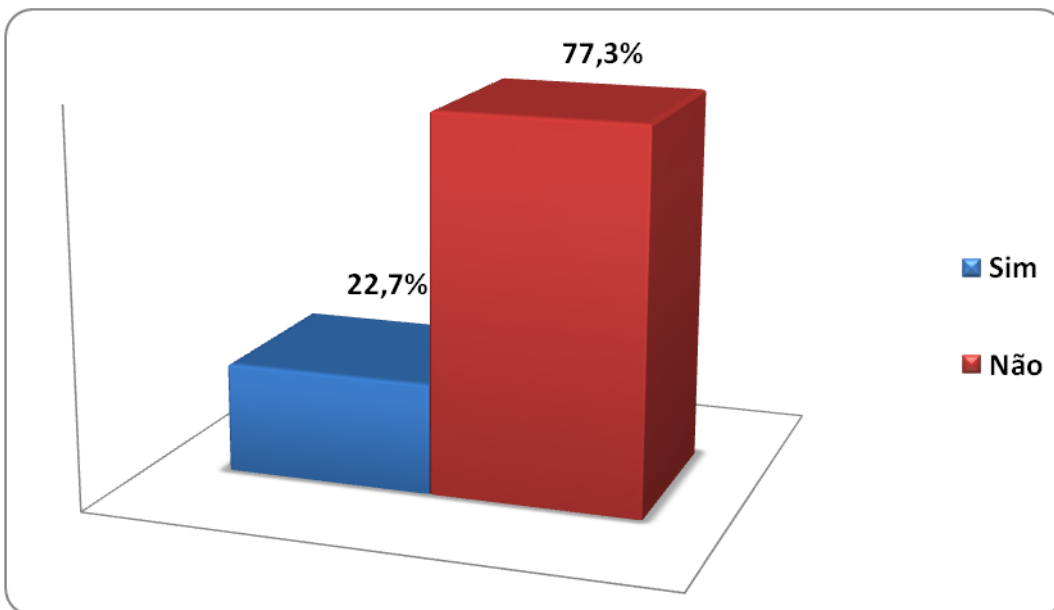


Gráfico 6: Consulta do site pertencente aos institutos culturais açorianos

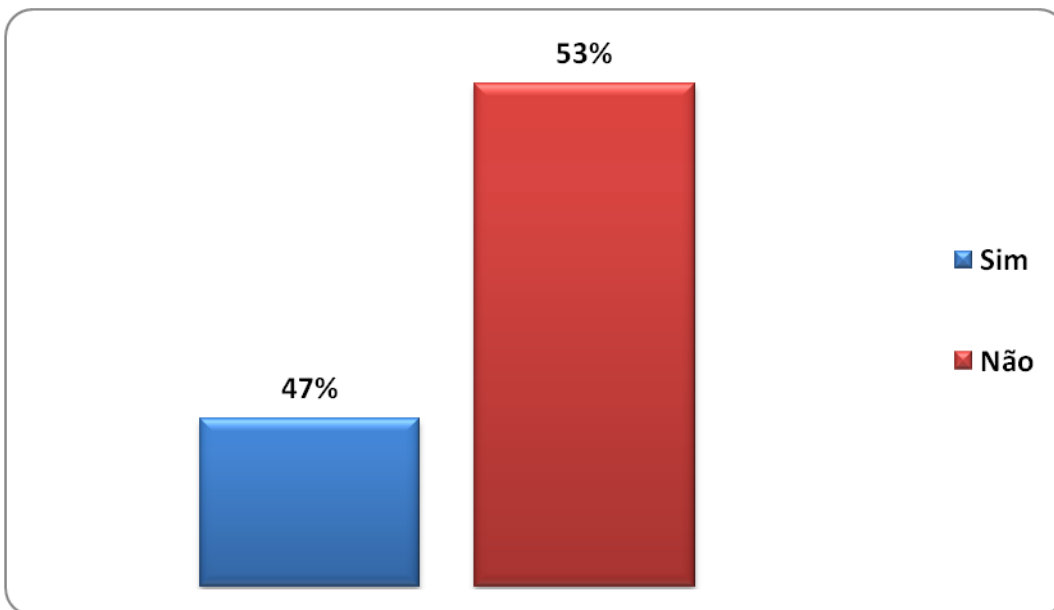


Gráfico 7: Visão dos institutos culturais açorianos como um foco cultural elitista

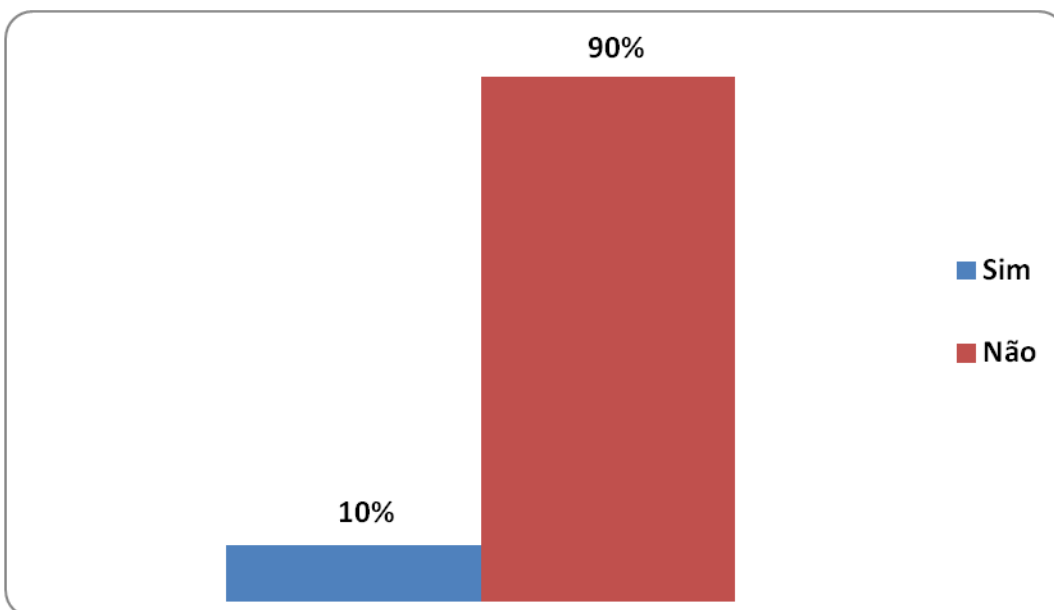


Gráfico 8: Conhecimentos dos estatutos dos institutos culturais açorianos

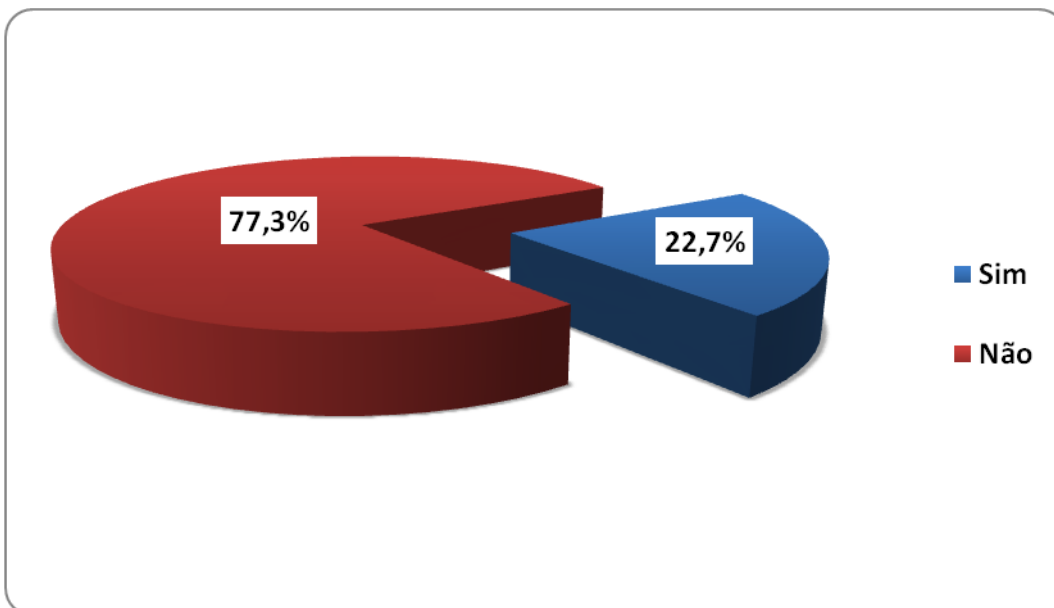


Gráfico 9: Conhecimento de um membro (sócio) dos institutos culturais açorianos

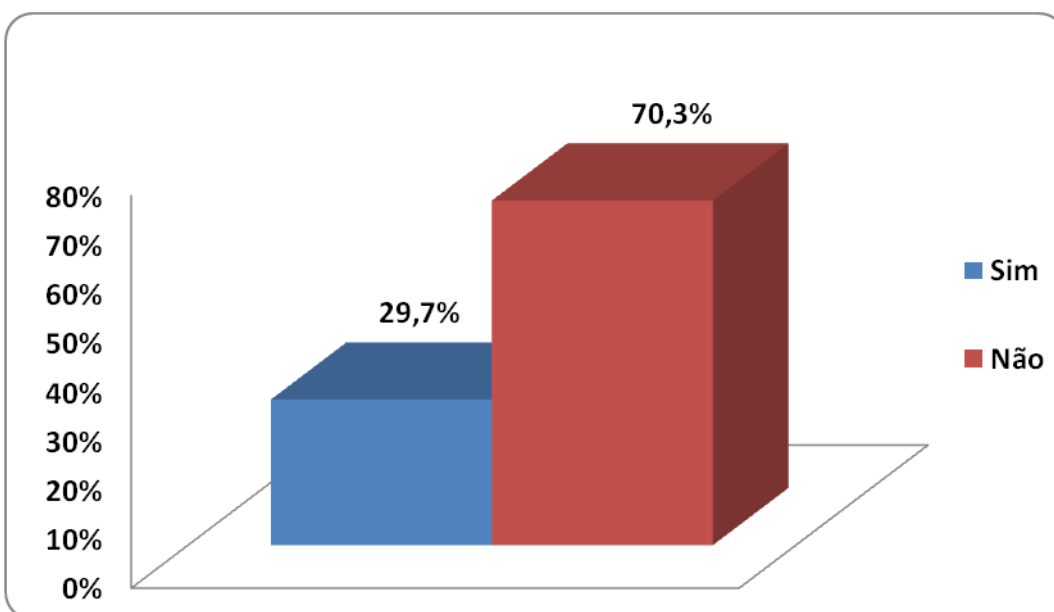


Gráfico 10: Conhecimento das actividades culturais promovidas pelos institutos Culturais açorianos

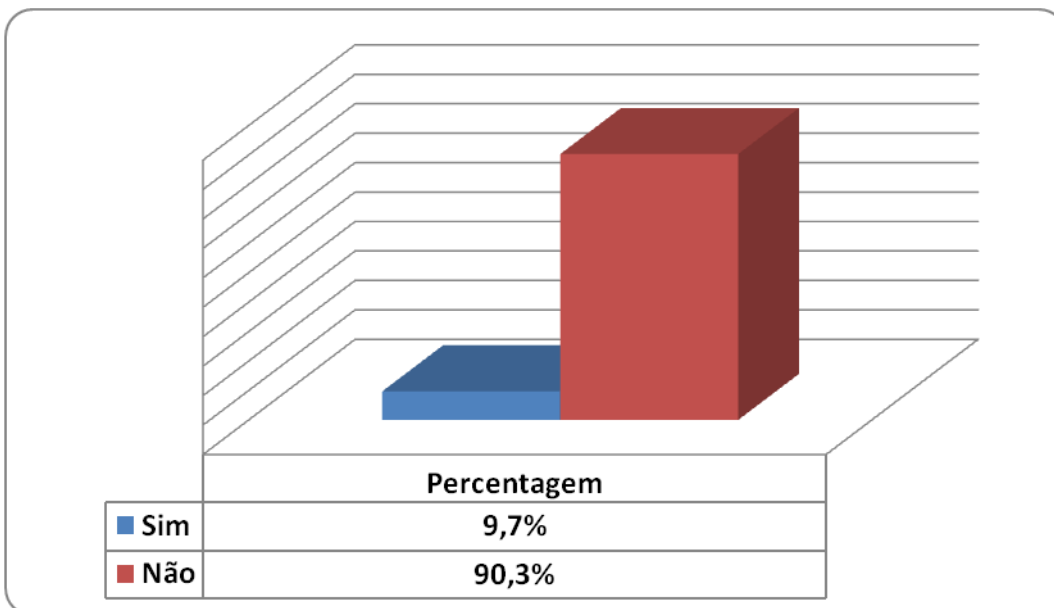


Gráfico 11: Conhecimento da atribuição da medalha de mérito pela Câmara de Ponta Delgada no Ano 2003 ao instituto cultural de Ponta Delgada

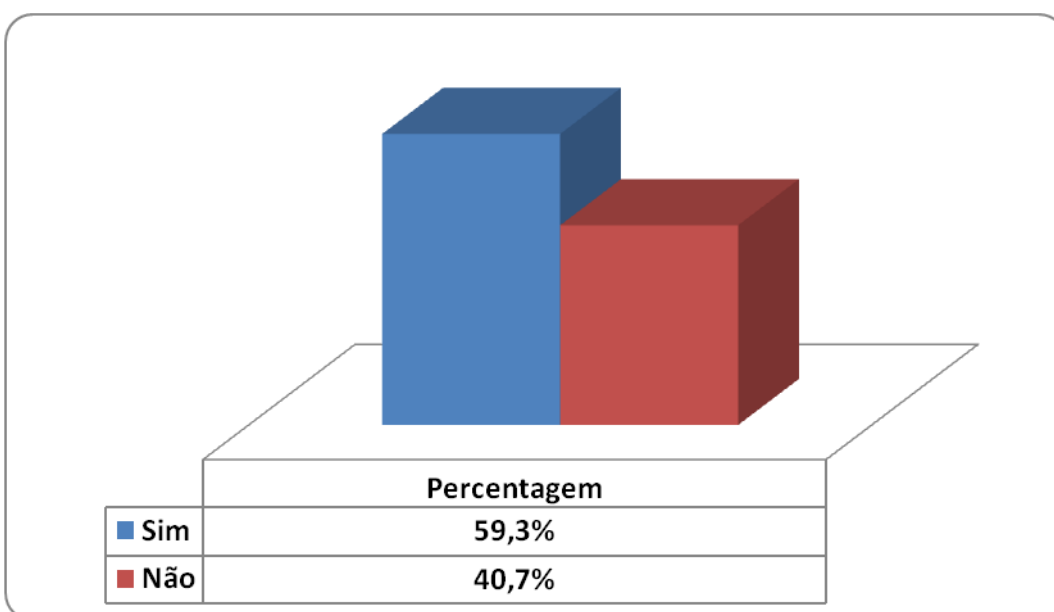


Gráfico 12: Reconhecimento aos institutos culturais açorianos, o papel no desenvolvimento e promoção da cultura, o seu contributo para a pluralidade e democratização do saber e do conhecimento

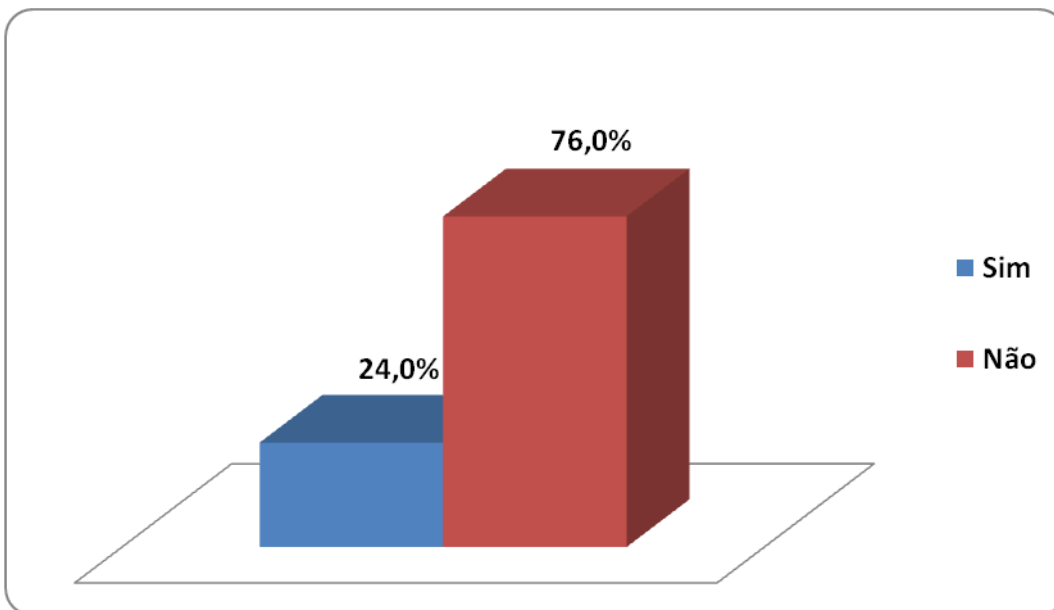


Gráfico 13: Conhecimento da qualidade ou quantidade de obras publicadas pelos institutos culturais açorianos

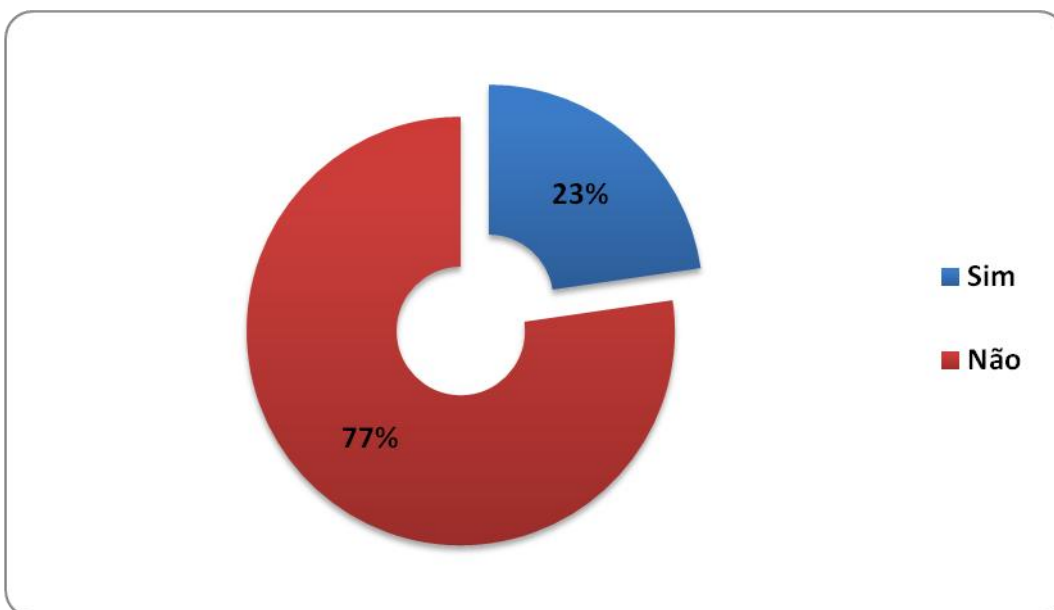


Gráfico 14: Conhecimento da possibilidade de se propor como sócio dos institutos culturais açorianos

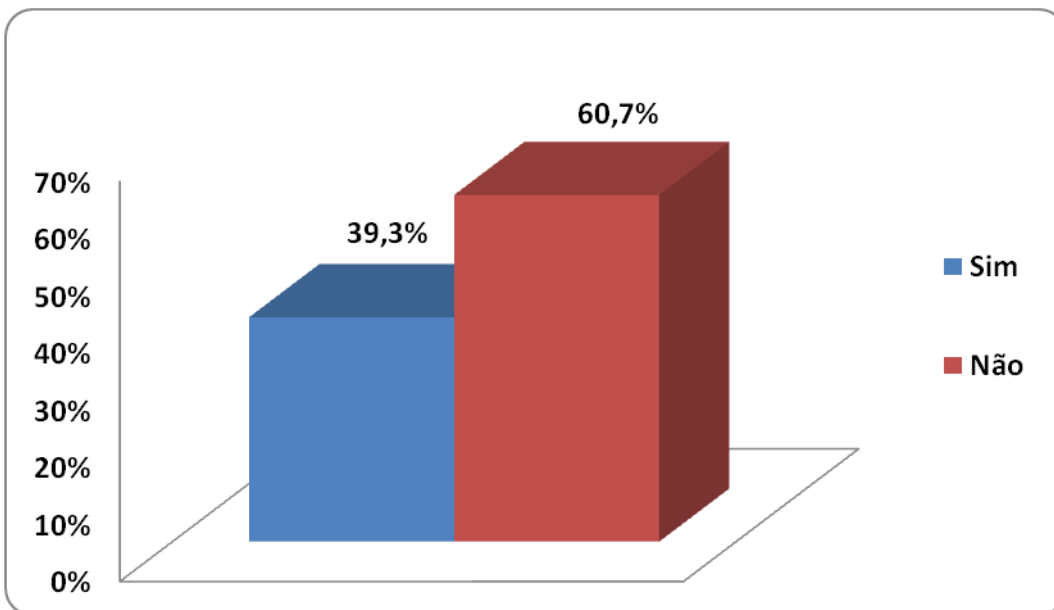


Gráfico 15: Opinião do estabelecimento de sinergias dos institutos culturais açorianos com a sociedade açoriana

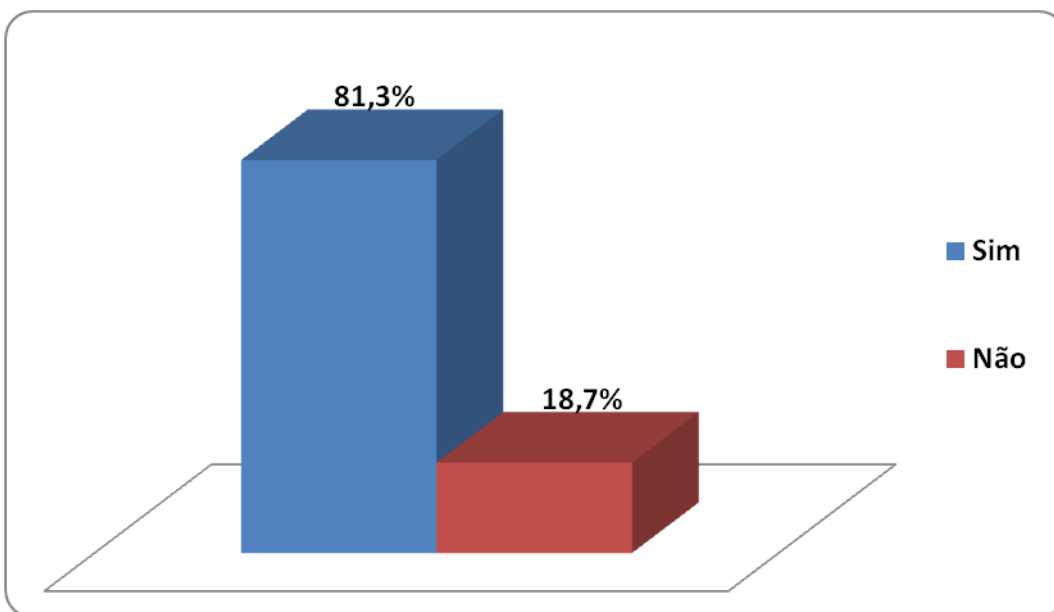


Gráfico 16: Relevância do papel da comunidade intelectual dos institutos culturais açorianos na esfera pública

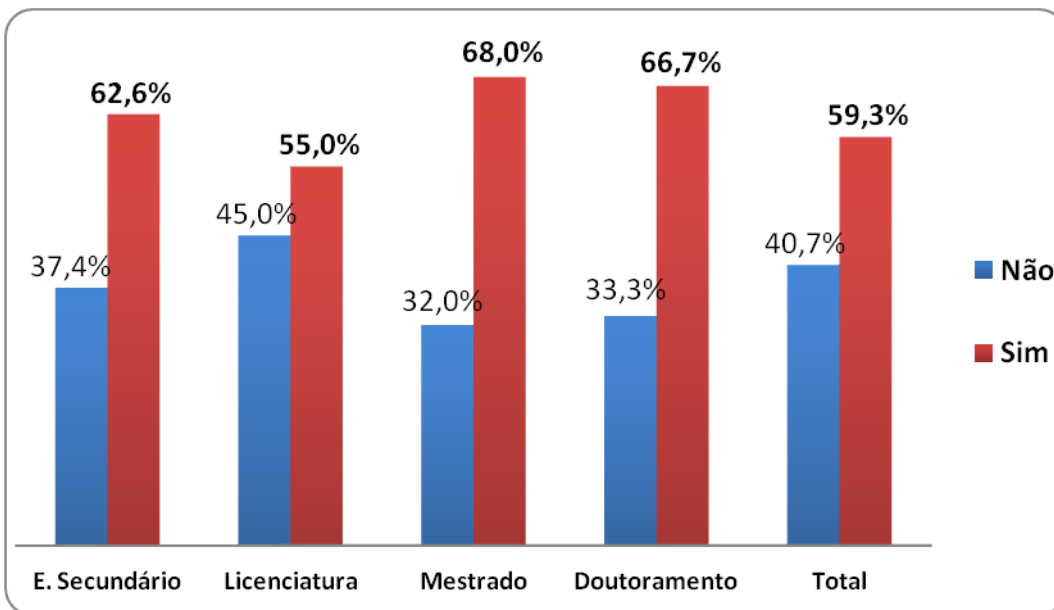


Gráfico 17: Cruzamento das habilitações literárias com o reconhecimento do papel dos institutos culturais açorianos no desenvolvimento e promoção da cultura

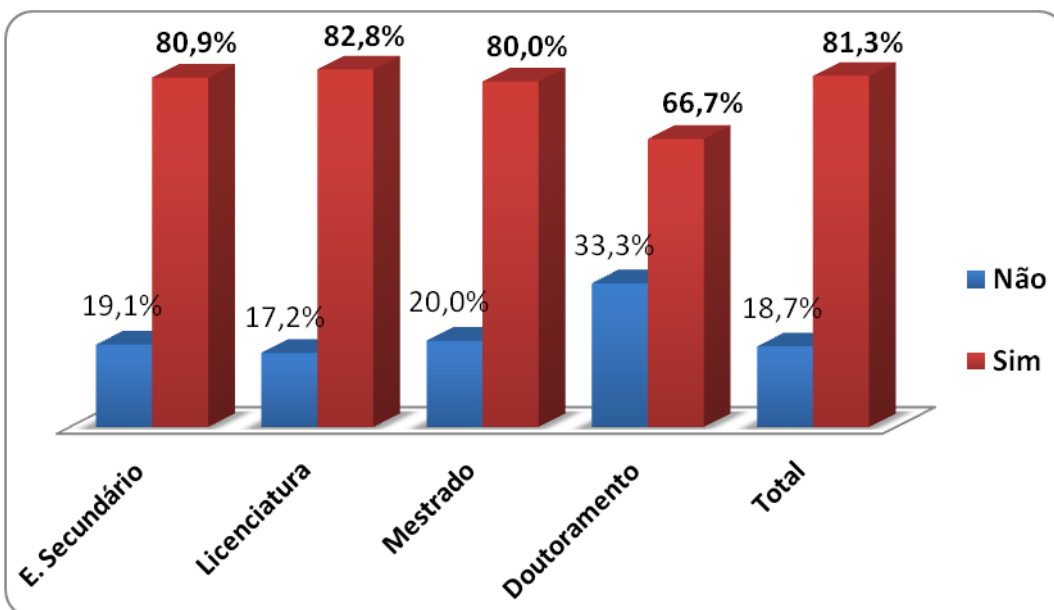


Gráfico 18: Cruzamento das habilitações com a relevância do papel da comunidade intelectual dos institutos na esfera pública

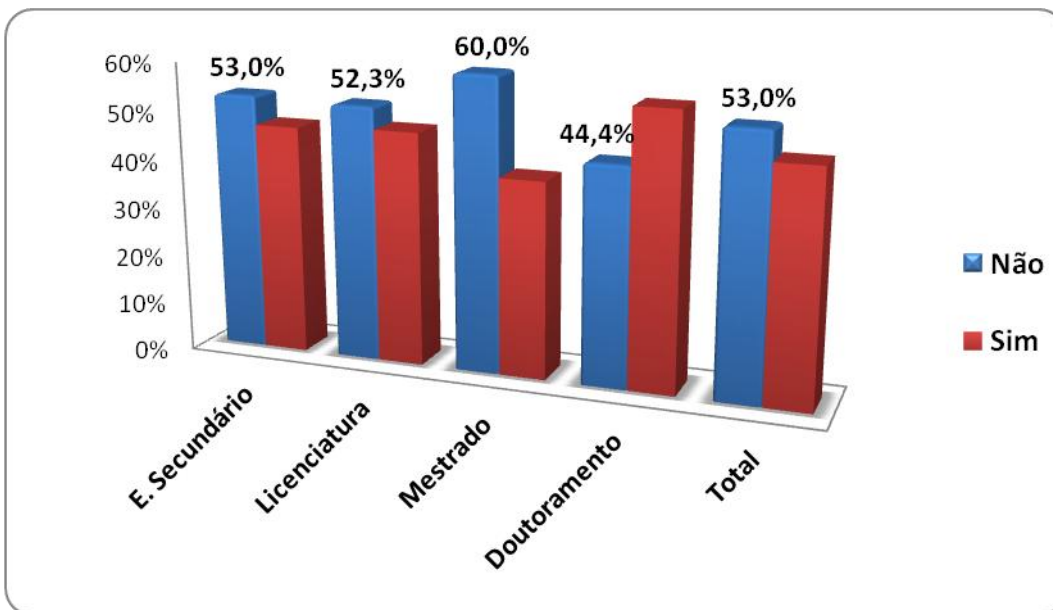


Gráfico 19: Cruzamento das habilitações literárias com a visão dos institutos como foco cultural elitista

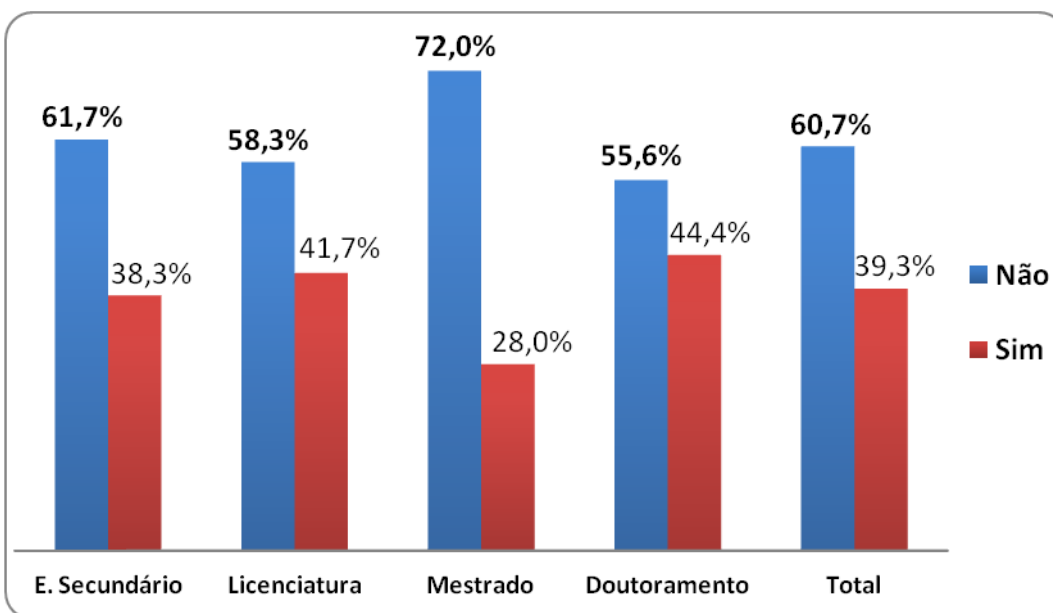


Gráfico 20: Cruzamento das habilitações literárias com a opinião do estabelecimento de sinergias dos institutos culturais açorianos com a sociedade açoriana

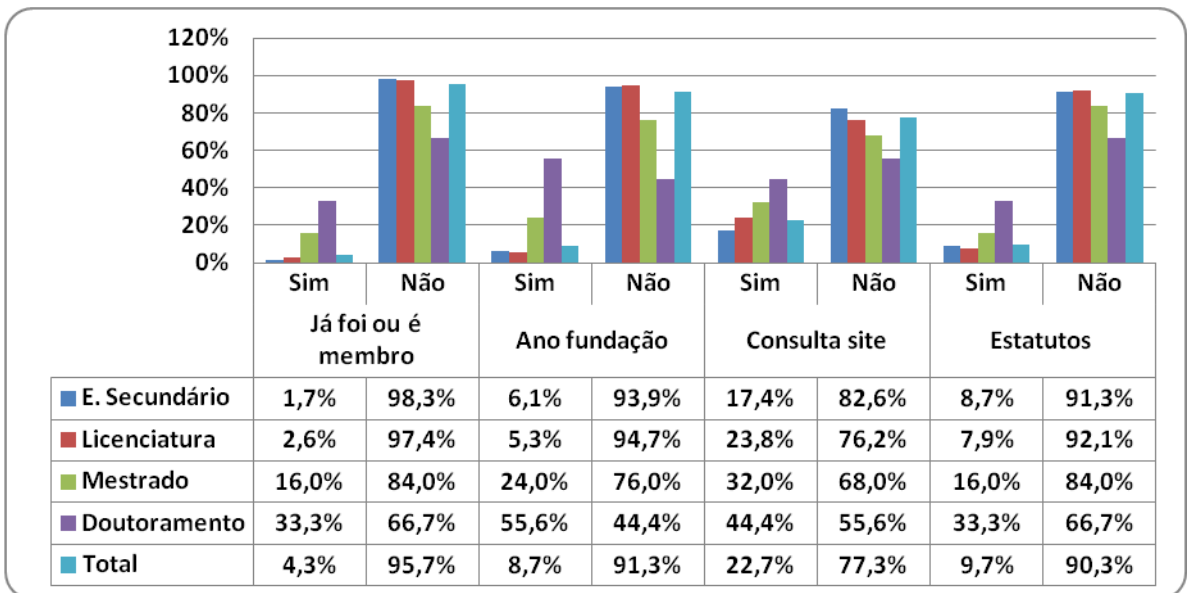


Gráfico 21 : Conhecimento sobre os institutos 1

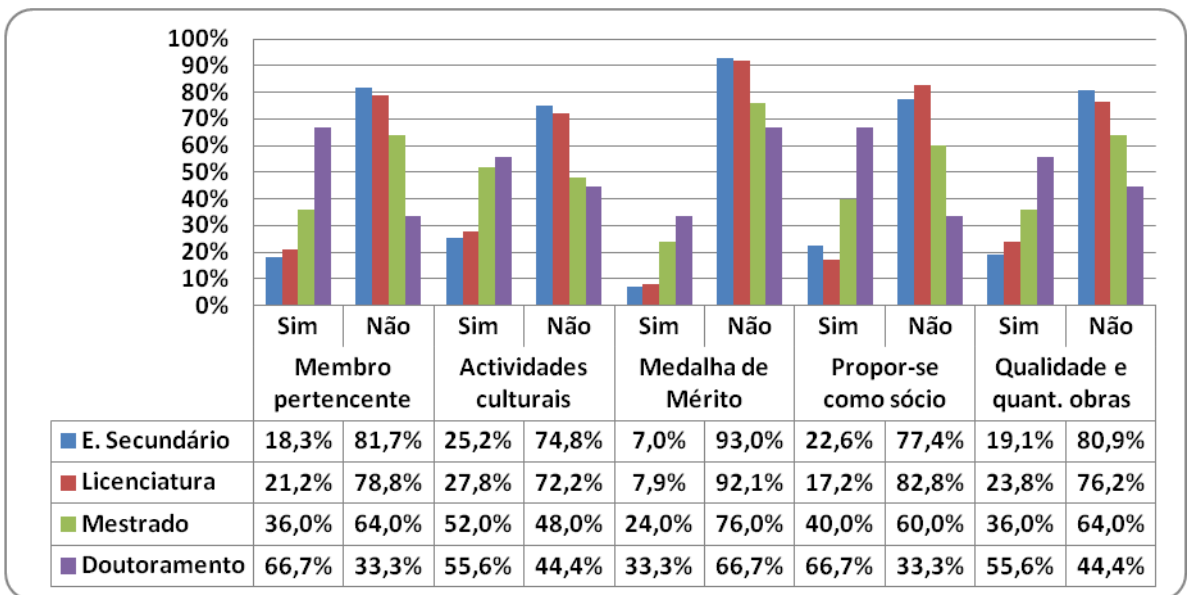


Gráfico 22: Conhecimento sobre os institutos 2

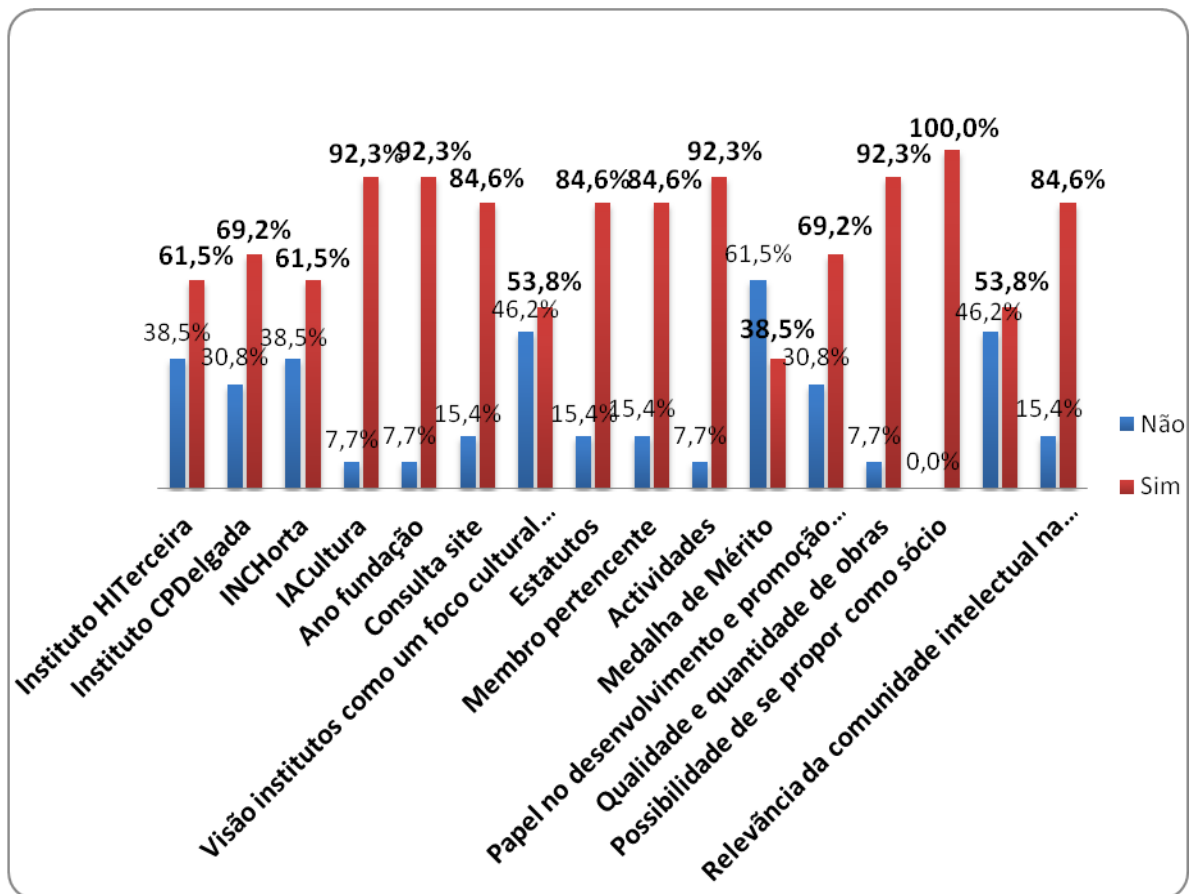


Gráfico 23: Cruzamento dos que já foram (ou são) membros (sócios) dos institutos culturais açorianos com as restantes questões

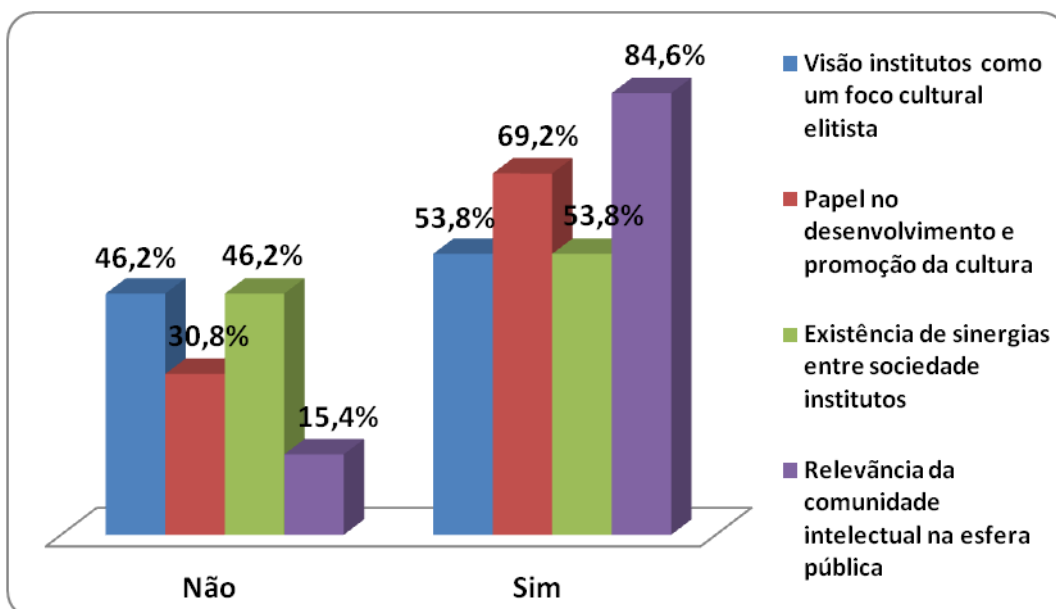


Gráfico 24: Cruzamento dos que já foram (ou são) membros (sócios) dos institutos culturais açorianos com a visão dos institutos como elitistas o seu papel na promoção da cultura, a existência de sinergias e a sua relevância na esfera pública

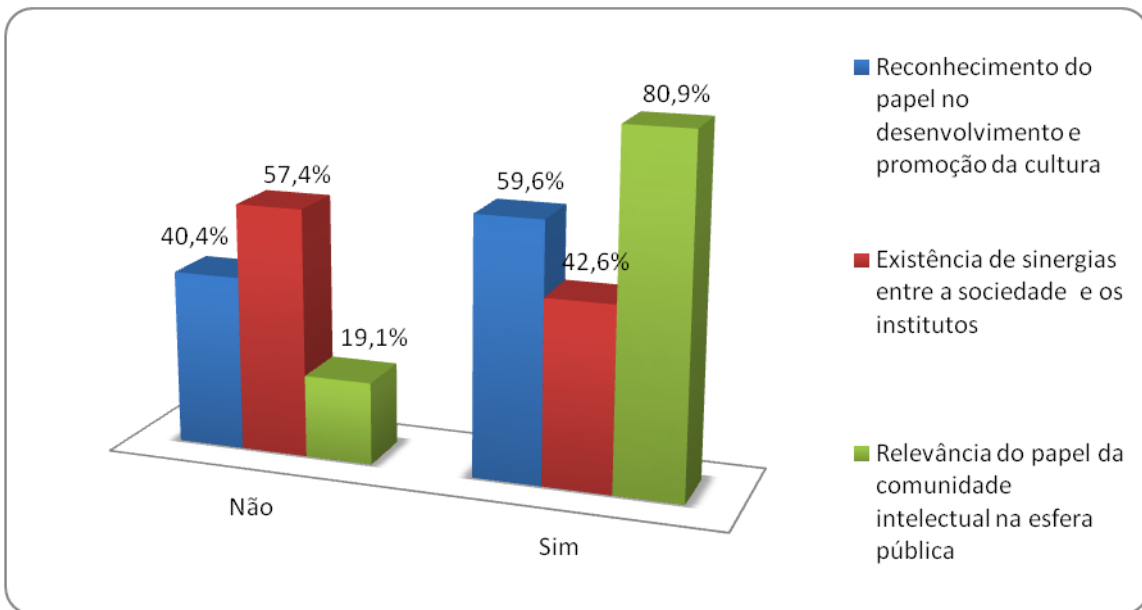


Gráfico 25: Cruzamento dos que veem os institutos culturais açorianos como foco cultural elitista com o reconhecimento do papel no desenvolvimento e promoção da cultura, a opinião do estabelecimento de sinergias e a relevância do papel da comunidade intelectual na esfera pública

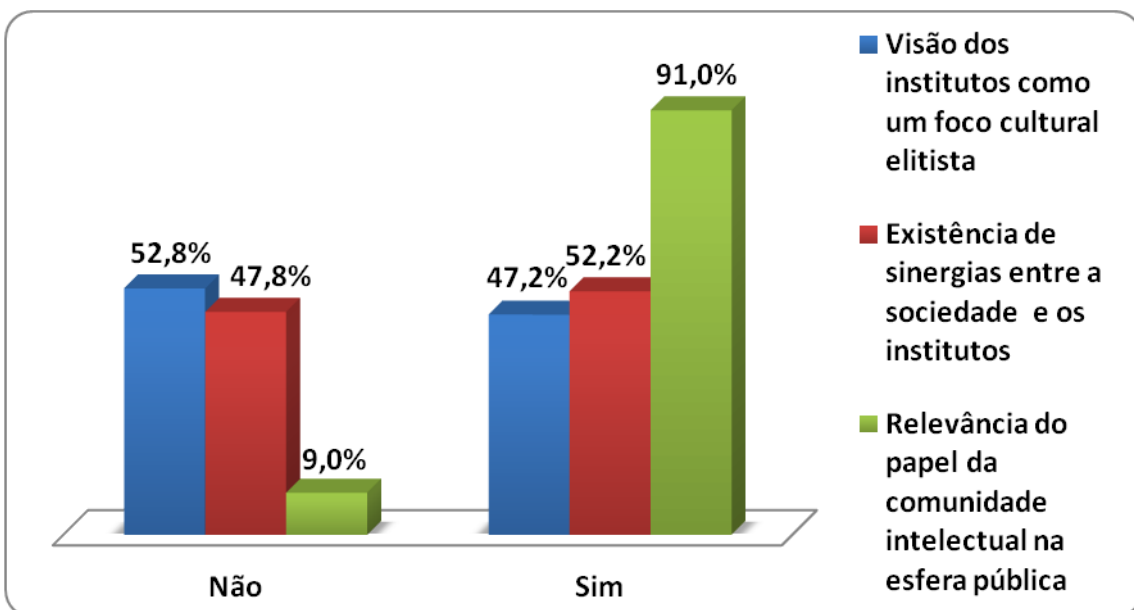


Gráfico 26: Cruzamento dos que conhecem aos institutos um papel no desenvolvimento e promoção da cultura com a visão dos institutos como um foco cultural elitista, a opinião do estabelecimento de sinergias e a relevância do papel da comunidade intelectual na esfera pública

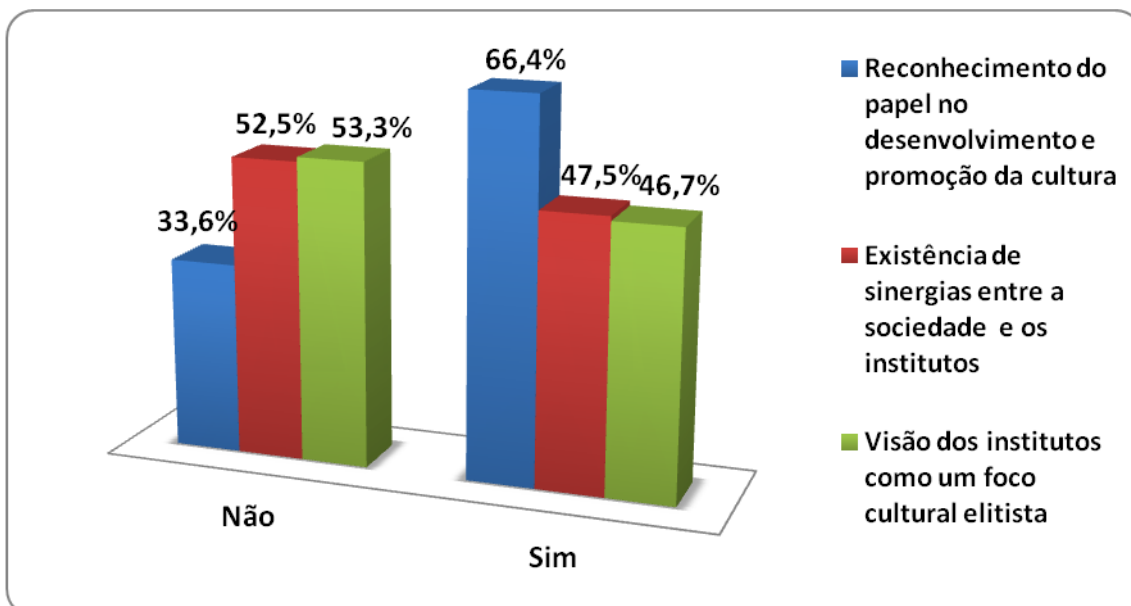


Gráfico 27: Cruzamento dos que acham relevante o papel da comunidade intelectual na esfera pública com os que reconhecem aos institutos um papel no desenvolvimento e promoção da cultura

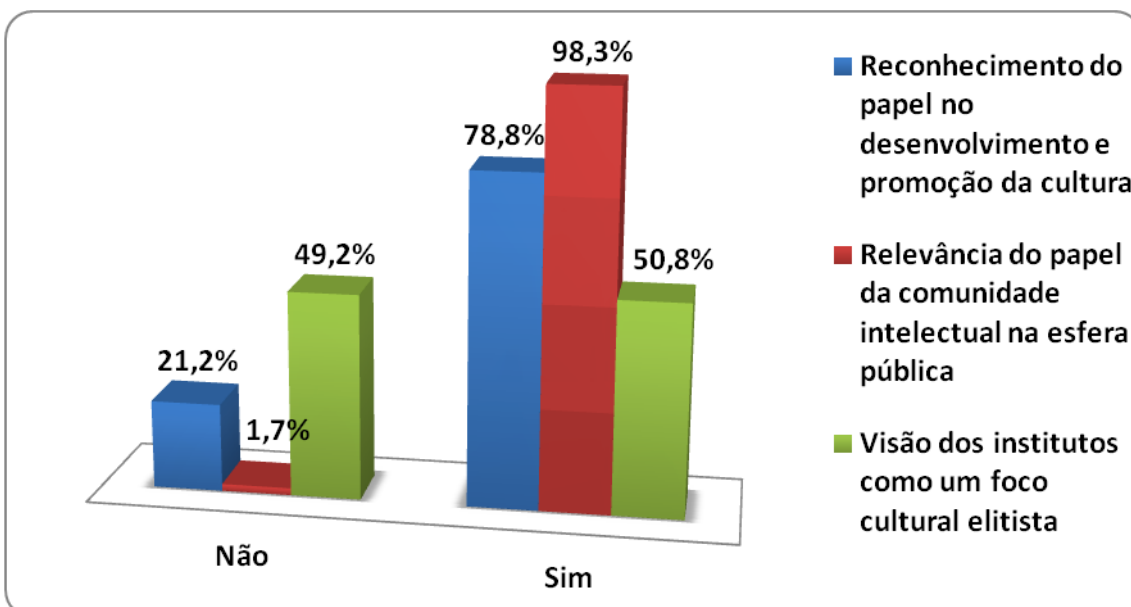


Gráfico 28: Cruzamento dos que reconhecem que os institutos culturais açorianos estabelecem sinergias com a sociedade com os que reconhecem aos institutos o papel no desenvolvimento e promoção da cultura, a relevância da comunidade intelectual na esfera pública e a visão dos institutos como um foco cultural elitista

